



**Presidente
da Câmara
de Celorico
da Beira**

**O primeiro
autarca
em tribunal
desde o 25
de Abril**

Foi ontem adiado o julgamento do primeiro autarca, desde o 25 de Abril, sob a acusação de ter cometido irregularidades durante o exercício das suas funções. Trata-se de Carlos Alberto Faria de Almeida, presidente da Câmara de Celorico da Beira, cujo caso com as respectivas acusações foi despoletado pelo «Diário de Lisboa». Na sequência da nossa reportagem, o Ministério da Administração Interna viria a fazer uma sindicância às actividades daquele autarca. O despacho de pronúncia do Tribunal de Instrução Criminal acabaria por levar Faria de Almeida, mais sete pessoas ligadas à sua Câmara—incluindo a sua própria mulher que é vereadora—à barra do Tribunal. E foi precisamente a falta da mulher do presidente que levou ao adiamento do julgamento.

pág. 8

"CASO" DA ESTÓNIA NO PARLAMENTO

AMARAL VOLTA À BANCADA PARA INTERVIR NOS DEBATES



Promete ser agitada a sessão desta tarde no Parlamento, com o «caso» da Estónia em foco. Fernando Amaral, que ontem criticou àesperamente o Governo, delega hoje a presidência da sessão plenária num dos vice-presidentes para regressar às bancadas e poder intervir nos debates. O seu lugar será na bancada do PSD e está inscrito como primeiro orador da sessão, para fazer um relato detalhado de todas as fases que antecederam a visita da delegação parlamentar à União Soviética. No período de debate que se seguirá estão previstas intervenções de todos os partidos. Ao fim da manhã não estava ainda confirmada a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros e do ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares.

pág. 3

Por o Estado não assumir as suas obrigações

EDP: FACTURAÇÃO PARA 87 NÃO COBRE A DIVÍDA

Pág. 11

**Amanhã no "DL": destacável
sobre o Rallye de Portugal**

**"DL" no Rallye de Portugal
com a
poligrupo**

FOLHETIM ARTÍSTICO

Olhando o Arco do Triunfo

José Augusto França

Não, bem entendido, o da rua Augusta, imaginado pra Pombal, retomado nos anos 40 do Costa Cabral (que, para o sogro do Eusébio Macário, era mesmo um segundo marquês — que só foi de uma cidade mais abaixo), e terminado, enfim, nos anos 70 do Senhor D. Luis sob Progressistas ou Regeneradores, que tanto fazem, ou sempre fazem, como muito bem explicava o conde de Abranhos. O termo do arco foi do Calmels, mas não falemos em coisas tristes, e desde já digamos que o arco em questão neste folhetim é outro, está em Paris — e, vendo-o pela milésima vez esta manhã, na bruma chuvosa, e rodeado de japoneses fotógrafos, entrei numa meditação de que me permito (sem mais nada para fazer) dar conta ao leitor, para seu benefício eventual. De qualquer modo, há que tirar duas questões do arco em questão.

É o caso que o Arco de Triunfo de L'Étoile, que se chama também praça Charles de Gaulle, leva a interessantes reflexões sobre a arte e quem oficialmente a encomenda, mesmo no umbigo do mundo. Para que não pensemos mal de mais dos nossos próprios encomendadores — progressistas ou regeneradores, repita-se.

A praça nasceu depois do arco, era sítio já assim chamado, ao alto dos Champs Elysées, quando as barreiras do imposto municipal foram traçadas, ao fim de Setecentos. Napoleão quis comemorar as vitórias da sua Grande Armée e aprovou, para o efeito, o plano de Chalgrin, em 1806. Quatro anos depois, para que a nova imperatriz passasse sob (o arco), simulou-se a construção em estrutura de madeira com tela pintada, como aliás desde o século XVII se fazia, espécie de «trompe l'oeil» oficial. A Praça das Vitórias, por exemplo, ou a igreja de Santa-Genoveva/Panteão, assim foram inauguradas em Paris pelos Luíses XIV e XV; e também a nossa Praça do Comércio pombalina, em 1775, para contentamento e proveito do Pombal,

quando da erecção da estátua do rei José.

Em 1836, o arco de Chalgrin estava terminado e por baixo dele, quatro anos depois, passaramas cinzas do imperador. O destino do monumento assim se fez historicamente, cabendo ao outro e menor Napoleão fazer edificar a praça com um plano equilibrado e de discreta solenidade, aprovado por Haussmann e proposto pelo alemão Hittorff em 1854 — o que foi objecto de excelente exposição recente no Museu Carnavalet. Assim se definiu uma das mais belas praças do mundo ao mesmo tempo que se pensava em levantar uma Ópera que punha ponto final no mesmo discurso simbólico.

O arco inspira-se, é claro, da Antiguidade romana, mas duplicando as medidas daquele, que Constantino fez erigir em Roma, até aos 50 metros de altura que de todo o lado se vêem. Um friso envolve o monumento, com seis composições em alto-relevo, figurando principais batalhas da República e do Império, de Jemmapes e Austerlitz, numa continuidade histórica de França mais ou menos veículo ideológico. Os nomes de outras estão inscritas no interior do arco, como os de meio milheiro de generais que, mais ou menos também, as ganharam. Mas o que sobretudo interessa no conjunto são os quatro grupos que, dois a dois, do lado dos Campos Elíseos e do lado da antiga avenida da Imperatriz, hoje da Grande Armée, tornam as suas faces principais. Ou um só dos quatro.

E aí estão as duas lições de que vos falo, artística uma e social outra, culturais ambas nas andanças significativas da História.

Foi o caso que Rude recebeu a encomenda dos quatro grupos, mas que dois outros artistas, de menor e logo se vê mesquinho talento, intrigaram junto do governo, para que a encomenda fosse repartida, ficando um deles com duas peças, outro com uma e com uma só também o próprio Rude. O governo

era, na altura, encarnado no ministro Thiers — que, aliás, começara a carreira pública como crítico de arte romântico. A desculpa de ser apenas ministro não deve portanto colher no caso. Quais as influências de ordem política, de que os dois rivais de Rude disputavam, não importa: nunca coisas dessas, progressistas ou regeneradoras, importam, todas elas equivalentes e parecidíssimas...

Isto se lembra por causa da moral, que raramente é o forte dos governantes. Por causa da arte, que ainda é sua fraqueza maior, olhemos agora o monumento do lado dos Champs Elysées; do outro lado, os grupos de Ete não valem a volta. E logo qualquer visitante da cidade, mesmo japonês, olhando o mundo só pela lente da máquina fotográfica, compreendeá o mal ou o roubo que lhe fez Thiers.

Nessa face do arco está a «Marsehesa» de Rude, à direita, e à esquerda, o «Triunfo de 1810», de Cortot (que assim se chamava o segundo ladrão da história). Os dois grupos correspondem-se historicamente já que o de Rude intitula-se, de modo mais preciso, «a partir dos voluntários de 1792»: nele começa a evocação da epopeia, no outro está o fim dela.

E diríamos que, como propositadamente, o fim traz na sua medíocre qualidade escultórica a dúvida sobre o valor do próprio triunfo que pretende representar... Corpos hirtos numa simetria passiva, poses de atelier, tratamento mole das formas, indigência da concepção académica — tudo apresenta o pobre do concorrente de Rude, protegido pelos poderes públicos. Ao lado, porém, o escultor preterido para o conjunto da estatutária apresenta uma das obras-primas da arte do século XIX — este grande e generoso impulso de liberdade e de fé que levanta as formas num acorde majestosamente romântico.

Só que Carpeaux virá a responder-lhe para uma outra sociedade, que voltou a dançar. E entre o Arco do Triunfo e a Ópera, de um Napoleão para outro, assim passou o imaginário de Oitocentos...



Fernanda Ramos
16 anos

Estudante (10.º ano — Ciências)

"A tropa desenvolve as capacidades físicas e intelectuais"

Achas bem as mulheres irem para a tropa?

— Também têm direito a isso. Mas desde que não sejam obrigadas.

E têm direito porquê?

— Para estarem em igualdade com os homens. Eu não concordo com as guerras, mas acho que a mulher deve preparar-se para qualquer eventualidade.

O que tens contra o facto de o serviço militar sr obrigatório?

— É que quando é obrigatório as pessoas podem não gostar de ter que ir, não é?

Num tempo em que as mulheres querem é ser diferentes dos homens para que queres ir para a tropa e ser igual nisso a eles?

— Não sei, a mulher está a tentar superar-se e ir mais além, não ficar pelo trabalho de casa. Na tropa pode descobrir valores que antes não conhecia. E é também o gosto pela experiência: ver o que a gente faz.

Quanto a ti, serve para quê a tropa?

— Desenvolver as capacidades físicas e intelectuais, e preparar as pessoas para a luta constante da vida.

Como se fosse uma escola?

— Sim.

Então as Forças Armadas não têm como finalidade a defesa do País?

— Defesa...

Sim, para se defender de outro país qualquer que nos queira atacar?

— Sim, mas eu acho que a guerra devia resolver-se por outros modos. Toda a gente está em guerra!

SE OS JOVENS PUDESSEM...

Governo acusado de "falta de sentido de Estado"

DEPUTADOS VÃO ESCLARECER HOJE A QUESTÃO DA VISITA À ESTÓNIA

Fernando Amaral e os deputados que o acompanharam à URSS acusaram o Governo Cavaco Silva de uma «clara falta de sentido de Estado e de solidariedade institucional que deve presidir aos órgãos de soberania».

Na declaração, lida pelo Presidente da AR à chegada ao aeroporto e subscrita por todos os deputados da delegação, o Governo é ainda acusado de ter posto «em causa a dignidade da Assembleia da República, do seu presidente e da delegação parlamentar, criando-lhe uma situação profundamente delicada e melindrosa que poderia afectar gravemente as relações entre os dois países».

O presidente da AR, que esta manhã esteve reunido com os líderes parlamentares para preparação da sessão plenária dedicada à questão (a tratar no ponto de antes da Ordem do Dia), referiu todo o processo de preparação da visita (pedido de informação ao MNE, dossier enviado pelo MNE à AR sobre as relações luso-soviéticas sem menção das «reservas» sobre a Estónia, contactos com embaixada em Moscovo e informação entregue ao secretário de Estado dos Assun-

tos Parlamentares), sublinhando «não ser lícito concluir que o Ministério dos Negócios Estrangeiros não tinha conhecimento do programa da visita».

O comunicado frisa, ainda, que foi «em homenagem» aos princípios do sentido de Estado e de solidariedade institucional que a visita à Estónia foi cancelada e refere a «cordialidade» com que as autoridades soviéticas apresentaram uma proposta alternativa de programa.

«A delegação — diz ainda o documento — considera que se torna indispensável e urgente o esclarecimento de todo este processo com vista ao cabal apuramento de responsabilidades e à completa informação da opinião pública».

Deputados não queriam recuar

Segundo apurou o DL, a decisão de Fernando Amaral de cancelar a visita à República



Ladeando Fernando Amaral, à chegada a Lisboa, os deputados João Amaral (PCP), Raul de Castro (MDP) só parcialmente visível, ao lado de José Carlos de Vasconcelos (PRD), Ferraz de Abreu (PS) e Gomes de Pinho (CDS)

Soviética da Estónia foi tomada apenas na sexta-feira, em Moscovo, já depois da deslocação a Leninegrado. Segundo soubemos ainda, todos os deputados (à excepção do representante do PSD), tinham acordado, na véspera, no comboio que partira de Leninegrado, efectuar a visita programada, aceitando, porém, em última instância, e solidariamente, a decisão que o Presidente da AR. tomasse.

Para os deputados, tratava-se, no fundamental, de respeitar um programa que tinha sido previamente aceite, evitando afrontar a entidade anfi-

triã, e de salvaguardar o prestígio do Parlamento português.

De registar, ainda, o facto de os soviéticos terem mantido a audiência de alto nível, na tarde de sexta-feira, no Soviético Supremo com a delegação portuguesa, já depois da decisão de cancelamento da visita à Estónia.

Comunicado conjunto

Também o comunicado final conjunto sobre a visita da delegação à URSS foi aprovado,

já depois da «brônca», sem que a parte soviética tivesse criado problemas.

O documento salienta a informação dada pelos soviéticos sobre «o trabalho realizado no país dentro da linha política do XXVII congresso do PCUS e no seguimento das resoluções da reunião plenária de Janeiro do CC do PCUS, orientadas para intensificar o desenvolvimento socio-económico, renovar e reestruturar todas as esferas da vida da sociedade».

Diz ainda o comunicado que os parlamentares portugueses «manifestaram o seu interesse

pelo processo de transformações que actualmente se desenvolve na URSS». E referida também a preocupação comum pela «continuação da corrida aos armamentos e pela actual situação internacional», é realçado o papel que os parlamentares «podem e devem» desempenhar na «activação dos esforços que contribuam para a humanização das relações internacionais» e é manifestado o empenho no integral cumprimento das conclusões da Acta Final de Helsínquia.

O documento sublinha, finalmente, «a importância que os próximos contactos luso-soviéticos, em especial os de alto nível, podem desempenhar na activação do diálogo político entre os dois países».

Presenças no aeroporto

A delegação foi recebida no aeroporto pelo chefe de Gabinete do Presidente da República, dr. Nunes Barata, pelo embaixador soviético em Lisboa, pelo vice-presidente da AR, Marques Júnior, pelo presidente do PS, Tito de Morais, e por representantes do PS, do PRD, do PCP e do MDP.

PPM quer eleições para o PE

A Comissão Política do Partido Popular Monárquico defendeu ontem à noite a ideia de ainda este ano se efectuarem em Portugal eleições para o Parlamento Europeu.

Em comunicado divulgado

aos órgãos de comunicação social, aquela comissão apoiou as declarações nesse sentido feitas pelo Presidente do Parlamento Europeu, sir Henry Plumb, numa entrevista que ontem mesmo foi publicada pelo «Diário de Notícias».

Para o PPM é «preocupante que, mais de um ano decorrido sobre a adesão de Portugal à CEE, não tenha ainda sido discutida e aprovada a legislação necessária à realização de eleições directas para aquele órgão comunitário».

Embaixador da Polónia visitou o "DL"

O novo embaixador da República Popular da Polónia, dr. Zygmunt Pietrusiriski, e o secretário para Assuntos de Imprensa e Cultura, Marek Wysocki, visitaram o «Diário de Lisboa» onde foram recebidos pelo director-adjunto Pedro Ruella Ramos e pelo director-adjunto Fernando Piteira Santos. O embaixador Zygmunt Pietrusiriski, na troca de impressões sobre a sua missão em Portugal, a par de vin-

cado empenho pelo estreitamento das relações culturais entre a Polónia e Portugal, mostrou-se interessado numa cooperação técnica entre estaleiros de construção naval polacos e portugueses. Por outro lado, no domínio comercial, revelou interesse pela abertura em Lisboa de uma «Loja Varsóvia». Em Varsóvia já existe uma «Loja Lisboa».



O director-adjunto do «DL», Piteira Santos, o embaixador da Polónia, Zygmunt Pietrusiriski, o director do «DL», Ruella Ramos, e o secretário para os Assuntos de Imprensa e Cultura, Marek Wysocki, durante a visita ao nosso jornal



ACÇÃO COMUM PORTUGAL/CEE
REGULAMENTO (CEE) 4.028/86



AJUDAS DA CEE PARA:

MODERNIZAÇÃO DA FROTA
AQUICULTURA

AVISO

Avisam-se os investidores interessados que desejem beneficiar das Ajudas no âmbito do Regulamento (CEE) n.º 4.028/86 que, a Direcção Geral das Pescas, em colaboração com o IFADAP, realiza reuniões de informação/divulgação nas seguintes datas e localidades:

Dia 19/3 — Viana do Castelo — Aveiro — Peniche — Sesimbra — Portimão.

Dia 20/3 — Póvoa do Varzim / Vila do Conde — Figueira da Foz — Lisboa — Setúbal — Olhão.

Dia 21/3 — Matosinhos — Aveiro — Peniche — Sines — Vila Real de St.º António.

Dia 22/3 — Póvoa do Varzim / Vila do Conde — Figueira da Foz — Nazaré — Sesimbra — Tavira.

Local das reuniões: Serviço de Lota e Vendagens, pelas 15 horas.

Totobola/Totoloto: meter o Rossio na Rua da Betesga em hora de ponta

O Departamento de Apostas Mútuas constitui uma das principais fontes de financiamento do actual sistema da Segurança Social, constitucionalmente previsto. Apesar das dificuldades, das reestruturações, através dos tempos não há memória de qualquer falha impeditiva do funcionamento dos concursos. Semanalmente sucedem-se.

No mínimo, parece estranho que o actual Governo insista em protelar as soluções necessárias para resolver um conjunto de problemas laborais que se arrastam há vários anos.

O Departamento de Apostas Mútuas é parte integrante da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, instituição estatal que na região de Lisboa prossegue actividades várias, designadamente de protecção e integração social.

Pelo volume das suas receitas e lucro, a sua actividade influencia directamente a qualidade dos serviços prestados à população pela Santa Casa.

Todas as semanas

- Cerca de 650 trabalhadores, dos quais 200 são dos quadros do DAM, tudo fazem para que nada falhe no apuramento dos concursos do totobola e totoloto.
- Inicialmente, o País é dividido em duas zonas. Uma, corresponde à região Norte, a outra, é composta pelo Centro, Sul e Ilhas. Realecem-se os cerca de 5 milhões de boletins.
- tarefa dura, de responsabilidade, que ao longo dos anos tem sido cabalmente desempenhada, e, sê-lo-á até ao dia em que algo aconteça, num sistema que também tem pés de barro.
- Em Lisboa, todos os agentes entregam o movimento até às 21h30, depois de terem fechado as recepções 2,5 horas antes. Nos restantes distritos, o horário é definido pela passagem dos carros oficiais nas respectivas localidades.
- No Centro/Sul, 40 trabalhadores, em equipas de dois, têm por responsabilidade recolherem todas as esperanças de um povo fortemente penalizado pela crise e que vê nas apostas uma hipótese de um dia ter um futuro mais desafogado.
- Afinal, 5 milhões de esperanças, conduzidas ao longo de milhares de quilómetros, por homens que não têm sequer um rádio-telefone para

contactarem os responsáveis no caso de dificuldades intransponíveis.

- Com jogos de futebol aos sábados e domingos, porque as bolinhas da fortuna entram em casa na hora do jantar de sábado, tudo tem que estar pronto a tempo e horas.
- Regularmente, só são válidas as apostas cujos boletins tenham sido microfilmados antes do início dos jogos. E até lá?

O circo vai começar

- Muitas vezes, parece ser milagre como tudo é possível, como tudo se faz.
 - Recentemente, em visita efectuada ao DAM por dirigentes sindicais, dizia-lhes um trabalhador: «o circo vai começar, na pista, em simultâneo, temos o domador de leões, ao lado a parelha de palhaços da nossa alegria, a menina das bolas de cristal, lá em cima, o equilibrista no arame sem rede».
 - Pela velocidade, responsabilidade e eficácia como se faz, mais parece o «circo da Fórmula 1». E tudo em simultâneo. Até quando?
- Chegados os carros, são abertas as sacas, conferidas as relações e enviados os envelopes ao 2.º ou 3.º andares para conferência e contagem dos boletins, num ambiente onde não vale a pena falar porque o barulho das máquinas é tanto que ninguém ouve, para além de que o pó do papel deixado no ar não é aconselhável a uma boa prática oratória. Das 22 horas às 2.30 da ma-

nhã, uma grande equipa faz um grande trabalho.

Os papelinhos dos milhões de ilusões voltam novamente à cave — entre sacos entrados, pacotes conferidos, paredes a escorrer água, apesar do prédio ter dois anos, cheiros a tinta, carros a chegarem às dúzias, polícias a apitarem, numa rua onde não cabem dois Fiats 600 e, depois, são reagrupados por agentes para subirem novamente na «sua vida» até ao último andar.

Finalmente são microfilmadas da uma hora da manhã numa máquina sueca, altamente sofisticada e ligada a dois potentes «bichos informáticos». Um conjunto de jovens dá o seu melhor durante cinco horas, que, para além de uma compensação financeira variável entre 22 a 30 contos mensais, terão também mais tarde um bom par de varizes, por trabalharem sempre em pé.

5 milhões de papéis

Dos 5 milhões de papéis, 80% são totoloto e 20% totobola. Porquê? Porque apesar de tudo nem todas as mulheres do País vão ao futebol, porque nem todos os cidadãos estão ganhos para a problemática futebolística, porque o totoloto entra-nos em casa pela televisão e é uma questão de sorte pura, sem táticas do ponapé na bola. Destes, 0,8% são rejeitados e têm que ser vistos manualmente.

Por mês sempre são 3 milhões de contos em receitas, 600 000 contos de lucro. Por ano, este último aumenta porque, infelizmente, cerca de 800 000

contos de prémios não são levantados pelos utentes. Tanto dinheiro, quando afinal, quem aposta e paga é quem ganha menos!

Estdos e estudiosos

Técnicos altamente qualificados, «tão altamente», que ninguém os viu nos serviços a recolher a opinião dos que há 20 anos dão o seu melhor, planificaram toda a estrutura para o máximo de 2,5 milhões de apostas.

Milhões de contos gastos em estruturas, milhares gastos noutras coisas, certamente nobres, como todos sabemos, para, dois anos depois, todas as teorias estarem ultrapassadas pela dura realidade.

Como foi possível chegar a conclusões que apenas pecaram por só conceberem metade da estrutura?

O conflito

Só o esforço, a deicção, o empenhamento, a qualificação e o sentido de responsabilidade dos trabalhadores do Departamento de Apostas Mútuas possibilita que, todas as noites de domingo, se conheçam as previsões de quantos podem alterar a sua vida com os destinos da sorte.

Parece assim estranho ue, apesar de tudo isto, o Governo persista em não resolver um conflito laboral que pode ter reflexos tanto na prestação dos serviços à população como nas receitas provenientes dos povos.

Será que se visa nova medida desestabilizadora do sistema da Segurança Social?

Vitor Duarte

Coordenador do Departamento de Segurança Social da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública e da Comissão Executiva do Sindicato da Função Pública do Sul e Açores.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO



ACADEMIA MILITAR

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA CANDIDATOS MILITARES

Está aberto concurso para admissão de candidatos militares ao Curso Geral (1.º Ano) da Academia Militar, devendo a entrega de documentos ser feita de 30 de Março a 10 de Abril de 1987, nas respectivas unidades de colocação.

Para informações contactar a Academia Militar (Paço da Rainha, 1100 - LISBOA - Telef. 56 39 91 Ext. 31) ou qualquer Unidade ou Estabelecimento Militar.

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA - T. 726 00 18

TEXTO DE ROGER VITRAC
3.º MÊS
"VICTOR"
ou
as crianças no poder
DOMINGO 17 H
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
*TERÇA *QUARTA *E QUINTA PREÇO ÚNICO: 200.00
SUB SEC
BRÁS E BRÁS * SECLA-FAIANÇA * R. COMERCIAL

CAFÉ
TEATRO

SEXTAS-SÁBADOS
ÀS 23.30 H

*** FARSA
VOCE
MESMO ***

2 SALAS

2 ESPECTÁCULOS
O MESMO GRUPO

HOLANDA
TULIPAS EM FLOR

DE 1 A 16 DE MAIO
por ESPANHA * FRANÇA
* BELGICA * HOLANDA *
ALEMANHA * LUXEM-
BURGO, etc.

INSCRIÇÕES LIMITADAS

NOTA A REALIZAÇÃO
DESTA VIAGEM E NO
AUGE DA FLORAÇÃO

RESERVAS E INFORMAÇÕES

LUSANOVA TURISMO
Av. João XX 9 A M. Moniz 6-A
Tel. 89 43 11 89 44 80

VENDE-SE MOTO

Mod. Kawasaki, 500 2T Mach III/74

Bom estado — 250 contos

Cont. Tel: 42636 depois 19h
rede de Viana do Castelo

TRIBUNAL JUDICIAL
DE
SETÚBAL

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: ser decretado o divórcio entre a autora e o réu declarando-se este o único culpado.
Acção de divórcio n.º 195/86 1.º Juízo 1.ª secção. Autor Maria Manuela de Sousa Caetano Pires. Réu LUIS ANTÓNIO JESUS PIRES, casado, com última residência conhecida na Rua Vasco da Gama, 186, r/c, Pontinha, Odivelas, Lisboa.

Setúbal, em 10 de Março de 1987

O JUIZ DE DIREITO

Ernesto António Garcia Calejo

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Ana Bela Ramalho Ramos Fernandes

«DL» - 17/3/87 - 1.ª Pub.

DIGA SIM
A VIDA



SEJA VISTO

PCP dos Açores denuncia "corrupção"

O deputado regional do PCP dos Açores Decq Mota disse ontem que «a corrupção está instalada no poder político regional onde vários grupos lutam por lugares cimeiros provocando a degradação do poder».

Segundo Decq Mota, que apresentou as conclusões da reunião de fim de semana da direcção do partido na região, «é hipócrita a forma como o Governo encara as situações de grave extensão de miséria e pobreza no arquipélago».

Para combater os custos da insularidade, aquele deputado defendeu «a intervenção na redução dos custos dos trans-

portes de certos factores de produção agrícolas, das pescas, da construção e de mercadorias importadas». Entre outras medidas com o mesmo objectivo, adiantou «a promoção da produção na região de bens alimentares importados e a realização de uma política de protecção de preços a certas produções regionais essenciais». Preconizou, igualmente, «o combate à especulação nos preços de mercadorias importadas e a introdução de factores de compensação de rendimentos», em caso de desigualdade derivada da insularidade, argumentando «não ser inevitável que a vida seja mais cara nos Açores».

Para comemorar a Revolução Associação 25 de Abril leva espectáculo musical ao Coliseu

A Associação 25 de Abril anunciou ontem, em Lisboa, a realização no Coliseu dos Recreios, dia 30 de Abril, de um espectáculo musical comemorativo do 13º aniversário da «Revolução dos Cravos».

António Pinho Vargas, Rui Veloso, Fausto, Trovante, Carlos Paredes Adelaide Ferreira e Lena d'Água são alguns dos nomes que participam no espectáculo, cuja organização estará a cargo de António Reis, António Casimiro, Cáceres Monteiro, Pedro Osório, José Nisa e Fialho Gouveia.

No âmbito das mesmas comemorações, será também editado um disco com canções inéditas de autores e intérpretes portugueses, designadamente, Vitorino, Luís Pedro Fonseca, Maria Guinot, José Mário Branco, Fernando Tordo, Joaquim Pessoa, Jorge Palma e Janita Salomé. O álbum integrará ainda duas canções de José Beato e do conjunto «O Bombo da Festa», vencedor do concurso de canções inéditas de jovens compositores. A campanha de fundos para a nova sede já recolheu cerca de 2.800 contos.

O caso dos estudantes de Timor

INDONÉSIA REJEITA MEDIACÃO HOLANDESA

O Governo indonésio rejeitou a mediação da Holanda no caso dos quatro estudantes timorenses refugiados na embaixada holandesa em Jacarta, alegando tratar-se de um assunto interno da Indonésia, disseram fontes diplomáticas.

Segundo as mesmas fontes, o caso dos quatro estudantes, que aguardavam a autorização de saída daquela representação diplomática, só poderá ser agora tratado no âmbito das conversações em curso entre os governos de Portugal e da Indonésia, sob os auspícios do secretário-geral das Nações Unidas.

Interrogado sobre esta notícia, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador Rui Brito e Cunha, confirmou o insucesso das diligências das autoridades holandesas que representam os interesses de Portugal em Jacarta.

«De facto, o Ministério indonésio dos Negócios Es-

trangeiros comunicou à embaixada da Holanda em Jacarta que não aceitava a mediação holandesa, considerando que o caso dos quatro estudantes refugiados era um assunto interno da Indonésia», disse o porta-voz do Palácio das Necessidades.

Recorde-se que os quatro estudantes timorenses — Abílio Sereno, João Câmara, António Gonçalves e Fernando Silva — refugiaram-se na embaixada holandesa e solicitaram uma autorização para partir para Portugal.

Agora, e perante o insucesso dos esforços da embaixada holandesa junto do Governo indonésio, o assunto passa a ser seguido pela mis-

são portuguesa junto das Nações Unidas, em Nova Iorque, disse Brito e Cunha. A mesma fonte adiantou ainda que o Governo português já agradeceu «a atenção e o empenho da Holanda» e pediu que Haia continue a desenvolver esforços para que os estudantes sejam autorizados a partir para Portugal.

Entretanto, fontes diplomáticas indicaram à Lusa que, após este insucesso na tentativa de mediação entre a Indonésia e Portugal, resta às duas partes abordar o assunto no quadro das negociações que actualmente realizam nas Nações Unidas, centradas em questões humanitárias e na busca de uma solução global para Timor-Leste.

A Indonésia invadiu Timor-Leste em 1975, anexando formalmente o território no ano seguinte, atitude que não foi reconhecida por Portugal nem por grande parte da comunidade internacional.

Filinto de Barros em Lisboa

Guiné-Bissau:

uma aposta

na iniciativa privada

O desenvolvimento da Guiné-Bissau passa por um processo de liberalização económica que confere à iniciativa privada um papel mais dinâmico — declarou ontem o ministro guineense de Recursos Naturais e Indústria.

Filinto de Barros, que usa a palavra na sede da Associação Industrial Portuguesa, em Lisboa, afirmou que o seu país tem todo o interesse em «dinamizar a cooperação e colaboração com Portugal, em particular através das empresas privadas portuguesas». A visita do ministro guineense à AIP realizou-se na sequência de um convite informal pelo presidente da Associação, Rocha de Matos, que esteve em meados de Fevereiro em Bissau, onde assinou um protocolo de cooperação com as autoridades daquele país africano, ligadas à área da indústria.

Filinto de Barros, que falava a 25 empresários portugueses interessados em investir no seu país, descreveu a situação económica e financeira da Guiné, dizendo nomeadamente que se abrem às empresas privadas portuguesas possibilidades excelentes de investimento.

UM MUNDO DE SERVIÇOS

NA AUTO ESTRADA DO SUL
em

PALMELA

UMA NOVA ÁREA DE SERVIÇO DUPLO
DE DIMENSÃO EUROPEIA

APTA A CONCEDER-LHE — A SI E AO SEU CARRO —
TODO O APOIO DE QUE NECESSITAM:

- POSTO DE ABASTECIMENTO COM O MAIS AVANÇADO E RÁPIDO SISTEMA DE SELF SERVICE:
GASOLINA SUPER, GASOLINA NORMAL, GASOLINA SEM CHUMBO, GASÓLEO E LUBRIFICANTES.
- ESTAÇÃO DE SERVIÇO - DESEMPANAGEM
- RESTAURANTE/ SNACK BAR
- CAFETARIA
- LOJA GALP (mini-mercado)
- TELEFONE PÚBLICO
- ÁREA DE REPOUSO E LAZER
- PARQUE INFANTIL
- BLOCOS DE INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PARA O PÚBLICO EM GERAL
- BLOCOS DE INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PARA MOTORISTAS DE LONGO CURSO
- BLOCOS DE INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PARA DEFICIENTES

ABERTO 24 h/DIA



esperamos por si,
temos um brinde para lhe oferecer!

* oferta temporária



GALP - DIMENSÃO EUROPEIA EM PORTUGAL!

TERÇA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1987

5

PARTIDOS COINCIDEM NA SALVAGUARDA DOS INTERESSES PORTUGUESES EM MACAU

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, conclui hoje, com uma audiência a Adriano Moreira, presidente do CDS, as consultas que ontem iniciou, com os responsáveis de todos os partidos parlamentares, a quem informou do andamento das negociações luso-chinesas sobre Macau.

A saída, ontem, do encontro em S. Bento, o dirigente socialista Jorge Sampaio declarou que o seu partido defende uma «plataforma nacional, aceitável para as várias forças políticas», no debate sobre o futuro de Macau. Frisando nada poder revelar, dado o «carácter reservado do assunto», o representante do PS referiu que Cavaco lhe mostrou o texto das propostas que Portugal

apresentará às autoridades chinesas, durante a última fase das negociações que decorrem a partir de amanhã, em Pequim.

Ramalho Eanes (PRD), que esteve acompanhado na reunião pelo deputado e economista do seu partido, Ivo Pinho, considerou «relativamente bem conduzido» o processo de negociações entre Portugal e a China. O presidente dos

renovadores salientou, como pontos essenciais para as negociações, a salvaguarda dos interesses específicos da população macaense e dos interesses históricos e culturais portugueses no território. Eanes considerou ainda de «complexidade enorme» a questão de Macau e sublinhou que as negociações devem ser «rápidas, abertas e transparentes».

Alvaro Cunhal, por sua vez, manifestou preocupação pela possibilidade de os cerca de 70 mil cidadãos de origem chinesa, residentes em Macau, virem a adquirir a nacionalidade portuguesa. O líder do PCP, que se escusou igualmente a revelar o conteúdo das propostas do Governo, considerou

ainda ser necessário preservar os direitos dos portugueses residentes em Macau e exprimiu o desejo de que as negociações se concluam rapidamente.

O líder do MDP/CDE, José Tengarrinha, foi recebido a meio da tarde e, tal como já havia referido há dias, no final de outra audiência com Cavaco, defendeu medidas urgentes de salvaguarda dos interesses económicos e culturais de Portugal em Macau. «Temos treze anos para trabalhar no sentido da preservação da presença cultural portuguesa no Oriente», acentuou Tengarrinha, que se mostrou ainda de acordo com o elenco de questões levantadas pelo Governo nas negociações.



Eanes (PRD) com Cavaco e Pires de Miranda

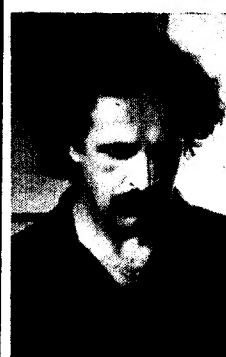
De um lado...

A British Airways sabe
como é importante ir sempre mais longe.
Aproximar, regularmente, os seis continentes do globo.
Transformar longas viagens de negócios
em agradáveis passeios.
E não mudamos. Sabemos
como a qualidade do nosso serviço
é importante para si.

BRITISH AIRWAYS

A companhia aérea preferida em todo o mundo.

PONTOS DE VISTA



Walters e Valladares, Ltd.^a

Eugénio Alves

Quarta-feira, 6 de Março, entre as 14 e as 15 horas, a embaixada norte-americana em Lisboa recebe, nas suas instalações, jornalistas e outros convidados. Objectivo: assistir a uma transmissão da «Worldnet» (espécie de «Voz da América» televisiva) dedicada aos direitos humanos. No convite sublinha-se, como, grandes figuras da emissão, o ex-diretor da CIA e actual embaixador na ONU, general Vernon Walters, e o cubano Armando Valladares.

Walters chega, dias depois, a Lisboa. E recebido por Cavaco Silva e dá, mais tarde, na mesma embaixada, uma conferência de Imprensa. Aí opina sobre Timor. Diz que a administração indonésia sobre o território é facto consumado. Opina também sobre a Estónia: «os EUA não reconheceram a ocupação pelos soviéticos».

Um dia depois, Cavaco Silva decide o envio de um telegrama para Moscovo, avisando a delegação parlamentar chefiada por Fernando Amaral da «inconveniência» de uma programada visita à Estónia. Amaral hesita. Mário Soares intervém. É cancelada a visita.

Sábado, dia 14. Um prestigiado semanário português publica uma extensa entrevista com o «poeta» Armando Valladares. O «poeta», ex-membro da polícia política de Fulgêncio Batista, preso em Dezembro de 1960 por actos comprovados de terrorismo em salas de cinema e em centros comerciais, é apresentado como herói da resistência anti-Fidel.

O ex-bombista, agora «poeta», lamenta, na entrevista, a extrema segurança com que se movimenta o líder cubano. «Nunca se sabe se ele vai de carro, se de avião», e «é muito difícil qualquer acção contra Castro porque ele tem 25 casas espalhadas por toda a ilha e nunca avisa em qual delas vai ficar»-diz. Aplauda o apoio de Reagan aos somozistas porque—comenta—«apoiar os lutadores da liberdade é sempre uma atitude correcta»...De Garcia Marquez (amigo do Povo e da Revolução cubana, prémio Nobel da Literatura), diz o «poeta» ser um homem que «padece de uma grave deficiência moral». Classifica o escritor alemão Günther Grass de «racista» por apoiar o regime cubano. E conclui definitivo: «nenhum intelectual de prestígio apoia Fidel...».

De um tal «poeta», não vimos um só verso nas três páginas que ocupou do semanário. «Agora não penso publicar livros de poemas», confessa. Mas faz 40 minutos de ginástica, todas as manhãs, antes de partir para o seu escritório, em Madrid, onde, financiado por quem pode e o manda, dirige a «sagrada luta pelos direitos humanos».

Outra das histórias do Valladares, respeita ao título do livro de «poemas» intitulado «Da minha cadeira de rodas». De repente tornou-se «paralítico». O que facilitou a campanha internacional por uma eventual libertação. Provou-se, afinal (há um filme espantoso enviado a Mitterrand e a Gonzalez onde se prova a descarada mentira), que Valladares, na própria cela, fazia exercícios diários, fora da cadeira de rodas, para manter a forma!

«Poeta sem versos e paralítico sem paralisia», assim o classificou, com todas as letras, Hernán Uribe, editorialista do jornal mexicano «Excelsior». Ainda no México, Gutiérrez Esparza, jornalista de «El Sol», contou a história do «poeta» e perguntou: «gostaria de saber que destino teria Valladares se o tivessem julgado nos EUA pelos seus crimes terroristas? Muito provavelmente a cadeira eléctrica, a câmara de gaz ou um outro processo mais expedito».

Da prosa mais recente, de Valladares, muito propagandeada pela «Time» e intitulada «Contra toda a Esperança», comentou o «El País»: «...trata-se, na realidade, de um evangelho anticubano da pior espécie. Algo que faria as delícias do Reader's Digest do período da guerra fria. Sem rigor, sem suporte ideológico (fosse qual fosse), sem capacidade narrativa. Enfim, qualquer semelhança entre este livro e a literatura (política ou não-política) é pura coincidência».

Ignoro se a entrevista do «poeta» foi «pura coincidência». A verdade é que a «encomenda» Valladares, preparada pela «Worldnet», já está em Lisboa, com grande aparato informativo e «literário». Chegou uma semana depois de Walters. Chegou no vigésimo ano do assassinato, a frio, de Ernesto Che Guevara. Chegou para caluniar o mais avançado país (em termos sociais, económicos e culturais), de toda a América Latina. O país que soube levantar a cabeça e tratar os senhores da CIA, do Pentágono e da Casa Branca com coragem, dignidade e independência.

Esgotado o veio dos dissidentes de «primeira», contentam-se com o refúgio. É triste que um semanário dado ao rigor e à qualidade, dê tal cobertura a tão desqualificada personagem. Não vai longe, porém, o «poeta» Valladares.

Greve rotativa de Letras começa amanhã em Lisboa

Uma Reunião Geral de Alunos (RGA) da Faculdade de Letras de Lisboa aprovou um plano de greve rotativa, por tempo indeterminado, em todos os estabelecimentos congêneres do País, a iniciar amanhã.

De acordo com o plano, proposto pela Coordenadora Nacional de Luta dos Estudantes de Letras, segundo disse à agência Lusa Luís Silva, da direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, este estabelecimento inicia amanhã o movimento grevista, seguido na quinta-feira pela Faculdade de Letras do Porto e na sexta-feira pela sua homóloga de Coimbra.

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa entra em greve segunda-feira, havendo uma greve geral das quatro escolas na terça-feira, 24 de Março. Dia Nacional do Estudante.

Luís Silva indicou que a partir de 24 de Março as quatro facul-

dades reiniciam o processo grevista rotativo, por tempo indeterminado, «até que o ministro da Educação receba a comissão paritária de estudantes e conselhos científicos para ratificar um acordo assinado por aquela sobre a reestruturação dos cursos universitários de Letras».

Este plano será discutido até quarta-feira nas restantes faculdades envolvidas no processo de luta pela reestruturação dos cursos universitários de Letras.

Aquele dirigente estudantil afirmou ainda que a RGA da Faculdade de Letras aprovou «formas de luta espectaculares», que incluirão interrupções de trânsito na zona da Cidade Universitária de Lisboa e ocupação simbólica de edifícios públicos.

Luís Silva disse à agência Lusa que sexta-feira uma delegação da coordenadora de luta dos estudantes universitários de Letras será recebida pela Comissão Parlamentar de Educação.

Lagoa de Albufeira: 600 demolições até Abril

FORAM ONTEM ABAIXO AS PRIMEIRAS "CASAS"

Trinta casas clandestinas foram ontem demolidas na Lagoa de Albufeira, no primeiro dia de uma vasta «operação de limpeza» que hoje continua e se prolongará por semana e meia. Segundo o comandante Bessa Pacheco, da Capitania do Porto de Setúbal, durante esses nove dias duzentas construções clandestinas irão abaixo.

Aliás, nesta primeira fase, que abrange a destruição de duas centenas de casas e cuja primeira jornada ontem decorreu de forma «arrasadora» — uma escavadora despachou trinta barracas sem dificuldades de maior —, irão abaixo apenas as que estão sob a alçada do domínio público marítimo. Daí a presença do comandante Bessa Pacheco na Lagoa de Albufeira.

A operação arrancou «dentro da maior normalidade e com a colaboração dos utilizadores», adiantou ainda o comandante do porto de Setúbal, que há muito

havam reconhecido terem ocupado aquela área abusivamente. Muitos deles, com efeito, mudaram os seus haveres e procederam à própria destruição das suas barracas.

A decisão de o fazer surgiu depois de muitos desses clandestinos terem recebido um edital em Janeiro deste ano. No entanto, todos eles foram avisados de que o deviam fazer, há cerca de dois anos. Como as despesas das demolições correm por conta dos «ocupantes», uma boa parte deles — como atrás se diz — demoliu antes as suas casas, para poupar dinheiro.

O que as chamadas não destruíram para simplificar trabalho, fê-lo o camartelo, a máquina destinada desde ontem a esta «odiosa» operação e que visa abrir caminho ao plano parcial de urbanização da área degradada a recuperar na zona da Lagoa de Albufeira. Nesta primeira fase, como acima se diz, serão demolidas 200 casas clandestinas, na área Norte (esta semana) e na área Sul (na próxima semana) na Lagoa. No entanto, a operação só terminará em Abril, após a demolição de outras 400 barracas clandestinas, na área do domínio público da Câmara Municipal de Sevilha.

Estas últimas demolições estão previstas para a segunda semana de Abril. Por ora, há apenas um casal que vivia ali a tempo inteiro e não tem, ao que parece, casa para habitar. Um problema a resolver pela assistência social da região.

Vale do Douro

estuda

via rápida

Porto-Barca de Alva

Autarcas, governadores civis e agentes económicos da região do Vale do Douro decidiram criar uma comissão encarregada de apresentar ao Governo um projecto para construção da via rápida Porto-Barca D'Alva.

Numa reunião ontem efectuada em Peso da Régua, aqueles responsáveis consideraram a construção da via rápida marginal ao Rio Douro prioritária para o desenvolvimento integral da região.

A comissão é constituída pelo deputado Alberto Araújo, por um representante de cada concelho marginal ao Rio Douro, um representante da Comissão de Coordenação da Região Norte e pelos Governadores Civis dos distritos de Aveiro, Porto, Vila Real, Bragança e Guarda.

A proposta a apresentar ao Governo será elaborada com vista à inclusão da obra no PIDDAC do próximo ano e à sua candidatura ao apoio dos fundos comunitários.

Editores e docentes contra política de manuais escolares

A legislação sobre política de manuais escolares foi objecto de crítica por parte da comissão do livro escolar da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros e da Federação Nacional dos Professores.

Num encontro nas instalações da Fenprof, os representantes da APEL mostraram-se muito críticos sobre o Decreto-Lei 57/87 de 31 de Janeiro, que regula a escolha e adopção dos manuais escolares. Informou ao mesmo tempo que nada tiveram a ver com tal diploma e que nem sequer foram ouvidos sobre a matéria em questão.

A Federação, por seu lado, manifestou aos representantes da APEL e sua oposição ao ci-

tado decreto-lei, «considerando-o extemporâneo e desinserido do processo de implementação da Lei de Bases». «Tal decreto, para além de tecnicamente mal feito e mal escrito, ao determinar que os programas vigorarão durante os próximos 5 anos, antecipa-se aos trabalhos que o próprio MEC pediu ao grupo de trabalho presidido pelo prof. Fraústo da Silva, na sequência da aprovação da Lei de Bases», afirma a Federação em comunicado.

A Fenprof informou a delegação da APEL que tudo fará junto da Comissão Parlamentar da Educação e dos partidos com assento no Parlamento para que a situação seja alterada.

Manifestação de docentes nos Açores

O Sindicato dos Professores dos Açores promoveu em Ponta Delgada uma «acção de rua» destinada a denunciar os problemas do sector do ensino na Região Autónoma.

A acção decorreu dia 15 numa das principais praças da cidade e incluiu a distribuição de comunicados e a exibição de

quadros estatísticos sobre as deficiências do sistema educativo nas ilhas.

Inadequação das estruturas escolares ao número de alunos, insucesso escolar e falta de diálogo do Ministério da Educação com as estruturas sindicais dos professores são alguns dos problemas denunciados.

Encontro sobre educação pré-escolar

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa promove quinta e sexta-feira no Instituto Franco-Português, o II Encontro da Educação Pré-Escolar.

«A criança une-nos, o futuro desafia-nos» é o lema deste encontro, cujo programa inclui o

debate dos seguintes pontos: «Desenvolvimento da educação pré-escolar. Papel do jardim de infância», «Formação de educadores de infância», «Correntes pedagógicas» e «Carreira docente».

Câmara de Vila Real contra resíduos radioactivos

A Câmara Municipal de Peso da Régua manifestou-se já contrária à concretização do projecto espanhol de instalação de um depósito de resíduos nucleares junto à fronteira portuguesa.

Em deliberação ontem tomada, o Executivo camarário solicita ao governo português

que «proteste e tente impedir o governo espanhol de realizar tal projecto».

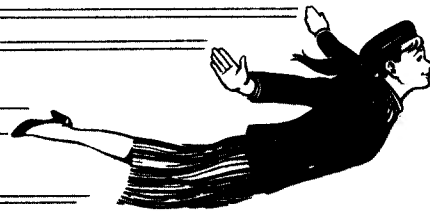
A concretização do projecto espanhol «porá em risco toda a região do Douro e o próprio território nacional» — considerou a Câmara Municipal de Peso da Régua.

No entender do município,

o governo português deve utilizar toda a sua capacidade de intervenção no sentido de «desencorajar quer o governo espanhol de prosseguir com o projecto, quer a CEE de o vir a apoiar, dado que a sua concretização seria um perigo eminente para Portugal».

«Portugal não pode ser o caixote do lixo do país vizinho, pelo que há que não desarmar e objectar a tal instalação», refere a deliberação camarária que manifesta o seu apoio às posições assumidas pelo secretário de Estado do Ambiente quanto a esta questão.

...para o outro.



Mas a British Airways também sabe que para ir mais longe precisa de estar mais perto. Para a British Airways você está em primeiro lugar. Por isso mudamos. Estamos no outro lado da Av. da Liberdade, no n.º 36-2.º andar. Telefone 36 10 01. Nas mais modernas instalações, os melhores sistemas tele-informáticos para uma mais rápida comunicação. Reunimos, num único local, tudo o que precisa para que a British Airways continue a ser a sua companhia aérea preferida. Fomos mais longe na vontade de o servir melhor.

BRITISH AIRWAYS

A companhia aérea preferida em todo o mundo.

TERÇA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1987

Diário de Lisboa

7

Irregularidades denunciadas pelo "DL"

Adiado o julgamento do presidente da Câmara de Celorico da Beira por falta de um dos acusados

O julgamento do presidente da Câmara de Celorico da Beira e de mais sete pessoas ligadas ao município, cujo início estava marcado para ontem, foi adiado para o próximo dia 11 de Maio, no Tribunal daquela vila da Beira Alta. O facto ficou a dever-se à falta de um dos réus, Maria Clara Faria de Almeida, mulher do presidente da Câmara e ela própria autarca.

O autarca Faria de Almeida deveria começar a responder por despacho de pronúncia efectuado pelo Ministério Público, respeitante a alegadas irregularidades no exercício das actividades camarárias para que foi eleito.

Faria de Almeida é, assim, o primeiro autarca a sentar-se no banco dos réus em consequência de acusações formuladas por irregularidades que terão sido cometidas durante o exercício de um cargo para que foi eleito.

Recorde-se, a propósito, que a primeira denúncia pública das actuações de Faria de Almeida e das presumíveis irregularidades de que era suspeito foi feita pelo «Diário de Lisboa». Por esse motivo, o presidente da Câmara viria a apresentar uma queixa contra o nosso jornal e o redactor autor das reportagens, alegando que tinha atingido no seu bom nome.

Contudo, mais tarde acabou por desistir dessa queixa, depois de alguns anos de arrasta-



Faria de Almeida: o primeiro autarca a ser julgado depois do 25 de Abril

mento do processo, reconhecendo que não teria havido intenção de o atingir por parte do nosso jornal e que o jornalista do «DL» actuou com respeito de todas as normas deontológicas.

Outros réus deste processo são José Amorim, José Patrício Lopes, Cassiano Augusto Cardoso, Carlos Neves Martins, e Joaquim António Furtado, todos funcionários da Câmara Municipal de Celorico da Beira.

Refira-se como curiosidade que Faria de Almeida recorreu aos serviços do defensor officioso que, contudo, se encontrava ausente na audiência de ontem. Por isso, Faria de Almeida acabaria por escolher para aquelas funções o presidente da Junta de Freguesia de Entre-as-Vinhas.

Contudo, o Procurador da República entendeu que seria necessária a presença de todos os réus.

Recorde-se, ainda, a propósito, que no distrito da Guarda vários municípios já foram alvo de sindicâncias e inspecções administrativas. É o caso de Meda, Pinhel e Sabugal, sendo que o presidente deste último município, Jeremias Amaral Dias, chegou mesmo a estar detido na Cadeia da Guarda à ordem da Polícia Judiciária e do Tribunal de Instrução Criminal. Era acusado de falsificação de documentos.

Trucidado por comboio numa estação do Porto

Um estudante de 16 anos, Ricardo António Nunes Ribeiro, morreu ontem à tarde trucidado por um comboio ao atravessar inadvertidamente a via à saída do túnel da Estação da Trindade, no Porto, localizado frente à Manutenção Militar. O acidente ocorreu cerca das 18 e 40 tendo envolvido o comboio n.º 7342 que se dirigia para Guimarães. Após cumpridas as formalidades legais, o corpo do jovem foi conduzido para o Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado.

Apreendidas mercadorias no valor de 90 mil contos

Durante o mês passado a Direcção-Geral de Fiscalização Económica apreendeu em todo o País mercadorias no valor de 90 mil contos, com operações de maior destaque nos distritos de Lisboa, Porto, Setúbal e Santarém. Nesse período a Subsecção Económica realizou cerca de 17 mil inspecções a agentes económicos, 6.106 dos quais proprietários de estabelecimentos comerciais, tendo ainda instaurado em matéria crime 248 processos (157 por especulação e 39 por crimes contra a saúde pública).

Subsídio de 6000 contos para vítimas de incêndios

O Governo Civil de Castelo Branco entregou cerca de 6 000 contos a proprietários lesados pelos incêndios florestais de 1986 no concelho da Sertã. Segundo Ângelo Farinha, presidente desta última edilidade, a verba beneficia 230 proprietários de terrenos florestais, nomeadamente pinhal, cuja exploração é considerada como uma das principais actividades económicas do concelho e da região.

A mesma fonte disse que a atribuição deste subsídio foi uma decisão do Governo com vista a minorar os efeitos destruidores dos fogos florestais.

Seis feridos num acidente com carrinha de colégio

Quatro alunos e duas vigilantes do Colégio «Eduardo Clé Parede», propriedade da Sociedade de Reeducação, Ld.ª, com sede em Lisboa, ficaram ontem à tarde feridos quando a carrinha em que seguiam na direcção de Cascais foi chocar contra uma camioneta estacionada junto a um semáforo no entroncamento da

Avenida da Índia com a Rua Mouzinho de Albuquerque. O motorista da carrinha, que saiu ileso do acidente, disse que o embate teve origem numa falta súbita de travões.

Os feridos, que receberam tratamento no Hospital de Santa Maria, são Bruno Miguel Gonçalves da Silva, de 11 anos. Car-

los João Matos Ventura Fernandes, de 13, Cristina Maria Almeida Martins, da mesma idade, Alcina Elisabete Sequeira Soares, de 39 anos, e uma outra senhora, cuja identidade não ficou registada.

No veículo sinistrado seguiam o motorista, as duas vigilantes e 20 alunos.

A troco de elevadas quantias em dinheiro

Suspeita de "livrar" mancebos do serviço militar

A Polícia Judiciária Militar (PJM) deslocou-se à residência, em Lisboa, de Silvana Esteves Prata Sequeira, sobre quem pendem suspeitas de dirigir uma rede que se dedica a livrar mancebos do serviço militar obrigatório, a troco de elevadas quantias em dinheiro. Durante a bus-

ca, surgida na sequência de um artigo publicado na última edição do semanário «Tal e Qual» e dirigida por um juiz de Instrução Criminal, terão sido encontradas cédulas de recenseamento, cartões de contacto e a identificação de elementos da rede, bem como provas de que Silvana Sequeira

se encontrará também ligada a redes de contrabando.

A PJM apreendeu ainda material de guerra, com destaque para uma fita de cartuchos para metralhadora «HK 21», uma granada de mão defensiva, uma navalha de ponta-e-mola, um punhal e vários bastões.

Covilhã vai intensificar repressão contra a droga

A Assembleia Municipal da Covilhã aprovou uma proposta do Partido Socialista, que sugere a realização de acções de fiscalização, controlo e repressão contra o uso e consumo de droga. A deliberação tomada preconiza

que a GNR, PSP e Polícia Judiciária realizem fiscalizações nesse sentido, em termos de colaboração e interligação.

O documento refere que a droga afecta sobretudo as camadas mais jovens da população e

«ameaça de ruptura o tecido social».

A Assembleia Municipal da Covilhã aprovou ainda uma recomendação para que seja atribuído o nome de José Afonso a uma artéria da cidade.

Mário Castrim



KRUZ — Boa tarde. Eu — Santas tardes.

K. — Parece muito satisfeito. Eu — E é que estou mesmo.

Estou sempre feliz quando se aproxima a Primavera.

K. — Então quando souber quem lhe fala e o que tenho para lhe comunicar, talvez já não ache tanta gracinha à Primavera.

Eu — Vamos por partes. Quem é?

K. — Sou Kruz Abecasis, da Câmara Municipal de Lisboa. Decerto já ouviu falar...

Eu — Claro! Temos de levar esta cruz ao calvário...

K. — Essa foi boa!

Eu — Pois é. Tenho torres de humor.

K. — Ai este homem!

Eu — Uns fazer rir, outros fazem chorar. É assim a vida.

K. — Eu pertenço à segunda classe...

Eu — O quê? Já fez a segunda classe?...

K. — Deixemo-nos de brincadeiras de mau gosto, meu caro senhor. Venho comunicar-lhe que tem de abandonar essa casa no prazo de três meses.

Eu — O quê? A casa? Eu? Abandonar?!

K. — Viu, viu como lhe passou logo a vontade de brincar...

Eu — Mas o senhor engenheiro. Espere lá. Vamos lá a ver se a gente se entende.

K. — Está resolvido, meu caro. Não vale a pena insistir.

Eu — Mas o que é que vão depois fazer aqui?

K. — Sei lá. Depois logo se vê. Agora o que importa é deitar abaixo.

Eu — Homem tenha calma. Vamos conversar.

K. — Já lhe disse, não insista. Eu faço o que quero.

Lembre-se do Adoque. Foi abaixo e pronto.

Eu — Tanta pressa não sei porquê...

K. — Repare no Monumental.

Eu — Lá está aquele buraco imenso e infecto.

K. — Pois sim, rala-te. O que você não sabe é que chegou a vez do Teatro Aberto...

K. — Não diga!

Eu — Digo, digo! E você, meu caro, trate de dar o pinote, se não quer ficar debaixo dos escombros.

Eu — Mas para onde é que eu vou morar?

K. — O quê? Morar? Mas donde é este telefone?

Eu — É de minha casa...

K. — De sua casa? Desculpe, sim? Que raio de engano! Eu tinha pedido o número do Teatro Nacional...

CÂMARA DE LISBOA RECUPERA ESCOLA DO CARRASCAL

Na reunião de ontem, o executivo camarário de Lisboa decidiu adjudicar a empreitada para a recuperação da escola municipal na Calçada do Carrascal.

A empreitada adjudicada para a recuperação da escola municipal número 28, na Calçada do Carrascal, que orça os 7.500 contos, justifica-se, segundo a edilidade, pela adiantado estado de degradação daquele estabelecimento de ensino.

A proposta, aprovada por unanimidade, sublinha a este propósito que «o estado de degradação desta unidade escolar levou já ao encerramento de algumas salas de aula».

Com o mesmo sentido de voto, foi deliberado vender ao Centro Social Paroquial de S. Vicente uma parcela de terreno no bairro Alto da Serafina, com uma área de 1.200 metros quadrados o que vai permitir aquela instituição a construção de um centro de dia e de um lar residencial para idosos.

Do mesmo modo, a Câma-

ra Municipal de Lisboa aprovou uma proposta no sentido de ceder, em direito de superfície, uma parcela de terreno com 4 mil metros quadrados à Crinabel—Educação de Crianças Inadaptadas de Santa Isabel— para a construção das suas instalações.

Preservação dos bairros sociais

Também por unanimidade, o executivo aprovou a cedência, em direito de superfície, ao Externato do Centro Republicano da Ajuda, de uma parcela de terreno mediante o pagamento de uma renda simbólica para a construção das suas instalações.

A proposta aprovada assinala «o contributo dado à alfabetização e ensino» por aquele Externato, «instituição reconhecida oficialmente como benemérita e de benefi-

ciência pelos serviços prestados ao longo dos 80 anos da sua existência».

Por fim, a Câmara Municipal de Lisboa deliberou determinar aos serviços de urbanização a elaboração de normas que permitam enquadrar a intervenção dos projectistas nas obras a levar a efeito nos diversos bairros

de carácter social surgidos nos princípios deste século, como é o caso do bairro da Encarnação, Jardim das Terras do Forno e Alvalade.

Segundo a edilidade, «esta medida permitirá pôr cobro ao aparecimento de elementos arquitectónicos dissonantes, que ultimamente têm surgido nestes bairros».

Clandestino punido com multa de 3200 contos

Por despacho do vereador Vasco Franco, foi aplicada uma multa de 3.200 contos pela construção clandestina de um andar na Avenida Marquês Sá da Bandeira, junto à Fundação Calouste Gulbenkian.

A obra, realizada no nº 144 daquela artéria, concretizou-se depois da Câmara de Lisboa ter indeferido o projecto de ampliação do imóvel, tendo a construção com cerca de 400 metros quadrados ficado concluída há seis meses.

Entretanto, segundo o Município, está em curso a intimação do proprietário para a demolição do andar, uma vez que a construção, além de ilegal, desfigura o quarteirão em que o imóvel está implantado e encontra-se na área de protecção da Fundação Gulbenkian.

PLENÁRIO DE TÉCNICOS SUPERIORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

Sintra já tem Serviço de Protecção Civil

O concelho de Sintra já está dotado de um Serviço Municipal de Protecção Civil, anunciou a edilidade. Numa zona propensa a fogos e cheias, a Câmara de Sintra decidiu investir naquele serviço, nomeadamente «na previsão e implementação das medidas preventivas aconselháveis», porque, de acordo com o Município, tal investimento «é um acto autêntico de desenvolvimento económico-social para além de um meio que a democracia põe ao dispor dos cidadãos para a sua segurança».

Segundo o serviço de Imprensa da Câmara de Sintra, o Serviço Municipal de Protecção Civil, presidido pelo vereador Carlos Cifuentes, já efectuou duas reuniões de trabalho, estando os custos do seu funcionamento, inscritos no Plano e Orçamento para o corrente ano.

Mesquita Machado retira pelouro a vereador

O presidente da Câmara de Braga anunciou que retirou o pelouro das Obras Particulares ao vereador Armando Osório, independente eleito na lista do PSD, na sequência de uma entrevista ao «Diário do Minho», na qual era criticada a gestão municipal.

Recordando dois comunicados da Comissão Concelhia de Braga do PSD, o autarca socialista considerou que Armando Osório manifestava vontade de deixar a gestão municipal mas não tinha coragem para o fazer, pelo que teve ele de possuir a coragem para o afastar.

Local da feira leva à dissolução da Junta do Cerdal

A Junta de Freguesia de Cerdal, no concelho de Valença, foi dissolvida, por renúncia conjunta dos eleitos do PSD, PS e CDS na Assembleia Municipal, devido a uma disputa provocada pela mudança do local da sua feira quinzenal.

Na origem da renúncia, verificada na sexta-feira, está a decisão da Câmara de Valença de proceder à mudança do local da feira quinzenal da freguesia, pretendendo a autarquia que o mercado seja transferido para o lugar de São Bento para o de Bujim.

A mudança foi motivada pela recusa do proprietário dos terrenos de São Bento em passar um documento autorizando a sua utilização para a realização da feira, por recear que qualquer texto venha a ser utilizado para a sua expropriação pela Câmara.

A edilidade, por seu turno, alegou a necessidade do documento para a legalização da feira e, na sua ausência, decidiu optar por um local alternativo.

Enquanto que a Junta de Freguesia de Cerdal, de maioria PSD, concordava com a posição da Câmara, a Assembleia de Freguesia perfilhou posição contrária, razão que levou à dissolução da Junta.

 **sindicato
dos trabalhadores
da função pública
do sul e açores**

Comissão teve ontem a sua última reunião

CORREIA DA CUNHA DEIXA SANEAMENTO BÁSICO DO ALGARVE

A Comissão de Saneamento Básico do Algarve (CSBA) vai deixar de existir com tal designação. E, ao desaparecer a sua actual nomenclatura, arrasta na «queda» o seu actual presidente, Correia da Cunha. Recordar-se que antes e depois do Verão do ano passado a sua exoneração foi largamente ventilada, ao que parece por retaliação, visto que Correia da Cunha apoiou a candidatura de Mário Soares a Belém.

A Comissão de Saneamento Básico do Algarve teve ontem a sua última reunião, em Faro. Recorde-se que foi criada há seis anos, quando Pinto Balsemão era Primeiro-Ministro, para resolver os problemas — ingentes e urgentes — da região no domínio do saneamento básico.

A CSBA será extinta no final deste mês, sendo substituída por uma Direcção de Serviços, chefiada por Campos Correia, integrada no âmbito da Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

Os elementos que compõem a actual estrutura da CSBA transi-

tarão para os quadros da Comissão Coordenadora Regional, à excepção do seu presidente, Correia da Cunha.

A extinção da Comissão de Saneamento Básico do Algarve foi decidida em 1986 pelo Governo, através de um diploma que prorrogava até Março de 1987 o seu período de funções.

A CSBA iniciou o seu mandato a 14 de Março de 1981, por nomeação do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, que a dotou de uma linha de crédito de emergência de três milhões de contos, geríveis com juros bonificados por um período de cinco anos. Nessa altura, a situação do Al-



Correia da Cunha: afastado

garve no que respeita às infra-estruturas de saneamento foi considerada por Balsemão de pré-catástrofe susceptível de pôr em causa o futuro da região como destino turístico.

Correia da Cunha, que vai

agora elaborar o último relatório da Comissão, afirmou recentemente aos jornalistas que com a extinção deste organismo, «todo o trabalho planeado para o Algarve em termos de saneamento vai ficar a meio».

Socialistas contra criação da Região Norte

Os socialistas de Bragança e de Vila Real manifestaram-se «frontalmente contrários» à estratégia governamental de «criação de uma Grande Região Norte».

Em comunicado divulgado, os órgãos distritais, deputados, presidentes de Câmaras e outros autarcas do Partido Socialista daqueles distritos transmontanos, consideram unanimemente que Trás-os-Montes e Alto Douro «teem todas as condições para ser uma região, dado o seu passado histórico, cultural e social».

No texto, os socialistas afirmam que «o atraso económico de Trás-os-Montes e Alto Douro exige a definição urgente de uma estratégia de desenvolvimento definida e assumida pela própria região e solidariamente aceite e comparticipada pelo todo nacional».

Os membros do PS defendem, ainda, que os limites

geográficos da futura região de Trás-os-Montes e Alto Douro devem corresponder, no essencial, «aos limites tradicionais que a história há vários séculos definiu», e criticam também «a submissão de alguns dos limites locais do PSD/CDS, particularmente os Governadores Civis e presidentes das Câmaras de Vila Real e de Bragança que alegre e inconscientemente embarcam na estratégia da criação da pseudo Região Norte».

Por fim, os socialistas de Vila Real e Bragança apelam a todas as autarquias, associações culturais, desportivas e de solidariedade social, Universidade, escolas, agentes económicos, cooperativas e órgãos de comunicação social da região para que apoiem a «institucionalização efectiva da criação da Região de Trás-os-Montes e Alto Douro».

EXPRESSO RN

COIMBRA / LAGOS

(DIARIAMENTE COM INÍCIO EM 16/MAR/87)

06H15 P	COIMBRA	C	17H45
06H54	POMBAL		17H57
10H20	LEIRIA		18H40
10H50	FÁTIMA		18H10
12H00 C	SANTARÉM	P	18H30
12H06 P		C	18H55
02H50	CORUÇHE		18H10
13H40 C	MONTEBOM-O-NOVO	P	13H20
14H40 P		C	12H20
15H30	TORRÃO		11H30
16H00 C	FERREIRA ALENTEJO	P	11H00
16H06 P		C	10H55
16H30	ALJUSTREL		10H30
16H52	CASTRO VERDE		10H00
17H07	OURIQUE		09H54
18H10 C	FERREIRAS	C	08H50
18H15 P			08H45
18H30	ARMAÇÃO DE PÉRA		8H30
18H45	LAGOA		08H15
18H55	PORTIMÃO		08H05
19H00	PRAIA DA ROCHA		08H00
19H10	ALVOR		07H50
19H30 C	LAGOS	P	07H30

Ligação em Ferreiras para:

VILAMOURA, QUARTEIRA, ALMANCEL, FARO, OLHÃO, TAVIRA, CACELA, MONTE GORDO e VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.



RN RODOVIA NACIONAL

Retirados os nomes de Salazar e Óscar Carmona de placas toponímicas

A Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Velha retirou ontem as placas toponímicas que davam os nomes do ditador Oliveira Salazar e de Óscar Carmona a uma rua e a uma praça daquela localidade do concelho de Odemira.

A questão das placas toponímicas surgiu depois de, no fim de Fevereiro, a Câmara Municipal de Odemira ter aprovado por maioria, com cinco votos dos vereadores da APU a favor e a abstenção do eleito do PS, uma proposta nesse sentido.

O texto aprovado assinala a defesa das conquistas de Abril e invoca a legislação em vigor, que proíbe a propaganda fascista, sublinhando que aqueles nomes consti-

tuíam uma afronta histórica ao Portugal livre e democrático, ao povo do concelho de Odemira e, particularmente, ao de Santa Clara-a-Velha.

No cumprimento da deliberação camarária, no passado dia 10, funcionários do Município arrancaram a placa com o nome de Salazar mas, no dia seguinte, o nome do ditador voltava a figurar numa tabuleta.

Três dias depois, trabalhadores da Câmara estiveram de novo na sede da freguesia com o intuito de arrancarem as duas placas mas, segundo a agência Lusa, populares acorreram e impediram que a acção se concretizasse, e ontem, antes da presença dos

funcionários camarários, acompanhados pela GNR, a Junta decidiu arrancar voluntariamente as duas placas.

Para o presidente da Junta, o socialista Alberto Pedras, que contou com o apoio dos eleitos do PS na Assembleia Municipal, «tomámos esta iniciativa para evitar possíveis confrontos entre a população e a GNR».

O autarca, em declarações à Lusa, referiu que a população está contra a Câmara de Odemira, a quem legalmente compete ordenar a toponímia, e que, «pela primeira vez apoiou unanimemente a Junta por um questão de bairrismo».

Concretização a curto prazo

Televisão local do distrito de Leiria

Vai concretizar-se a curto prazo o primeiro projecto de televisão no distrito de Leiria. A iniciativa pertence à Rádio Comercial de Leiria em cujas instalações se preparam já os estúdios para os efeitos em vista. As primeiras emissões regulares surgirão nos «écrans», em Maio do corrente ano.

A RCL tem 16 meses de existência e emite 19 horas por dia — e às quartas, sábados e domingos, 24 horas. (Refira-se que está previsto emitir 24 horas por dia durante toda a semana a partir do próximo mês de Junho.)

Esta emissora local tem-se imposto pela qualidade da sua informação e programas, tendo

sido mesmo a rádio seleccionada recentemente pelos parlamentares europeus para promover entre os seus ouvintes um concurso que dará como prémio uma viagem de uma semana a Estrasburgo.

Diversas personalidades têm, ao longo deste ano, estado presentes nos estúdios da Rádio Comercial de Leiria, onde participaram em programas transmitidos em directo, e, muitos deles, em simultâneo com a Rádio Eglantine de Paris e Rádio Difusora de Apucarana (do estado do Paraná, Brasil).

Entre essas personalidades contaram-se os ministros da In-

dústria e Comércio, Agricultura e Pescas e Justiça e os secretários de Estado do Emprego e Formação Profissional, para os Assuntos Fiscais, Cultura, Comunidades Portuguesas, Comércio Interno, Habitação, etc.

Também já estiveram em programas da RCL todos os principais dirigentes partidários (geral Ramalho Eanes, Fernando Seabra, Nuno Brederode Santos, Dias Lourenço, maior Mário Tomé, Barrilaro Ruas), o Provedor de Justiça, o Alto-Comissário Contra a Corrupção, o governador do Banco de Portugal, o presidente da Bolsa de Lisboa, e D. Duarte, duque de Bragança.

FACTURAÇÃO DA EDP NÃO COBRE ENCARGOS DA DÍVIDA

Em 1987 a EDP não facturará sequer o suficiente para cobrir o serviço da dívida acumulada, revelou ontem ao «DL» o membro da sua Comissão de Fiscalização eleito pelos trabalhadores, Demétrio Alves.

A facturação prevista por aquele técnico é de 216 milhões de contos e os juros e amortizações que a EDP terá que pagar em 1987 ascenderão a 260 milhões de contos. A situação da empresa tem vindo a degradar-se, tendo no ano anterior o montante cobrado sido «da mesma ordem grandeza» que os encargos pagos com o serviço da dívida, rondando os 190 milhões de contos.

Na base desta situação, sublinhou Demétrio Alves, «está uma deformação do agenciamento de créditos em

anos anteriores», que privilegiou os financiamentos externos por imposição governamental e levou a que as dívidas do Estado à EDP atinjam neste momento cerca de 140 milhões de contos, apenas no que respeita a diferenças de câmbios.

Para além disso, a mesma fonte acrescentou que a difícil situação financeira da empresa resulta igualmente das elevadas dívidas à EDP por parte de numerosas empresas e autarquias, sem que o Governo tenha tomado em relação a estas últimas quaisquer medidas eficazes.

Por outro lado, a EDP ainda não recebeu as dotações de capital previstas no Orçamento do Estado de 1986 e consideradas pela nossa fonte como «irrisórias». Com investimentos de 80 milhões

de contos no ano passado a dotação de capital orçamentada mas não concretizada, não ascende sequer a 2 milhões de contos.

De acordo com o eng. Demétrio Alves, a carência de 220 milhões de contos de capitais próprios poderia ser ultrapassada se não fossem feitos quaisquer investimentos nos próximos três anos. Esta «solução», todavia, não é compatível nem com as funções de interesse público da empresa, nem com as exigências do abastecimento público de electricidade.

Segundo aquele membro da Comissão de Fiscalização da EDP, trata-se de «um problema de Estado», necessitando a empresa de dotações extraordinárias de capital, sob risco de «crescer a bola de neve» que já se

registra.

Para fazer face às suas necessidades de financiamento, que além do serviço da dívida incluem 240 milhões de contos para despesas de funcionamento e investimento, a EDP colocará ainda esta semana no mercado obrigações no valor de 20 milhões de contos e é possível que esteja também na forja o lançamento pelo Governo de Títulos de Participação da empresa.

Esta eventual emissão de títulos de participação, é considerada pela nossa fonte como podendo corresponder à vertente financeira de uma primeira fase do «desmembramento organizacional» intencional a contemplar no estudo de regionalização da empresa ainda em fase de preparação.

Publicadas alterações ao Código do Imposto Profissional

O Diário da República publicou hoje três decretos-lei nos quais se estabelece o quadro fiscal das sociedades de capital de risco, introduzem novas alterações ao Código do Imposto Profissional e estabelecem normas sobre a dinamização do mercado de capitais. Os dois primeiros diplomas foram aprovados no Conselho de Ministros de 5 de Fevereiro e o terceiro no plenário ministerial de 27 de Fevereiro.

O decreto respeitante às sociedades de capitais de risco institui diversos benefícios de natureza fiscal que pretendem criar «um quadro fiscal particularmente favorável nos primeiros anos de actividade» daquelas sociedades, de modo «a compensar o risco superior ao normal dos empreendimentos em que, por vocação, elas se envolvem».

No que se refere ao imposto profissional foi fixado em 385 contos o limite de isenção, procedendo-se, em obediência à lei do Orçamento do Estado aprovada pela Assembleia da República, à redução de 0,5 das taxas do imposto e à elevação de 9% dos escalões de rendimento.

Quanto à dinamização do mercado de capitais, o diploma hoje publicado visa «prosseguir o estímulo de abertura ao público do capital das sociedades anónimas que se constituam ou aumentem o seu capital durante o ano de 1987, restringindo, porém, o incentivo à contribuição industrial».

Transnacionais discutidas em Lisboa

O papel das multinacionais na economia mundial e os seus modos de actuação nos diferentes países vai estar em discussão em Lisboa, no próximo fim de semana, por iniciativa da CGTP. O encontro é de carácter internacional e analisará as actividades da Renault, Philips, Solvay e Beral Tin. Nos trabalhos participarão organizações sindicais da Espanha, Bélgica, Grã Bretanha, Holanda e Itália, bem como delegações da Confederação Mundial do Trabalho e da Federação Sindical Mundial, num total de 40 participantes.

Renault/Cacia em greve

Cerca de 90% dos trabalhadores do sector produtivo da fábrica da Renault em Cacia, Alentejo, paralizaram ontem em defesa de um caderno reivindicativo que inclui a adopção das 40 horas semanais, o fim das discriminações salariais, a revisão das carreiras profissionais, o fim dos contratos a prazo e o reconhecimento da Comissão Inter-sindical. Segundo um comunicado sindical, «a empresa, num atropelo à lei da greve, substituiu os trabalhadores em greve por outros de outras profissões, alguns dos quais não fazem parte dos quadros da empresa, e até o médico e o enfermeiro foram postos a trabalhar no sector produtivo». A greve ontem iniciada prosseguiu durante o dia de hoje.

Escoamento da manteiga aprovado contra Portugal e Espanha

Portugal e a Espanha votaram ontem vencidos em Bruxelas contra o programa de escoamento de excedentes de manteiga da CEE para a criação dos quais não contribuíram.

«Portugal declara que, nesta matéria, tenciona recorrer a todas as vias adequadas para garantir a salvaguarda dos seus legítimos interesses», lê-se numa declaração divulgada pela delegação portuguesa.

O programa em causa visa escoar em dois anos um milhão de toneladas de manteiga com um custo estimado em 3,2 mil milhões de ECU's (cerca de 510 milhões de contos), pagos por meio de adiantamentos dos Estados membros, reembolsáveis em quatro anos a partir de 1989 pelo orçamento comunitário.

De acordo com estimativas portuguesas, a aplicação do programa custará ao orçamento português cerca de 20 milhões de ECU's (3,2 milhões de contos).

Na mesma declaração lê-se ainda que «Portugal considera que não foram devidamente salvaguardados os termos e princípios comunitários em vigor, nomeadamente os relativos à aplicação conforme dos actos de adesão às Comunidades Europeias e, em especial, o princípio da equidade financeira».

Numa breve discussão sobre o assunto, a pedido da delegação portuguesa, o secretário de Estado para os Assuntos Europeus, Victor Martins, explicou a posição portuguesa em três pontos, reafirmando no entanto «a necessidade de adopção de medidas de escoamento nos limites das actuais restrições orçamentais».

Nessa intervenção, Victor Martins considerou que «Portugal não pode ser chamado a participar na cobertura de encargos

com a depreciação de stocks imputáveis a anos anteriores à sua adesão e que não foram financeiramente cobertos nos respectivos exercícios».

Disse ainda que «é iníquo o facto de Portugal ter de participar no financiamento de stocks agrícolas decorrentes de uma política de que não beneficia na primeira etapa do período de transição».

Referiu por último que «o calendário de reembolsos previsto na presente proposta não é neutro do ponto de vista financeiro, na medida em que Portugal suportará um custo suplementar pelo facto de os pagamentos serem diferidos em consequência da crise financeira da Comunidade».

O secretário de Estado aludiu ainda às tomadas de posição contrárias ao programa, expressas quer pelo Parlamento Europeu, quer pelo Tribunal de Contas, e, argumentando no sentido de uma não aprovação do mesmo, recordou que a Comis-

são Europeia não apresentou ainda o relatório que lhe foi pedido pelos ministros da Economia e Finanças da Comunidade Europeia sobre as suas consequências financeiras para os países ibéricos.

Taxa sobre matérias gordas

Entretanto, o comissário europeu responsável pela agricultura declarou-se ontem optimista quanto à possibilidade de um acordo sobre a sua proposta de criação de uma taxa sobre as matérias gordas.

Franz Andriessen falava aos jornalistas depois de os ministros dos Negócios Estrangeiros terem abordado, a pedido do Reino Unido, as consequências da aplicação daquela taxa em termos das suas relações com os Estados Unidos.

De acordo com fontes do Conselho, o Reino Unido, a República Federal da Alemanha, a Holanda, a Dinamarca e Portu-

gal ter-se-iam mostrado hostis à mesma, na medida em que provocará um agravamento das relações comerciais da Comunidade Europeia com os Estados Unidos.

A taxa, que actualmente seria de 330 ecu por tonelada de matérias gordas produzidas na Comunidade Europeia ou importadas e que se repercutiria a prazo sobre o consumidor, destinava-se a financiar um défice orçamental no sector que é estimado em cerca de 2000 milhões de ecu em 1988.

A aplicação da referida taxa custaria a Portugal a partir de 1991 — data desde a qual a Política Agrícola Comum no sector se lhe aplica — qualquer coisa como 13 milhões de contos anuais, que, não sendo suficientemente compensados pelas previstas ajudas à produção e ao consumo, colocariam sérias dificuldades em termos do balanço financeiro do País com a Comunidade Europeia.

EP's vão ter controlo financeiro

O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe deu ontem posse ao director do Gabinete para Análise do Financiamento do Estado e das Empresas Públicas (GAFEEP), um órgão que entrará a substituir o antigo Secretariado Permanente para as Empresas Públicas.

O objectivo deste organismo o controle das necessidades de financiamento do sector público administrativo (SPA) e do sector empresarial do Estado (SEE), devendo ocupar-se numa primeira fase da montagem do sistema de informação necessário para o controle financeiro pela

primeira vez articulado entre o SPA e SEE.

O Gabinete viu assim os seus últimos aspectos formalizados com a tomada de posse do seu director, numa altura em que o Governo tem preparado um conjunto de medidas para o sector empresarial do Estado. Este organismo terá desde já a seu cargo a preparação do Plano de Investimentos de Sector Empresarial do Estado.

No acto de tomada de posse, Miguel Cadilhe afirmou que «a área mais nobre e abrangente» daquele organismo será além da compatibilização das necessidades de fi-

nanciamento, a programação monetária e os objectivos macroeconómicos.

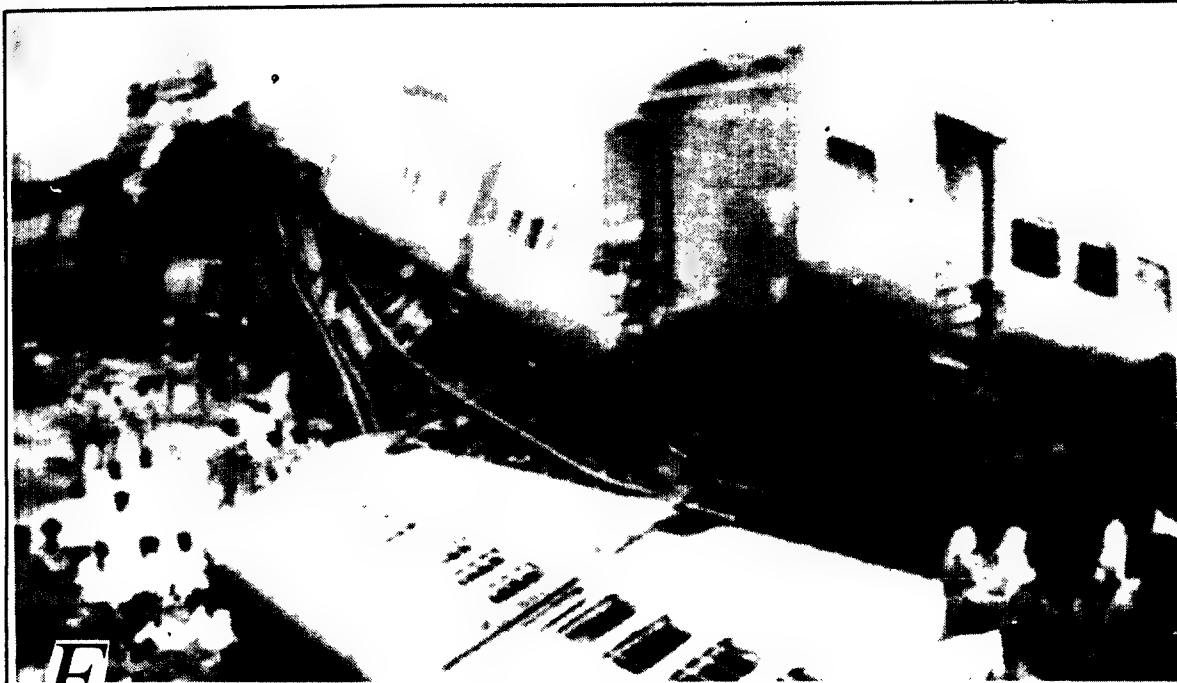
Carlos Tavares, ex-vogal do Instituto Nacional de Garantia Agrícola (INGA), disse por seu turno que, apesar do âmbito do novo organismo de «não significar qualquer limitação à autonomia da gestão das empresas públicas», o Estado como qualquer proprietário tem o direito e a obrigação de dispor de informação sobre a evolução dos seus resultados e de traçar balizas que permitam encaminhar tal evolução no caminho desejado.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$50	57\$50
ALEMANHA FED. (marco)	76\$15	77\$35
AUSTRIA (xelim)	10\$80	11\$00
BÉLGICA (franco)	3\$475	3\$725
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$75	109\$25
(notas de 5 a 1000)	107\$25	109\$75
DINAMARCA (coroa)	20\$25	20\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$057	1\$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140\$55	144\$05
(notas de 5 a 1000)	141\$05	144\$55
FINLÂNDIA (marka)	31\$05	31\$65
FRANÇA (franco)	20\$90	23\$60
HOLANDA (florim)	67\$45	68\$55
IRLÂNDIA (libra)	204\$45	208\$45
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$879	\$934
NORUEGA (coroa)	20\$20	20\$70
REINO UNIDO (libra)	22\$55	22\$05
SUÉCIA (coroa)	21\$80	22\$70
SUIÇA (franco)	91\$00	92\$50
VENEZUELA (bolívar)	5\$55	6\$55

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Equipas de socorro procuram vítimas no meio dos destroços de car ruagens de um comboio que descarrou em Madras, na Índia, por ter acionado uma bomba colocada por separatistas tamils. No atentado morreram 60 pessoas e duzentas ficaram feridas.

Renamo faz mortos e feridos

Cinco pessoas foram mortas, três feridas e diversas outras raptadas por um grupo da Renamo, no sábado, a cerca de 15 quilómetros de Maputo, no bairro de Singathela, distrito da Machava — contaram moradores à agência Lusa. O grupo, de cerca de 60 homens, penetrou no bairro por volta das 22 horas e saqueou duas cantinas (lojas), uma das quais pertencente a Alfredo Xavier, agricultor e comerciante privado, afirmaram os moradores. Alfredo Xavier disse que quando o grupo chegou à sua cantina, que também serve de habitação, arrombou as portas e levou-lhe a mulher, sogra e três filhos, um deles com 1 ano e 7 meses de idade. Carregaram todo o nosso vestuário, o dinheiro e todos os produtos destinados à campanha de comercialização do caju, disse Xavier. A mulher e o filho mais novo de Alfredo Xavier regressaram a casa domingo, por volta das 11 horas, tendo ficado em poder do grupo a sogra, Helena Jossias, de 47 anos, e os filhos, Rosa, de 11, e Paulo, de 9. «Os bandidos armados agrediram-me com coronhadas e deixaram-me quando já tinha perdido os sentidos» — disse a mulher. Segundo ela, a agressão foi motivada por ela ter dito que já não aguentava carregar na cabeça um saco de arroz de 40 quilos.

Alfredo Xavier, que disse ter «pertencido à tropa colonial», afirmou que viu pelo menos duas pessoas serem mortas por terem oferecido resistência «aos bandidos armados».

Dívida externa argentina

O presidente, argentino, Raul Alfonsín, solicitou ao presidente alemão federal, Richard Von Weizsaecker, para interceder perante os governos dos países desenvolvidos na compreensão da dívida externa. Alfonsín fez este apelo ontem no decorrer de um jantar oferecido a Von Weizsaecker que se encontra em visita à Argentina. O presidente argentino pediu a intervenção da Alemanha Federal perante os países desenvolvidos para um «indispensável» acordo que permita ao mundo «ter um sistema monetário internacional eficiente, que marque o caminho até ao bem-estar e não à perpetuação do estancamento das nações endividadas». Por seu turno o presidente alemão-federal afirmou que o potencial exportador da Argentina pode crescer «sem medidas proteccionistas» e reconheceu que as exportações da Argentina «têm dificuldades com a Comunidade Europeia», da qual o seu país faz parte. Von Weizsaecker deu o seu apoio à iniciativa de paz do Grupo de Contadora na América Central e sublinhou que o seu país e a Argentina «apoiam uma política de paz, desarmamento e controlo de armamentos».

Livro gera atritos entre espões

Um antigo chefe dos serviços de espionagem australianos disse que a publicação das memórias de um caçador de espões inglês irá provavelmente «ferir os reais interesses» da Austrália e Inglaterra. Harvey Barnett, ex-director-geral da Organização de Informações e Segurança Australiana (ASIO), disse que o agente reformado Domis Peter Wright, irá, com o seu livro «Caçador de espões», abrir as portas para que qualquer espão inglês venha a terreno contar as suas histórias.

Wright, de 71 anos, um ex-alto funcionário da agência inglesa de contra-espionagem, ganhou na sexta-feira uma batalha legal de 18 meses contra o governo britânico, conseguindo a anulação de uma proibição temporária do seu livro.

O Supremo Tribunal da Nova Gales do Sul decidiu, no entanto, que a publicação das suas memórias seja atrasada por apenas 28 dias, de modo a que o governo britânico possa interpor recurso.

O chefe de cozinha Paul Bocuse criou um prato de codornizes para assinalar o primeiro aniversário da coabitação em França entre um Presidente socialista e um Primeiro-Ministro conservador. O prato consiste em duas codornizes com recheios contrastantes. Uma das pequenas aves é recheada com «foie gras», uma especialidade de Landes, região onde François Mitterrand tem uma casa de campo, e a outra tem um recheio de trufas, uma associação a Correze, região de origem da família de Jacques Chirac. Mitterrand, do Partido Socialista, foi obrigado a escolher o neo-gaulista Jacques Chirac para Primeiro-Ministro depois da vitória da direita nas eleições gerais de 16 de Março de 1986. A coexistência entre socialistas e conservadores fez com que os caricaturistas retratassem os dois dirigentes como vítimas de um casamento de conveniência.



Refugiados desembarcam mantimentos dum helicóptero ficado totalmente isolado no seguimento dos desmoronamentos por um terramoto que destruiu a única estrada de acesso a tremores de terra que recentemente abalaram o Equador, segaram mais de mil mortos.

Weinberger em Madrid

GONZALEZ INTRANSIGENTE QUANTO À REDUÇÃO DA PRESENÇA MILITAR AMERICANA EM ESPANHA

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, em visita a Espanha, deu ao fim da manhã uma conferência de Imprensa, após uma reunião com o Primeiro Ministro Felipe Gonzalez, mas não indicou se tinha sido ultrapassado o impasse sobre a exigência espanhola de uma redução da presença militar norte-americana naquele país. No entanto, fontes oficiais indicaram que o Governo de Gonzalez mantém-se intransigente nesta questão e que não aceita a transferência dos F-16 de Torrejon para Moron de la Frontera (Sevilha), pois «isso não seria uma redução».

No entanto, Weinberger negou que os Estados Unidos estejam a negociar a transferência dos caças F-16 estacionados em Espanha para outro país.

Interrogado quanto à eventual deslocação dos aviões das bases aéreas espanholas para Portugal ou Marrocos, o secretário norte-americano da Defesa disse que não respondia a

perguntas hipotéticas.

Weinberger acrescentou que as autoridades de Madrid manifestaram uma «compreensão total» pela importância da permanência em Espanha dos caças F-16.

Nesta conferência de Imprensa, Weinberger deu poucos esclarecimentos sobre as reuniões que manteve com o Primeiro Ministro Felipe Gonzalez e o ministro da Defesa, Narcis Serra.

Confirmando implicitamente a intransigência espanhola, Weinberger salientou que o seu país vai concretizar a redução da presença militar norte-americana em solo espanhol, mas não especificou as áreas em que ela irá ocorrer, embora tenha adiantado que a negocia-

ção da transferência dos F-16 está posta de parte.

O secretário norte-americano da Defesa argumentou que, caso os EUA e a URSS cheguem a acordo sobre a retirada dos euro-mísseis, fica reforçado o papel das forças convencionais, sublinhando a importância das missões dos F-16 no flanco Sul da NATO.

Haverá uma outra série de conversações em Washington, a 2 e 3 de Abril, que à partida estão bloqueadas pela exigência de Espanha de retirar da base de Torrejon de Ardoz 72 caças F-16.

Apoio militar à Turquia

Weinberger que hoje mesmo inicia uma visita de quatro

Filipinas: Cory Aquino desmantela grupos civis armados

A presidente filipina, Corazón Aquino, ordenou o desmantelamento imediato de vários grupos armados de vigilância civil, numa acção que analistas políticos pensam poder contrariar os militares do país.

Responsáveis pela Defesa disseram que Aquino assinará uma ordem desmantelando os grupos existentes e uma segunda prevendo a constituição de uma força única de Polícia nacional.

A ordem de desmantelamento abrange a força civil de Defesa Interna, semioficial, que tem mais de 70 000 membros e foi criada no regime do antigo pre-

sidente Ferdinand Marcos.

O comandante das Forças Armadas, general Fidel Ramos, defendia um papel reforçado para os «vigilantes», que os militares consideram fundamentais na luta contra os rebeldes comunistas.

A actuação desses grupos em Davao, segunda maior cidade do país, foi criticada por activistas de direitos humanos.

Analistas políticos afirmaram que a acção de Aquino poderia contrariar os militares, que a presidente tentou recentemente colocar do seu lado.

Intervenção da CIA

O presidente Reagan autorizou recentemente a CIA a lançar uma operação contra os rebeldes filipinos orçada em vários milhões de dólares, revela a revista «Newsweek» na sua última edição.

O semanário, citando «uma fonte crítica em Washington», afirma que o plano foi aprovado pela presidente filipina Corazón Aquino.

Para a recolha de informações, a operação prevê o recurso a actividades políticas encobertas e sobrevoos de território filipino.

Eleições na Finlândia

Conservadores regressar ao p

A oposição conservadora ganhou eleições gerais para o Parlamento finlandês depois de 21 anos de afastamento oficial em Helsínquia.

O dirigente conservador Ilkka Ruuska, número um de lugares obtidos (53), disse aos jornalistas participar no Governo depois de não consigo imaginar que este se afastados do poder.

O Primeiro Ministro Kalevi Sorsa, antes das eleições que se demitiram muito na votação, disse que as eleições pormenorizadas para a formação do novo Governo.

Os debates para a formação do novo Governo duraram dias, mas Sorsa será provavelmente pressionado porque os centristas e conservadores tinham uma clara maioria no Parlamento.

Óscar Lafontaine perfila-se como novo líder do SPD

Jorge Gillies — Especial IPS

O primeiro-ministro do Estado do Sarre e representante da ala esquerda do Partido Social Democrata (SPD), Óscar Lafontaine, perfila-se como o candidato favorito à sucessão no cargo do actual presidente do partido, Willy Brandt. Depois das eleições parlamentares de 25 de Janeiro último — cujos resultados foram claramente desfavoráveis para o SPD — Lafontaine questionou a estratégia eleitoral do partido, desenvolveu uma ampla campanha publicitária e colocou homens da sua confiança em postos-chave da direcção social-democrata.

No que foi qualificado como a «ofensiva da esquerda social-democrata», Lafontaine, de 42 anos de idade, aparece claramente interessado em diluir o mais rapidamente possível as eventuais prorrogações sobre a sucessão de Brandt, que anunciou a sua retirada para meados de 1988.

Na prática, ninguém parece estar em condições de disputar por agora a candidatura, uma vez que Lafontaine conta com o apoio unânime da geração de líderes sociais-democratas entre os 40 e 45 anos de idade, classificada como os «netos políticos» de Brandt. O candidato social-democrata a chanceler nas eleições de Janeiro, Johannes Rau, primeiro-ministro do Estado da Renânia do Norte-Westfália, abandonou na prática o primeiro plano da cena política depois dos 37 por cento dos sufrágios obtidos pelo SPD nas eleições de Janeiro.

A social-democracia ficou aquém do caudal eleitoral de 38 por cento obtido nas eleições anteriores, de Março de 1983, cujo candidato foi na altura o chefe do grupo parlamentar do partido, Hans-Jochen Vogel.

Candidato sem rivais

Nem Vogel nem Rau — que ocupam as duas vice-presidências do SPD — surgem portanto como rivais sérios para Lafontaine, embora representantes da ala sindical do partido, tradicionalmente mais

conservadora sobretudo no que respeita a uma possível colaboração com o partido Os Verdes, tenham manifestado a sua preferência por Vogel.

Mas o próprio Vogel rejeitou tal possibilidade — avançada em círculos partidários — de se tornar num «presidente de transição» do partido por um período de quatro anos até que estejam reunidas condições mais propícias para passar a direcção do partido a Lafontaine.

Lafontaine, por seu turno, tratou — numa nítida tentativa de «acalmar os ânimos», da ala direita do partido — de precisar a sua linha política ao assinalar em diversas entrevistas que considera como aliados potenciais da social-democracia todas as forças políticas democráticas, incluindo evidentemente Os Verdes, mas sem se limitar a eles.

A tese central do político do Sarre é a de que a linha de repúdio a qualquer coligação com Os Verdes sustentada durante a campanha de Rau resulta fatal para o SPD, uma vez que tira sobretudo eleitores jovens.

Em contrapartida, defende Lafontaine, a social-democracia deve «ocupar» os temas dos Verdes, como a preocupação pelo meio ambiente, o desarmamento e o fomento dos movimentos de base, por forma a tirar eleitores aos ecologistas e ao mesmo tempo pressionar Os Verdes para que se mostrem dispostos a assumir responsabilidades concretas

de governo em caso de constituírem alianças com o SPD.

Este aspecto aponta efectivamente para um lado frágil dos Verdes, posto que um forte sector deste partido, os chamados «fundamentalistas», rejeitam todo o tipo de colaboração com os partidos tradicionais, incluindo o SPD.

Esta política trouxe a Lafontaine bons resultados no Sarre, onde há dois anos obteve para o SPD a maioria absoluta dos votos relegando Os Verdes para um papel marginal na cena política local, com apenas dois por cento dos votos.

Métodos controversos

Se a linha política de Lafontaine parece ganhar cada vez mais apoio dentro do SPD, já os métodos que o político do Sarre utilizou para impor a sua política resultam controversos. Isso foi particularmente evidente por ocasião da eleição do tesoureiro do partido, onde Lafontaine e o seu grupo impuseram inesperadamente para este cargo o deputado e ex-presidente do Município de Hamburgo, Hans-Ulrich Klose, afastando dois candidatos cuja candidatura fora feita antecipadamente.

Mas apesar do desagrado que a «operação Klose» causou, não se pode ignorar o facto de que o novo tesoureiro contou com os votos da maioria da direcção social-democrata e que o próprio Brandt apoiou a sua eleição.

Na prática, Brandt apenas evitou pronunciar-se publicamente sobre a sua preferência por Lafontaine, embora seja possível que não compartilhe os métodos empregados ultimamente pelo primeiro-ministro do Sarre.

Oficialmente, o sucessor de Brandt — que actualmente tem 73 anos de idade — deve ser eleito no próximo Congresso ordinário do SPD, cuja realização se prevê para meados de 1988.

24 HORAS



Acordo Grã-Bretanha/Quênia

Um acordo de ajuda de 50 milhões de libras foi assinado entre o presidente do Quênia, Daniel Arap Moi, e a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher. O chefe de Estado queniano chegou domingo a Londres para uma visita de dois dias, proveniente dos Estados Unidos, onde a sua estada foi ensombrada por uma polémica sobre alegadas violações de direitos humanos no Quênia. O Quênia é o país de África subsariana que recebe maior volume de ajuda britânica: mais de 200 milhões de libras nos últimos seis anos, o que também ultrapassa o auxílio dado ao país por qualquer outro país doador.

Proposta da Coreia do Sul

A Coreia do Sul propôs um encontro entre o seu primeiro-ministro e o da Coreia do Norte para melhorar relações, mas acrescentou que os dois países têm de primeiro restaurar a confiança mútua. O primeiro-ministro sul-coreano, Lho Shin-Yong, propôs em carta ao seu homólogo norte-coreano, Li Gun-Mo, que se encontrassem para «debater exaustivamente várias questões postas por ambos os lados, de modo a melhorar as relações e a abrandar as tensões».

A carta era uma resposta a um recente pedido da Coreia do Norte para que fosse dado início a conversações de alto nível do âmbito político e militar.

Refém francês no Líbano

Um clérigo xiita libanês afirmou que pensa que um refém francês ameaçado de morte não será abatido pelos seus raptadores, pró-iranianos. A Organização de Justiça Revolucionária, num comunicado distribuído às 18 horas (hora de Lisboa) de sábado, afirmou que Jean-Louis Normandin estava «a ser julgado» e que anunciaria a sua «execução» no prazo de 48 horas, a menos que a França satisfizesse as suas exigências. Mas tal ameaça até agora não foi concretizada.

Protesto de mineiros sul-africanos

Cerca de 7000 mineiros negros participaram, numa manifestação de protesto no fundo de uma mina de ouro de Joanesburgo disseram funcionários da companhia e dos sindicatos. A manifestação na mina de Grootvlei começou quando cerca de 1100 mineiros que trabalharam no horário de domingo à noite, permaneceram no interior no fim do turno, na segunda-feira de manhã, só voltando para o exterior da mina entre duas a três horas mais tarde, disseram aqueles funcionários. Marcel Golding, porta-voz do Sindicato Nacional de Trabalhadores das Minas, disse que a manifestação tinha sido motivada pela alteração da classificação laboral de alguns mineiros.

Conversações NATO-Pacto de Varsóvia

A NATO e o Pacto de Varsóvia discutiram em Viena os objectivos de possíveis novas negociações Leste-Oeste para a redução de forças convencionais na Europa. De acordo com fontes diplomáticas, os representantes dos dois blocos voltaram a encontrar-se hoje na Embaixada de Itália em Viena, para estudar a possibilidade de realização de uma sessão sobre desarmamento na conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia. Observadores consideram que essa conferência poderia substituir as negociações para a redução de tropas na Europa Central, que foram iniciadas em Viena, há três anos, mas não têm registado progressos.

Explosão mata 49

Uma explosão ontem verificada numa fábrica de têxteis em Harbin, no Nordeste da China, matou 47 pessoas e feriu 179 — anunciou a agência noticiosa Nova China. A explosão danificou diversas secções da fábrica de Harbin, na província de Heilongjiang, e poderá ter sido causada por uma acumulação de poeira de linho — disse aquela agência.



deverão poder

hou nove lugares nas eleições islandesas, e deverá voltar ao Parlamento político, disseram

Suominen, comemorando o fim pelo seu partido no Parlamento: «Estamos desejosos de 21 anos de oposição... resultado nos possa manter

orsa, apesar de ter afirmado iria se o seu partido baixas — seriam necessárias negociações do Governo que iria últimos quatro anos.

o novo Governo deverão ar — tes políticas disseram que onado a demitir-se, sobre-ervadores dispõem agora de ato.



UEFA: Amanhã é dia de "acertos"

PORTO E GUIMARÃES: QUE DESTINO?

Os encontros da segunda «mão» dos quartos de final das três competições europeias — Campeões, Taça e UEFA — disputam-se amanhã e os dois clubes portugueses sobreviventes, Futebol Clube do Porto e Guimarães, poderão vir a ter destinos diferentes.

O Futebol Clube do Porto, que terá dito adeus à renovação do título com a derrota por 1-0 em Portimão, terá de defender a magra vantagem de 1-0 conseguida nas Antas, ao passo que o Guimarães, de uma vitória por margem de quatro golos.

Recorde-se que o Guimarães teve a sua última vitória na «Nacional» de Futebol a 1 de Fevereiro no Funchal ao derrotar o Marítimo, por 2-0, e já não produz o mesmo futebol que o levou a estar na corrida para o título, mas mesmo assim com a eliminação praticamente resolvida para o Borussia os vimeiraneses podem beneficiar deste factor e dar aos seus adeptos o ensejo de festejarem um triunfo.

Marinho Peres não poderá contar com Roldão (lesionado) e ainda Nenê e N'Kama (ambos castigados pela UEFA). Entretanto Ademir já se encontra em condições de actuar e por isso integra o número dos convocados que são os seguintes: Jesus, Lopes, Tozé, Basílio, Paulo Jor-

ge, Rui Vieira, Ademir, N'Dinga, Basaula, Cascavel, Dinis, Carvalho, Costeado, Miguel, Nascimento, Adão, Nivaldo e Heitor.

Deste lote é fácil concluir qual o onze inicial e nós arriscamos neste vaticínio: Jesus; Costeado, Miguel, Nascimento e Heitor; Nivaldo, Rui Vieira (Carvalho), Ademir e Roldão; Cascavel e Basaula.

Frio não congela ânimo dos «Dragões»

Baixas temperaturas e muita neve acolheram a equipa do FC Porto na sua chegada a Copenhaga para o jogo frente aos dinamarqueses do Brøndby para os quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus em Futebol.

A turma portista, que se encontra hospedada a cerca de 15 quilómetros a norte de Copenhaga, não efectuou o treino previsto para ontem devido ao mau tempo, acabando por se limitar a um «footing» numa zona verde em redor do hotel.

O técnico Artur Jorge declarou estar preocupado com as condições atmosféricas para o jogo de amanhã, estando em dúvida a possibilidade de efectuar o treino de hoje no Hdræts Park Stadium. **O treino é importante, mas pelo que sei há dificuldades...** — disse Artur Jorge, acrescentando estar confiante no valor dos seus pupilos e no prestígio do futebol do clube das Antas.



Portistas à partida para a Dinamarca

O conjunto nortenho deverá efectuar, contudo, um reconhecimento do terreno de jogo e da iluminação do estádio, tendo o Brøndby cedido um campo de treinos das suas instalações aos portistas em caso de necessidade.

Segundo os últimos dados meteorológicos, a equipa portista poderá disputar o jogo com os nórdicos sob temperaturas a rondar os cinco graus negativos e com alguma neve.

A comitiva é constituída pelo presidente, Jorge Nuno Pinto da Costa, Teles Roxo, vice-presidente para o futebol profissional, dr. Domingos Gomes, médico, Rodolfo Moura, massagista, Luís César, secretário, Fernando Brandão, roupeiro, Artur Jorge e

Octávio, técnicos, e os seguintes jogadores: André, Casagrande, Celso, Eduardo Luís, Festas, Futre, Gomes, Inácio, João Pinto, Juary, Lima Pereira, Mlynarczyk, Madjer, Quim, Sousa e Zé Beto.

Em relação ao jogo de Portimão, saíram Laureta, Vermelhinho e Semedo e entraram Frasco, Casagrande, Inácio, Lima Pereira e Mlynarczyk para o lugar de Amaral.

Entretanto, o jogador Klaus Nielsen está totalmente recuperado para o jogo com o FC Porto, assim como o guarda-redes Peter Sthmeicel, lesionado durante o estágio em Itália.

O técnico do Brøndby, Ebbe Skovdahl, que presenciará o

encontro das bancadas do estádio em virtude de um castigo da UEFA, anunciará hoje a equipa titular para o embate com os «azuis e brancos», tendo revelado, contudo, uma modificação para o lote dos 16: a entrada de Tommy Christiansen para o lugar de Torbaw Frank.

No banco do Brøndby, o lugar de Skovdahl será ocupado pelo técnico dos juniores daquela equipa, Arne Nilsson, depois de os responsáveis do clube terem chegado à conclusão de que aquele treinador estava mais apto a dirigir a importante partida. Arne conhece muito bem os jogadores... — justificou assim uma fonte ligada ao Brøndby, a substituição de Skovdahl, depois de rumores no sentido de aquela missão seria entregue ao seleccionador Sepp Piontek.

O próprio Skovdahl mostrou-se satisfeito pela escolha recair em Arne Nilsson, tendo declarado a propósito: «Ele compreende melhor a forma de jogar do Brøndby», acrescentando que não havia garantias de que Piontek aceitasse a tarefa de dirigir o Brøndby frente aos portistas.

Sobre a suspensão que a UEFA lhe aplicou, Skovdahl frisou estar esperançado que isso não tenha um reflexo negativo no comportamento dos jogadores, afirmando: «eles estão revoltados com a minha suspensão, mas espero que tal não tenha efeitos psicológicos».

Outros jogos

O grande embate da Taça dos Campeões decorrerá no Santiago Bernabéu onde o clube local (Real Madrid) receberá o Estrela Vermelha de Belgrado e tem por objectivo anular o 2-4 trazido da Jugoslávia.

Nos outros encontros a vantagem da primeira «mão» simplificou as previsões: o Bayern ganhou ao Anderlecht, por 5-0, e o Dinamo de Kiev derrotou pelo mesmo resultado o Besiktas de Istambul.

Na Taça das Taças, o Bordéus (de Fernando Chalana) volta a estar envolvido na discussão para a conquista de uma taça europeia e em Moscovo frente ao Torpedo não pode sofrer golos para defender a vantagem de 1-0.

Curiosamente, na Taça das Taças, todos os clubes visitados estão em situação de desvantagem e para os restantes jogos o Ajax é o único que estará em melhor posição: perdeu por 1-0 em Malmoe enquanto o Sion e o Vitosha de Sófia têm de recuperar da derrota por 2-0 frente ao Leipzig e Saragoça, respectivamente.

Dois empates sem golos faz antever jogos de expectativa na Taça UEFA: Tirol - Turim e Inter - Gotemburgo, mas um outro jogo da Taça UEFA faz movimentar muitos interesses, o Barcelona - Dundee United, tanto mais que o «Barça» perdeu por 1-0 na primeira «mão».

Informação
COMERCIAL

A Direcção Comercial da CP vem por este meio informar que a partir desta data, os nossos Serviços estão instalados na sua nova sede em Lisboa no seguinte endereço:

CP Direcção Comercial

Rua do Conde Redondo, 145 - 1100 Lisboa

Telefones: 578653, 578539, 578445, 578335, 578292, 578212, 578023.



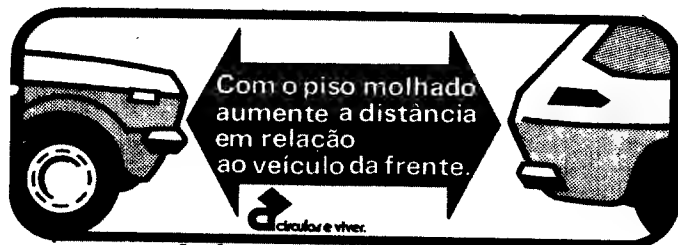
Caminhos de Ferro
Portugueses

Candy

MÁQUINA
DE LAVAR
ROUPAUM ANO DE
GARANTIA2.450\$
POR MÊS

M.L. FERREIRA

R.D. Estefânia, 48A-1000 Lisboa



Com o piso molhado
aumenta a distância
em relação
ao veículo da frente.

⬇
circular e viver.

Ciclismo: Salgueiros apresenta-se



Aos adeptos salgueiristas foram apresentados os seus representantes na estrada para a época 1987. Eis os seus nomes: Alfredo Gouveira (que será igualmente o treinador-responsável), Marin Fonseca, Alberto Carvalho, Manuel Garcês, Gaspar Gonçalves, Paulo Brito e Aníbal Silva, sendo provável a inclusão do brasileiro Alexandre Fulgrot.

Sócrates: o adeus ao futebol

O avançado brasileiro Sócrates anunciou ontem à noite a rescisão do seu contrato com o Flamengo e abandona definitivamente o futebol profissional.

O jogador, que integrou as selecções do Brasil nos mundiais de futebol de 1982 na Espanha e 1986 no México, anunciara há dias a sua decisão de abandonar o futebol no final desta temporada, ao terminar o contrato com o Flamengo, mas antecipou a sua decisão devido a sucessivos problemas físicos, que o impediram de dar o seu contributo à equipa.

Sócrates iniciou-se como profissional em 1973 no Botafogo do campeonato paulista, transferindo-se cinco anos depois para o Corinthians, um dos clubes mais populares do Brasil e onde atingiu a sua consagração.

Golfe: tacada rende 143 mil contos

O norte-americano Don Pooley ganhou 1 milhão de dólares (143 000 contos) ao fazer um «hole-in-one» (bola no buraco com apenas uma pancada), na última volta do clássico «Bay Hill» em golfe, disputado em Orlando.

Pooley, que recebeu o maior prémio de sempre da história do golfe por um «hole-in-one», cometeu a sua proeza ao meter a bola com apenas uma pancada no 17.º buraco, a 185 metros, da última volta do torneio.

O jogador anunciou que metade do prémio será destinado a um hospital infantil de Orlando.

O torneio foi ganho pelo seu compatriota Payne Stewart com 264 pancadas (20 abaixo do par) nos quatro percursos, estabelecendo novo recorde do campo, e recebendo o prémio de 108 000 dólares (15 200 contos). Na 2.ª posição ficou o sul-africano David Fros, com 267 pancadas, seguido do norte-americano Dan Pohl, com 275.

Benfica em tempo de campanha eleitoral

"TAÇAS E TROFÉUS ESTÃO ENCAIXOTADOS E O BUSTO DE LIMA BASTO DESAPARECEU"

Mas as críticas a Fernando Martins não ficaram por aqui, durante o encontro do candidato João Santos com os benfiquistas, no Fórum das Picoas

O momento eleitoral do Benfica, continua a processar-se com total empenhamento das três listas em confronto, sendo de assinalar a constância de ataques, injúrias, calúnias e acusações por parte de alguns elementos afectos aos líderes Fernando Martins, João Santos e Cavaleiro Madeira. Por tudo isso, caberá aos associados da prestigiosa colectividade o julgamento final que será dado no próximo dia 27 quando chamados a escolher os dirigentes que irão proceder à gestão dos negócios do clube.

mando que o clube tivera um prejuízo de 300 mil contos com a construção das «torres» e que tais contas não foram feitas com «pá e picareta». Seguiu-se João Santos, para se congratular (ele e todos os presentes) com o triunfo futebolístico averbado em Guimarães. Na sala escutou-se o grito da euforia. Marcel de Almeida (que insistiu ter sido ele

todos os domínios da sua acção». Sobre recente afirmação de Fernando Martins de que começaram a surgir «oportunistas» na corrida eleitoral, aquele «mestre de Direito» afirmaria de que «só por ironia trágica se podem fazer referências a oportunistas». António Sala fala de espectáculos anunciados, para dizer que, no Coliseu, «irão estar presentes artistas pagos, enquanto no Cinema Alvalade estarão graciosamente os benfiquistas Tozé Brito, Paulo Bonzo, Fernando Tordo, Paulo Carvalho, Rui Veloso, Armando Gama, José La Féria, Carlos Paião e outros mais».

Gaspar Ramos comentou as críticas do seu «inimigo n.º 1» (Fernando Martins), explicou o que foi a sua acção enquanto responsável pelo Departamento de Futebol e anunciou os projectos para o futuro.

Quanto ao famigerado pacto dos clubes diria: «Factos que nos inibem de reforçar a equipa de futebol não podem manter-se».



João Santos esclarece benfiquistas presentes no auditório das Picoas

Ontem, ao fim da tarde, coube a João Santos juntar cerca de mil associados no Fórum das Picoas, para mais uma sessão de esclarecimento e, com ele, estiveram os demais integrantes da lista na qual se destaca o dr. juiz desembargador Adriano Afonso (indigitado presidente da Assembleia Geral). Marcel de Almeida (número um para o Conselho

Fiscal) e outras figuras de relevância na vida do SLB como Gaspar Ramos, José Gomes Machado, José Capristano, José Diogo, Lima Basto, António Figueiredo, dr. Flores de Andrade, dr. Monteiro Lemos, Coronel Rui Taveira, Mena Antunes, dr. Miguel Magalhães, eng.º Vítor Vasques e outras mais figuras de inquestionável dedicação clubista.

Na plateia, entre os mil associados que couberam no auditório principal, viam-se alguns antigos atletas e dirigentes em sinal de aprovação ao «programa» anunciado por João Santos, ainda que um ou outro, ali fossem com o objectivo (natural) de «tomarem o pulso» ao que lhes estava sendo prometido.

Pelas 18,50 entraram os presidentes e de pé são recebidos e saudados pelos demais. António Sala «coordena» a sessão e justifica porque «trocou» Cavaleiro Madeira por João Santos. Cita Gilberto Cardoso (gravemente doente) como benfiquista de «todos os costados» e lê um telex remetido, de longa distância, por Michael Gulbenkian (elemento «vetado» para dirigente, mas segundo o dr. Adriano Afonso à revelia da lei). Outro dos «vetados» (dr. Carlos Machado) sobe à tribuna para rebater Fernando Martins, reafir-

a pagar a viagem de Yokochi dos EUA para participar nos «nacionais» de natação, mas, curiosamente, surgem esta manhã notícias documentadas de que assim não sucedera) retomou a intenção de, ao serem eleitos, mandarem proceder a uma auditoria às contas (e salientou a diferença entre auditoria e sindicância) não por existirem quaisquer dúvidas sobre a honorabilidade das pessoas, mas para se ter uma ideia correcta da situação financeira encontrada e prometeu que assim será feito quando cessarem funções.

O dr. Juiz Adriano Afonso com o equilíbrio, sensatez e coerência com que marca as suas intervenções e assinala as atitudes, refere-se a João Santos como o homem certo para condutor do executivo, mas torna claro que futuramente o Benfica será dirigido em termos colegiais porque (disse) «o Benfica é de todos e não de um homem só».

Coube ainda ao dr. Adriano Afonso informar os associados de que os elementos constantes daquela lista «não buscam saliência, mas garantem lisura, elegância, competência e dedicação para bem servir a colectividade e prestigiá-la em

Ainda na fase de perguntas e respostas o tema de troféus encaixotados e bustos que se colocam «à revelia dos associados» (referiam-se ao do actual presidente e outros que desaparecem em causa o do professor Lima Basto) terá desaparecido sem que se saiba para onde e por ordem de quem) esteve em debate, e, ironicamente, o associado n.º 343 questionou João Santos se no caso de ser eleito «vai consentir que se construa uma estátua sua».

O derradeiro tema girou à volta do diferendo que parece existir entre a actual direcção e a empresa Teixeira Duarte sobre verbas (a construtora fala numa dívida de 270 mil contos e o clube alega ser bastante menos) cabendo ao dr. Adriano Afonso informar de que no relatório nada consta a tal propósito, pelo que ignoram o assunto, tendo, no entanto, prometido, que «se forem eleitos o Benfica saberá honrar os seus compromissos».

Bingo, lugares cativos, campanha dos 100 mil associados, questão de segurança no Estádio, sócios vitalícios e visitas quiadas a todo o complexo, foram outros temas em discussão para os quais João Santos e seus parceiros se mostram sensibilizados.

Benfica, em hora de campanha eleitoral. Discórdias, acusações e formas diferentes de gestão. No fundo, vitalidade de um grande clube.

Alves Henriques

arco
iris

CONCURSO



nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef. _____

Pai ou Mãe Nome: _____

2º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

3º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

RECORTE PELO RALC ADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS
APARTADO 4.700 507 580A (CODER)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 3.º JUÍZO

ANÚNCIO

O JUIZ DE DIREITO DA 3.ª SECÇÃO DO 3.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA.

XXXXXXXXXX

FAZ SABER que correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os executados JOSÉ MANUEL DOMINGOS BERTRAND e mulher MARIA LUISA MOREIRA GORJÃO HENRIQUES BERTRAND, com última morada conhecida na Rua Actor Taborda, n.º 55-1.º Esq.º, em Lisboa, actualmente em parte incerta, para no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, pagarem ao exequente a quantia de Esc. 235 149\$00, acrescidos dos juros à taxa legal de 23 %, custas e procuradoria, até efectivo pagamento, deduzirem oposição ou nomearem bens à penhora que garantam o pagamento de tais quantias, nos autos de Execução Sumária n.º 9638 movidos por **RENAULT GEST** — SOCIEDADE DE COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, SARL, com sede na Av. Infante D. Henrique, lote 575, Lisboa, sob pena de ser devolvido à exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Lisboa, 2 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
Moura Cruz
A Escrivã Adjunta,
Maria Alice Ramos

«DL» 17/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 7585 2.ª Secção
São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª secção deste Tribunal, e nos autos de Execução Ordinária n.º 2 385 que **Remat-Quest-Sociedade de Comércio de Automóveis, SARL** intentou contra **MANUEL RAMOS NUNES** e outra, aquele com última residência conhecida na Rua Conde Redondo, 35, 2.º Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, contados a partir da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aquele executado, para, no prazo de dez dias, finda que seja a dilação dos éditos, deduzir oposição à execução, pagar à exequente a quantia de esc. 897 325\$00, acrescida das custas, selos e juros vencidos à taxa legal de 23 %, até efectivo pagamento, ou nomear bens à penhora suficientes para garantir tal pagamento, sob pena de, não o fazendo, se devolver ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, conforme tudo melhor resulta da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta secretaria a disposição do citando

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito,
a) José Tereza de Fátima

A Escrivã,

b) Maria Teresa de Matos Dias

«DL» 17/3/87 — 2.ª pub.

Relações clubes-Imprensa

SINDICATO DE JORNALISTAS FAZ 'PONTO DA SITUAÇÃO'

A direcção do Sindicato dos Jornalistas e o grupo de trabalho dos jornalistas de desporto estabeleceram contactos com a direcção do Sport Lisboa e Benfica, a Associação Nacional de Treinadores de Futebol e a Associação Nacional de Clubes.

Quer no caso do Benfica e da ANC foi encontrada abertura para a resolução dos problemas que preocupam os jornalistas, nomeadamente no campo das condições de trabalho e de direito ao acesso à informação.

A direcção do SLB prometeu envidar esforços para melhorar as condições de trabalho no seu estádio e a ANC ficou de discutir as propostas apresentadas pelo Sindicato, numa sua próxima assembleia geral. A ANC e o Sindicato reconheceram o significado e a importância do encontro, o primeiro que se faz entre as duas entidades.

Finalmente, do encontro com a ANTF resultou um conjunto de decisões da iniciativa daquele órgão de treinadores, na sequência também das propostas feitas pelo Sindicato.

Nomeadamente, deliberou a direcção da ANTF:

1 — Petição aos associados para melhor colaboração aos jornalistas em serviço nos campos de futebol, nomeadamente

na entrega das constituições das equipas, pelo menos 30 minutos antes do início dos jogos.

2 — Mútuo respeito pelas acções profissionais dos elementos pertencentes às nossas instituições sindicais.

3 — Cooperação dos nossos associados quando em função activa perante entidades patronais, no exercício de condições de trabalho condignas para o exercício da profissão dos jornalistas.

4 — Aprovação unânime ao projecto da realização de um encontro nacional entre Sindicato dos Jornalistas, Sindicato dos Jogadores e a ANTF, para análise conjunta dos problemas inerentes à modalidade.

Este encontro será aberto a todos os elementos das respectivas classes, permitindo-nos sugerir uma data no período do defeso, de preferência a primeira quinzena de Junho.

O Sindicato dos Jornalistas e o grupo de trabalho dos jornalistas de desporto pediram ainda audiências à direcção do Sporting Clube de Portugal e à Confederação de Clubes, aguardando resposta daquelas entidades.

Corrida para o Ambiente

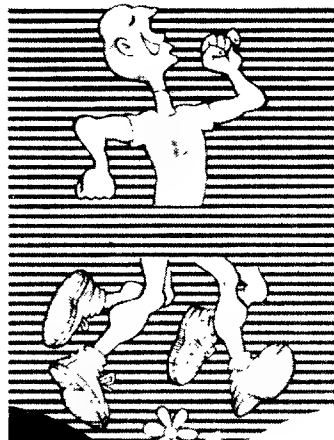
Uma corrida de 5 quilómetros assinala o início formal do Ano Europeu do Ambiente, organizada pela Comissão Nacional e que conta com o apoio da Direcção-Geral dos Desportos, que, desse modo, pretende sublinhar a íntima relação entre a prática desportiva e a pedagogia do ambiente. Deseja-se através desta manifestação sensibilizar as pessoas para uma melhor reflexão

quanto aos múltiplos problemas ambientais que a todos dizem respeito requerendo, na sua resolução, a participação colectiva.

O Conselho Europeu escolheu o dia 21 de Março de 1987 para início do Ano Europeu do Ambiente e a Comissão Nacional encarregue da organização desta campanha em Portugal, pretende a participação dos mais variados secto-

res da sociedade. O convite aqui fica, em jeito de apelo, e o leitor tome nota do local a hora de partida: Évora: Templo de Diana (10 horas); Lisboa: Forte do Bom Sucesso

(15 h.); Coimbra: Escola P/3-Vale das Flores (10 h.); Porto: Refinaria da Petrogal-Av. dos Centenários (Leça da Palmeira) às 10,30 horas; Braga: Av. Central (10 horas).



TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO 2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 24 de Março de 1987, pelas 10 horas, nesta 1.ª Instância, Rua Bramcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: FAISÃO REAL — Soc. Refeições Rápidas, Lda, com sede na Av. Duque de Loulé, n.º 5-3.º esq. em Lisboa, no processo executivo n.º 1275/85.

BENS PENHORADOS

AUTO PENHORA n.º 1-Rs. 8 — bens penhorados na Av. Duque de Loulé, n.º 51-3.º DL.º

Verbe n.º 2 — Com pratos a doce, com timbre «Noite e Dia»; com pratos de sobremesa, com timbre «Noite e Dia»; com pratos rasos, com timbre «Noite e Dia»; cinquenta sopelinas; sessenta chavenas a café; sessenta pires a café; vinte e quatro chavenas a chá; trinta e seis pires a chá; quarenta e oito saletes e pimenteiros tipo seia; vinte e quatro copos a Porto; cento e vinte copos a cerveja 0,25; sessenta copos a cerveja 0,40; cento e sessenta e oito copos a vinho; vinte e quatro copos a vermoute; vinte e quatro copos a galão; cem taças Frou-Frou; trinta «fluts» a cerveja 0,25; quarenta e oito «fluts» a gelados; quinhentas facas a salada de frutas; um copo misturador; quatro pratos redondos 0,27 cm; quatro lavabos facetados de vidro; vinte e quatro taças para aperitivos; inox; dois baldes de gelo inox; um «frapé» a gelo inox; seis travessas para bolos inox com 27 cm; um bule a chá n.º 0 inox; duas leiteiras n.º 2 inox; quatro garfos «prestige» inox; quatro colheres «prestige» inox; duzentos garfos de mesa; duzentas facas de mesa; duzentas colheres a sopa; cem colheres a doce; oitenta colheres a café; vinte e quatro colheres a galão; duas facas a pão inox; duas espátulas manteiga; quatro colheres inox; dois palheteiros inox; uma canoa de gelo inox; duas tijelas com 19 cm inox; duas tijelas com 21 cm inox; quatro travessas 35x21, frio, inox; um caldeiro para batatas, inox; quatro pulverizadores inox; três conformadores sorvete inox; quatro pinças a gelo inox; uma tijela 34 cm inox; sessenta coquilhas a manteiga inox; uma coqueteleira inox; um coador de «cocktails» inox; um ralador de limão inox; dez espetos de 12 cm inox; sessenta azetoneiras em louça; cento e cinquenta saladeiras em louça seca; duzentos moxarinhos em louça seca; trinta e seis palheteiros em vidro; duas frigideiras em ferro n.º 2; uma frigideira em ferro n.º 6; uma frigideira em alumínio Matoso com 28 cm; uma panela em alumínio Matoso n.º 20; uma panela em alumínio Matoso n.º 7; um

tacho em alumínio Matoso n.º 10; um tacho em alumínio Matoso n.º 16; uma cafeteira em alumínio Matoso de 10 litros; uma cafeteira em alumínio forte de 3 litros; dois tabuleiros em alumínio Matoso n.º 35, tudo em bom estado de conservação no valor de 125 000\$00 (cento e vinte e cinco mil escudos).

Verbe n.º 3 — O direito ao arrendamento e trespasses das instalações sitas na Av. Duque de Loulé, n.º 51-3.º DL.º em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 7000\$00 e o respectivo recheio, composto por: duas máquinas de calcular da marca «TOTALIA», mod. 83-81, com os n.ºs 240 547 e 246 763; uma calculadora da marca «OLIVETTI», mod. Multisuma 22; quatro secretárias em metal com tampo preto; três mesas de máquina de escrever em metal, com quatro gavetas; uma mesa de apoio em metal com duas portas; um armário em metal com duas portas de vidro e alçado; um armário em metal com duas portas; seis cadeiras em metal forradas a napa cor cinza; duas cadeiras giratórias em metal forradas a napa cor cinza; um carro em metal para contas corrente; um ficheiro em metal com quatro gavetas; um duplicador da marca «ROMEO 500»; uma cadeira giratória em metal forrada em napa cinza; uma cadeira giratória em metal com braços forrada a napa cinza; três cadeiras em metal forradas a napa vermelha e duas secretárias em metal com tampo preto, tudo em razoável estado de conservação, no valor de 900 000\$00 (novecentos mil escudos).

Verbe n.º 4 — O direito ao arrendamento e trespasses das instalações sitas na Avenida Duque de Loulé, n.º 51-1.º DL.º em Lisboa, pelas quais é paga a renda mensal de 7000\$00, e o respectivo recheio, composto por: Um frigorífico industrial, com 4 portas, da marca «NEVADO»; uma máquina para fazer gelados da marca «NEVADO»; uma bateladeira da marca «HOBART», pequena, tudo em razoável estado de conservação, no valor de 900 000\$00 (novecentos mil escudos).

Auto Penhora n.º 2

Verbe n.º 1 — Sete prateleiras em madeira e inox, dois aparadores com tampo em inox, deztoito mesas e setenta e duas cadeiras em pinho, uma mesa para caixa registadora com cadeira estofada, um painel para comando de luzes e máquinas (quadro eléctrico), uma vitrina expositora, uma mesa aparador, dois espelhos de v.c., dois extintores de 6 kg, dez prateleiras em aço inox para balcão e uma hote em aço inox, tudo em mau estado, a que se atribui o valor de 50 000\$00 (cinquenta mil escudos).

Verbe n.º 2 — Uma aparelhagem de ar condicionado e extracção de ar, desmontada, a que se atribui o valor presumível de 50 000\$00 (cinquenta mil escudos).

Verbe n.º 3 — Louças, vidros e talheres, a seguir discriminados:

— Trezentos pratos de doce, tipo Vista Alegre; trezentos e cinquenta pratos de

sobremesa Vista Alegre; vinte e quatro pratos rasos Vista Alegre; cento e trinta e sete sopelinas; cento e sessenta e sete chavenas de café Vista Alegre; vinte e nove chavenas de chá Vista Alegre; setenta e dois pires a chá Vista Alegre; quarenta e oito pires a café Vista Alegre; cinquenta e oito saletes/pimenteiros; quatro jarros a «cup»/água; trinta e nove copos «ON-ROCKS»; cento e vinte e sete copos facetados a uísque; trinta e seis copos lisos a uísque; cento e oito cálices a Bragatol; noventa e sete cálices balão 6 onças; trinta e seis cálices balão 18 onças; vinte e três cálices balão 30 onças; trinta e três copos a Porto; trinta e cinco copos tipo «Galtec»; cento e sessenta e sete copos a cerveja 0,25; vinte e um copos a cerveja 0,40; setenta e oito copos a vinho; vinte e um copos a vermoute; trinta e cinco copos a galão; oitenta e duas canecas a cerveja 0,50; sessenta taças a Magos; cento e deztoito copos de sumo; vinte e seis fluts a cerveja, 0,3 e 0,40; onze fluts a gelado; cento e deztoito taças Fire-King (aperitivos); cento e sessenta e nove cinzeiros de barro; um copo misturador; oitenta e três taças para aperitivos «Fire King»; cinquenta e oito fluts a champagne; duas limoneiras; dezasseis baldes de gelo lisos; oito fraps a gelo; cinquenta travessas para bolos de 27; dez bules a chá n.º 0 e n.º 2; dez leiteiras n.º 2 e n.º 6; doze garfos «prestige»; doze colheres «prestige»; quatrocentos e sessenta garfos de mesa; quatrocentos e sessenta colheres, digo, facas de mesa; cento e quarenta colheres de sopa; duzentas e trinta e cinco colheres de doce; duzentas e treze colheres de café; cento e dezasseis colheres de galão; sessenta colheres de chá; deztoito colheres de xarope; deztoito facas de pão e serviços; quatro espátulas de manteiga; dez colheres; seis palheteiros; cinco tijelas 0,19 cm, digo, três tijelas 0,19 cm; quatro tijelas 0,21; dezasseis travessas 35x21, a frios; dois caldeiros para batatas; oito pulverizadores; três conformadores de sorvete; deztoito pinças de gelo; nove tijelas 34 cm, cento e vinte coquilhas de manteiga; duas coqueteleiras; dois coadores de cocktails; dois raladores de limão; cinquenta espetos para grelhar de 12 polegadas; seis palheteiros inox; quatro bandejas para trocos com 18 cm; três frigideiras de ferro n.º 2; uma frigideira de ferro n.º 06; uma frigideira de alumínio matoso n.º 28; uma frigideira de ferro n.º 6; duas conchas a molhos; uma vitrine expositora de bolos; três galheteiros; uma panela de alumínio forte n.º 20; um tacho de alumínio forte n.º 50; um tabuleiro alumínio forte n.º 50; uma taça ornamental de vidro; uma cafeteira de alumínio matoso 5 litros; uma cafeteira de alumínio matoso 3 litros; uma panela com cabo de alumínio matoso n.º 5; um tacho alumínio matoso n.º 26; dois tabuleiros de alumínio forte 23x14x4; três tabuleiros de alumínio forte 32x22x5; dois tabuleiros de alumínio forte 52x26x5; doze bandejas redondas de 27 cm; quatro cafeteiras F.R.; seis legumeiras F.R.; duas panelas «MIN-CHIN» de 21 cm;

doze travessas de mesa 46x29; doze tijelas de 16 cm em inox; quatro tijelas inox 25 cm; seis tijelas inox de 27 cm a que se atribui o valor total presumível de 150 000\$00 (cento e cinquenta mil escudos).

Auto de penhora n.º 3-fls. 152 — bens penhorados na Rua da Adica, 17

Verbe única — Móveis, utensílios, louças, vidros, adornos, aparelhagem diversa e vidros, existentes no restaurante bar Conde Andeiro, conforme a seguir se indica:

I) Móveis e Utensílios:

Uma bancada com gavetas e armários para cozinha, enfiadeira e forrada a fórmica; calorze mesas de restaurante, quadradas, com pé redondo; uma mesa de restaurante, redonda, grande; duas mesas de restaurante, quadradas, com 4 pés tubulares, com tampo em fórmica; vinte e oito cadeiras de restaurante com costas e fundo em pele; duas mesas em ferro, e tampo em vidro para bar; um conjunto de três mapas para cinco lugares, formando canto em pele; dois mapas de veludo vermelho para bar; quatro pufs de veludo vermelho para bar;

II) Aparelhagem Diversa:

Uma máquina de café Faema-Ariete 1 grupo W82845; um moirinho de café Faema, n.º 12 199; Uma máquina registadora da marca Sweda; uma balança em aço inox com 20 kg força, da marca Medinas; um fogão em aço inox com 4 bicos e forno, a gás propano; um fogão com 2 bicos a gás propano, da Fábrika Portugal; um extrator de fumos para chaminé, tipo Bdf 12-3000, CG73829; um esquentador Termogal 10 litros, ref. C-250 N; um lava-loiça em aço inox; uma armação em cantoneira de ferro com prateleiras e portas para garrafeiras; um balcão frigorífico em aço inox, com lava-loiça para bar; uma aparelhagem de ar condicionado e respectiva conduta; um aspirador da marca Nilfisk; uma ventoinha da marca KDK; um grelhador sem chapa, da Fábrika Portugal; uma fritadeira industrial da Fábrika Portugal;

III) Louças e Vidros e Talheres:

24 pires a café Braz & Braz; 24 chavenas a café Braz & Braz; 18 pratos a sobremesa Braz & Braz; 30 pratos a sopa Braz & Braz; 36 pratos rasos Braz & Braz; 4 chavenas a café Braz & Braz; 6 pires a chá Braz & Braz; 6 azetoneiras Vista Alegre; 3 galheteiros com base de madeira; 60 facas a carne; 45 facas a peixe; 30 colheres a sopa; 8 colheres a sobremesa; 60 garfos a carne; 11 garfos a peixe; 48 colheres a café; 12 colheres a chá; 5 copos a água; 30 copos a vinho tinto; 45 copos a vinho branco; 13 copos a Porto; 14 saletes/pimenteiros; 6 copos a bagaço; 10 cálices a licor; 43 taças pequenas; 10 cálices a brandy; 12 taças a champagne; 18 copos a Whisky, baixos; 20 copos a Whisky, altos; 12 taças a cocktail de marisco com interior; 6 baldes grandes; 6 baldes médios; 2 baldes pequenos; 9 copos a água, altos; 6 canecas com asa; 6 copos

a cerveja; 3 fluts a champagne; 12 cinzeiros de vidro diversos; 7 tacinhas de barro a ardoz; 10 tijelas de barro a caldo verde; 5 frigideiras de barro a bife; 14 pratos diversos de barro a pão; uma canoa de barro para assar chouriço; 2 pires de barro com recepte para molho; uma travessa de barro, rectangular para assados; um púcaro grande de barro; 3 saladeiras de barro; uma panela de alumínio forte, n.º 26 sem asas; um tacho «matoso», n.º 10; dois tabuleiros de alumínio forte, rectangulares, n.º 40; um tabuleiro de alumínio forte, rectangular, n.º 30; uma forma para bolos em alumínio forte, redonda, grande; um tacho de alumínio forte, n.º 20; uma panela «maloso», n.º 11; uma fritadeira em ferro, com rede; duas formas para pão de ló; uma fritadeira em ferro, n.º 7; uma fritadeira em ferro, n.º 6; uma fritadeira em ferro, n.º 4; uma fritadeira em ferro, n.º 3; uma fritadeira em ferro, n.º 2; um tacho «Cassiano», n.º 4; um tacho de alumínio forte, n.º 40; um tabuleiro de alumínio forte, n.º 45; uma forma para bolo inglês, n.º 30; uma cataplana em cobre; uma cafeteira de alumínio forte de 5 litros; dois coadores de rede; uma queijaria com base de madeira e campânula de vidro; uma taça a cup em vidro, com asas; três conchas a sopa; quatro escumadeiras; dois garfos a grelhados; três colheres de cozinha; duas espátulas de manteiga; duas espátulas de grelhados; um queimador de leite creme; duas varas de ovos; um corta ovos «Duplex»; seis colheres de madeira diversas; um garfo de madeira; dois martelos de madeira, a marisco; dois martelos de madeira com bicos; um funil inox; seis tijelas a sopa, inox; seis tijelas a arroz doce, inox; seis travessas inox rectangulares, pequenas; um tabuleiro inox de serviço; quatro pratos redondos inox, grandes; quatro pratos redondos inox, médios; quatro pratos redondos inox, pequenos; seis pires inox; um tabuleiro redondo a hors-d'oeuvres; dois baldes de gelo inox, lisos; duas pinças de gelo inox; duas legumeiras inox, médias; duas legumeiras inox, pequenas; duas molheiras inox; um caneleiro inox; um paliteiro inox; um bule inox, n.º 2; um bule inox, n.º 1; um caricoa inox, n.º 1;

IV) Bebidas:

a) aperitivos:
3 garrafas de Cinzano Branco; 1 garrafa de Martini Branco; 1 garrafa de Cinzano Rosé; 12 garrafas de Cinzano Tinto;
b) aguardentes:
5 garrafas de Macieira 5 estrelas; 1 garrafa de 1920; 1 garrafa de Constantino brandy; 2 garrafas «Porto Amaranth» (aguardente velha); 3 garrafas «São Francisco» (aguardente velha); 3 garrafas «branca» (aguardente de cana); 2 garrafas «Aldeia Portuguesa» (bagaceira); 1 garrafa «Solar» (bagaceira branca); 1 garrafa «Romaria» (aguardente de cana); 1 garrafa «Medronheira»; 1 garrafa «Amarguinha» (amêndoa amarga); 2 garrafas «Tente» (amêndoa amarga); sete garrafas «São Francisco» (bagaceira); 1 garrafa «Run Vieux» — Ancora;

c) vinhos tintos:
11 garrafas «Clarete» de 1980, de 0,75; 25 garrafas «Clarete» de 1980, de 0,375; 12 garrafas «Pinquito» de 1980, de 0,75; 2 garrafas «Barroco» de 0,75; 24 garrafas «Arealva» (reserva) de 1979, de 0,75; 15 garrafas «Arealva» (reserva) de 1979, de 0,375; 18 garrafas «Pasmados» de 1979, de 0,75; 9 garrafas «Tuela», de 0,375; 4 garrafas «Lelo» (Clarete) de 1975, de 0,375; 3 garrafas «Porca de Murça», de 0,375; 15 garrafas «Dão Grac Vasco» de 1979, de 0,375; 3 garrafas «Dão Caves Velha» de 1979, de 0,375; 19 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1980, de 0,375;

d) vinhos Rosé:
12 garrafas «Mateus Rosé», de 0,75; 4 garrafas «Mateus Rosé», de 0,375; 22 garrafas «Casal do Castelo», 1979, de 0,75; 3 garrafas «Borido», de 0,375; 3 garrafas «Solar», de 0,375; 2 garrafas «Messias», de 0,375;
e) Vinhos Brancos:
6 garrafas «Dão Novo Mundo», 1979, de 0,75; 5 garrafas «Gratino», de 0,75; 5 garrafas «Paços dos Infantes», de 0,75; 6 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1982, de 0,75; 12 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1982, de 0,375; 15 garrafas «Pasmados» de 1984, de 0,75; 5 garrafas «Dão Grão Vasco», de 1979, de 0,75; 18 garrafas «Dão Grão Vasco», de 1982, de 0,375; 15 garrafas «Dão Terras Altas», de 1976, de 0,375; 15 garrafas «Caves Acácio» de 1970, de 0,75; 3 garrafas «Terras do Domo», de 1983, de 0,75; 9 garrafas «Porca de Murça», de 0,375; 15 garrafas «Bucelas Velho», de 1982, de 0,375; 8 garrafas «Dão Meia Encosta», de 0,375; 28 garrafas «Arealva» 1983, de 0,375; 6 garrafas «Frei João» 1976, de 0,375; 3 garrafas «Dão Caves Velhas» 1978, de 0,375; 18 garrafas «Castelo dos Mouros» de 0,375; 18 garrafas «Emissário», de 0,375; 12 garrafas «Dão Barroco», 1979, 0,375;

f) Vinhos Verdes:
120 garrafas «Diamante Verde», de 0,375, branco; 8 garrafas «Cepa Velha», de 0,375, tinto; 7 garrafas «Casal Garcia», de 0,375, tinto; 12 garrafas «Casal Mendes», de 0,75, tinto; 5 garrafas «Presidente» de 0,75, tinto; 27 garrafas «Providente», de 0,375, tinto; 7 garrafas «Santola», de 0,75, tinto e 7 garrafas «Diamante Velho», de 0,75, tinto, a que se atribui o valor total presumível de 1 000 000\$00 (um milhão de escudos).
São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 13 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O Lq. Trib.,
(F. Lopes)

«D.L.» 17/3/1987



Greta Garbo, acompanhada da mãe, quando dava os primeiros passos no cinema

EXCLUSIVO

GRETA GARBO A SÓS COM A SUA LENDA- 3

William Frank

MAURICE Stiller, o homem consagrado e experimentado, antepôs o êxito da sua «estrela» ao seu próprio e, sem dar mostras de ciúmes profissionais, aceitou que Greta rodasse o seu primeiro filme no estrangeiro, naquele mesmo ano de 1924.

Greta deslocou-se à Alemanha e, sob as ordens de Georg Wilhelm Pabst, filmou «A Rua Sem Sol» em que tinha como «partner» feminina a conhecida Asta Nielsen. O argumento do filme narrava o estado de miséria em Viena, depois da I Guerra Mundial, bem ao jeito do posterior «O Terceiro Homem» do inesquecível Orson Welles. O êxito de Greta foi apoteótico.

Stiller teve a prova definitiva de que a sua «estrela» era, sem dúvida, já uma das grandes do cinema, sem medo de interpretar qualquer papel que lhe confiassem. Greta estava mais madura para a grande aventura que, a passos largos, se aproximava e que se resumia, simplesmente a uma só palavra: Hollywood.

A 6 de Julho de 1925, Greta e Maurice, então inseparáveis, embarcam com rumo aos Estados Unidos, a bordo do «Drottingholm», tentando o mesmo êxito na «meca do cinema». Pouco tempo depois, os seus destinos separam-se e seguem rotas diferentes.

Glória e decepção

Após vários meses de adaptação ao novo estilo de vida e ao cinema que se fazia daquele lado do Atlântico, Greta Garbo torna-se na grande «estrela» de «Grande Hotel», «A Rainha Cristina», «Anna Karenina», «Margarita Gautier», «Maria Waleska» e tantos outros filmes. Quanto a Maurice Stiller, não teve a mesma sorte de Greta e, após rodar três filmes apontados como bastante médios pela crítica, ficou gravemente doente por causas nunca aclaradas suficientemente.

A diferença de idades e o destino encarregaram-se também de destruir as suas estranhas relações amorosas. Greta, por seu lado, não conseguiu resistir aos encantos de jovens que com ela contracenaram, entre elas John Gilbert, seu «partner» em vários filmes. Em 1928, praticamente condenado pelos médicos norte-americanos, Stiller regressa à Suécia, amargurado, derrotado e sem forças para continuar a lutar. Morreria com 45 anos de idade. Dias antes recebeu uma carta muito carinhosa de Greta, a qual anuncia que passará o Natal com ele em Estocolmo. Isso não aconteceria! A mortenão esperou...

Stiller morreu triste e amargurado. No entanto, nunca disse uma palavra de reprovação a Greta, nem sentimental nem profissionalmente. Diz-se que Greta abandonou Stiller tentando não o fazer sofrer mais, já que o realizador remoía em silêncio os ciúmes loucos que tinha quando via Greta nos braços de outro homem.

Feliz ou infeliz? Só ela o sabe

A vida amorosa de Greta depois do seu rompimento com Stiller foi sempre muito misteriosa. A actriz negou-se sempre a falar deste tema, a deixar fugir algum aspecto da sua intimidade e nunca deu hipóteses à Imprensa ou à curiosidade pública de vasculharem a sua vida privada. Dos romances de Greta sabe-se que viveu durante algum tempo com o maestro e compositor Leopold Stokowsky e com o empresário teatral Georges Schelee, o qual morreria subitamente nos braços da actriz no quarto do seu palácio parisiense.

Entre outros romances mais ou menos «ateados», referem-se os que viveu mais ou menos «acaloradamente» com os actores Robert Taylor, Clark Gable, George Charles Boyer...

«A vida amorosa de Greta foi sempre muito discreta e ninguém tem nada a apontar-lhe», afirmava há alguns anos o seu bom amigo e actor Rex Harrison. «Foram muitos os homens que desejaram ser amados por Greta mas penso que foram poucos os que verdadeiramente interessaram à «Divina». A morte de Stiller marcou-a profundamente por muitos motivos e ela nunca conseguiu superar a sua falta».

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	0	0	0,0	P. nub.
V. Castelo	6	6	0,0	Neblina
Vila Real	2	2	0,0	Limpo
Porto	8	5	0,0	Limpo
P. Dourad.	-	-	-	-
Coimbra	8	8	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ...	10	10	0,0	Limpo
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	9	9	0,0	Limpo
Lisboa	10	10	0,0	Limpo
Évora	9	9	0,0	Limpo
Beja	8	8	0,0	Limpo
Faro	10	9	0,0	Neblina
Sagres	8	8	0,0	Limpo
P. Delgada	13	13	0,0	M. nub.
Funchal	14	13	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 20, Faro 20, Ponta Delgada 16, Funchal 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

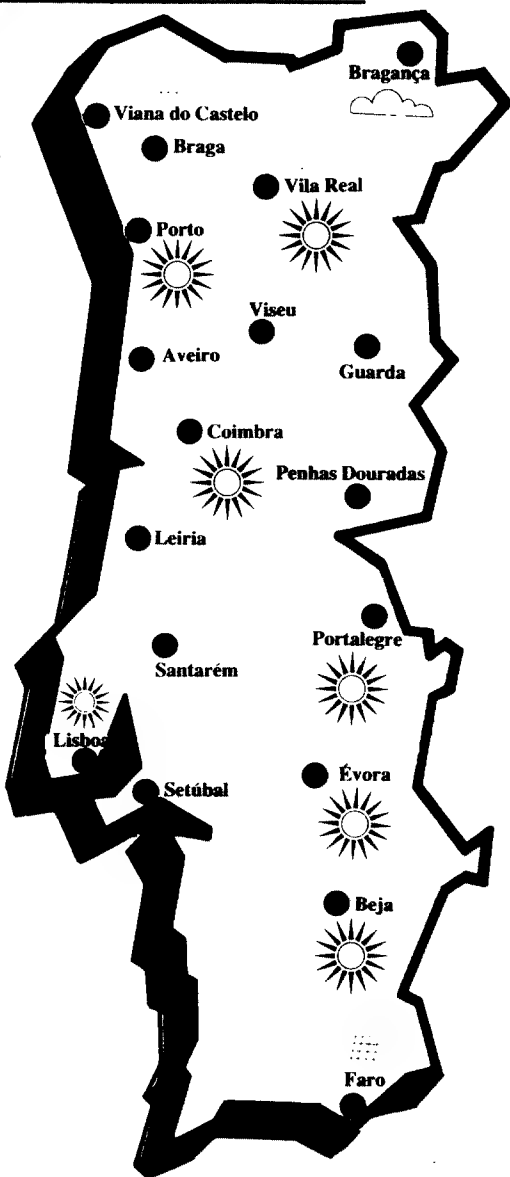
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	2	2	Limpo
Londres	6	5	Chuva
Paris	2	-2	Muito nub.
Bruxelas	2	1	Chuvisco
Amsterd.	4	0	Chuva
Genebra	-4	-	Muito nub.
Roma	2	0	Limpo
Oslo	-4	-4	Neve
Copenhaga	-4	-4	Neve
Estocolmo	-6	-7	Neve
Berlim	-1	-2	Neve
Viena	-	-	Muito nub.
Varsóvia	-1	-2	Neve
Atenas	4	2	Neblina
Moscovo	-9	-12	Neblina

NOMUNDO

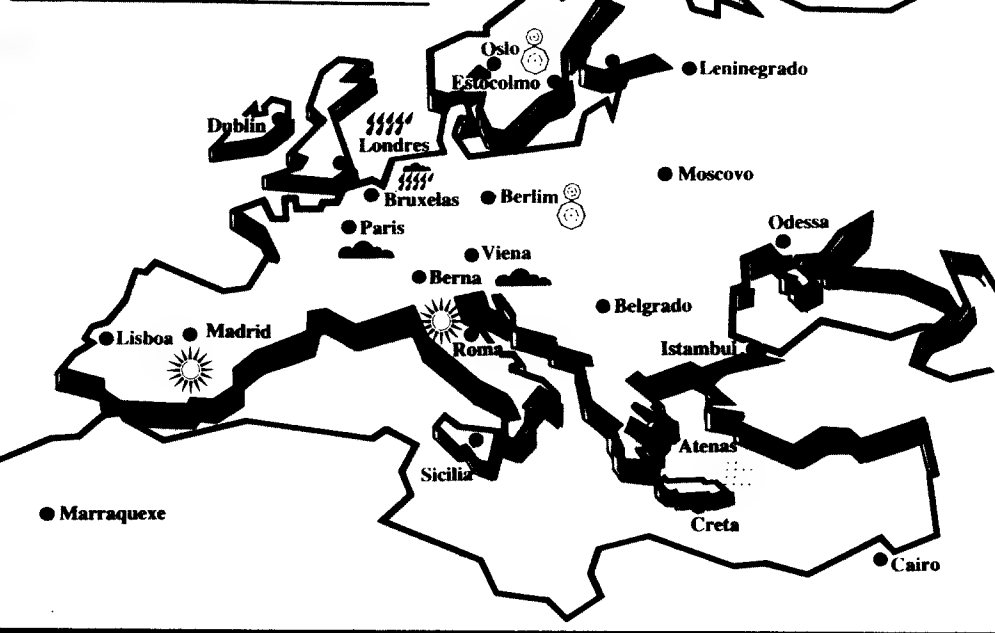
	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	18	31	Nublado
Joanesburgo ...	17	26	Nublado
Los Angeles	8	20	Limpo
Montreal	-8	2	Limpo
Nova Deli	16	33	Limpo
Nova Iorque ...	-2	6	Nublado
R. de Janeiro ..	19	30	Limpo
S. Francisco ...	9	18	Limpo
São Paulo	20	26	Nublado
Tóquio	4	14	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No continente: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de leste. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nas regiões do Interior Norte e Centro. Estado do mar: Costa Ocidental: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros. Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros. Nos Açores: Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste bonançoso a moderado no grupo Ocidental, e moderado a fresco nos grupos Central e Oriental. Aguaceiros fracos nos grupos Central e Oriental.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de nordeste de três metros. Na Madeira: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de nordeste. Aguaceiros e condições favoráveis a ocorrência de trovoadas. Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de norte de dois metros na costa Norte e inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu pouco nublado, apresentando muito nublado nas regiões Norte, onde há possibilidade de aguaceiros fracos para o fim do dia. Vento geralmente fraco. Pequena subida da temperatura mínima.

DEPOIS

Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado, nas regiões do Norte, onde há possibilidade de aguaceiros fracos durante a madrugada e manhã. Vento fraco ou moderado do quadrante norte. Pequena descida da temperatura.

MARÉS

Hoje

	Praia-Mar	Baixa-Mar
4.10	4,1 m	9.50 0,8 m
16.27	4,1 m	22.04 0,8 m

Amanhã

4.41	4,1 m	10.24 0,9 m
16.58	4,0 m	22.39 0,9 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Zeca, Opus 1

A MUSANTROPIA

Jorge Lima Barreto

(este texto é dedicado à Zélia, sentidamente)

1. Liberdade não é Milagre

A vida do Zeca não pode servir apenas como redenção daqueles que o ignoraram. A lição do Zeca não é ideológica: é um profundo pragmatismo revolucionário que ela transmite, é a insatisfação com a máquina despótica do Poder, é também a luta permanente pela liberdade na Arte. Não canonizam o Zeca!

Não se façam passar por herdeiros do Zeca, o incorruptível, esses que, mesmo através da música, se vendem às estruturas de Poder. Quem era tão feliz por nada possuir só pode deixar esse tipo de felicidade. É também do sofrimento que é feito o seu nome (como Camões ou Pessoa ou Botto). O seu nome é português, não façam comparações com outros nomes, de dissidentes soviéticos, heróis do Oeste bravo, terroristas. A sua vida era, por isso mesmo, livre; não seguia cartilhas ou prescrições ideológicas. Ele ensinava-nos a sermos livres.

Mas vamos ser objectivos e aproveitar este momento de tréguas na censura dos meios de comunicação, momento por certo fugaz, para reexpor o que aqui foi cortado, ali silenciado, acolá perseguido.

2. Musicologia Portuguesa

Necessita uma explicação muito urgente a posição do Zeca na música portuguesa. Os vampiros da burocracia, os tiranos do empresariado e os eunucos da música ligeira ou de música elitista dão as mãos.

Neste labirinto dum jogo em que as regras são a submissão, o banditismo, a ganância, o Zeca fez papel de Minotauro. Papel esse que, obviamente, não era o dele, apenas lhe sendo presumivelmente atribuída essa função pelos detentores do Poder. Mais calamitoso ainda é como o considerou a Musicologia Dominante (que se passeia nos corredores das Secretarias de Estado, da Gulbenkian, dos Ministérios da Cultura e da Educação, nos Palácios de república nos eleitos reis, nos gabinetes dos fidalgoes discográficos): para a Musicologia Dominante, Zeca Afonso não foi um músico. Alguma vez o ouviram no Auditório da Gulbenkian? Algum texto erudito, mesmo tingido de chamuscas marxizantes o considerou? Não. Por muito feio que pareça a Ideologia da Musicologia Dominante não o assumiu como Músico. Confundindo Música Ligeira com Música de Massas, tentou atirar-se com o Zeca para o obliquo. Até mesmo um Lopes-Graça nunca levantou a voz pelo Zeca. E se Lopes-Graça o não fez, muito menos seja quem for. Talvez João de Freitas Branco na sua enorme capacidade de nos compreender a todos o tenha feito, mas sem a convicção das instituições a que pertence. E vamos esclarecer: Música Ligeira é um subproduto inestético da arte musical... alimenta-se da força do trabalho desta, através de decalque, plágios, mentiras. A música ligeira, paupérrima semiologicamente, veicula através dum poema a falsa ideia duma áurea mediocritas, camufladora da injustiça social, da problemática afectiva ou da cultura. Assim ela é o meio através do qual a alienação transmite à música. Não culpem só o Marco Paulo: Não é o

Marco Paulo que faz a Música Ligeira, mas a Música Ligeira é que faz o Marco Paulo. Esse é o preço da alienação.

Em 1976, no meu livro «Musicónimos», eu defini o termo **Música de Massas** e discuti-o com o Zeca: «Música de Massas é aquela que na autenticidade dos meios, no lirismo da forma, na fertilidade da inspiração, na liberdade instintiva da execução, se radica fortemente na realidade vivencial e na filosofia das populações».

Precisamente por ser autêntica e corresponder a um inconsciente colectivo definido (Zeca cantava em português, os portugueses entendiam-no) ela não é música ligeira; precisamente pelo seu carácter musicográfico empírico, por vezes naïf, é excomungada dos púlpitos da erudição; a dita «música erudita» aposta na racionalidade guttemberguiana — da complexidade da escrita musical se organizam os critérios de valor da música «erudita».

Perguntamos: «erudita»? Quem sabia mais de nós todos — o Zeca ou aquele músico talentoso que escreveu uma sonata para violino e piano, que teve uma ou duas execuções e se perdeu na memória dos tempos imediatamente. «Séria»? Não será mais séria a música que ensina a crença na liberdade e no prazer, da comunicação colectiva, que aquela que instiga padrões imperiais e aristocráticos?

É um ponto quente a que chegamos: depois da morte do Zeca irá continuar-se o vampirismo e a prepotência dos musoburocratas que querem dividir, hierarquizar, arregimentar todos os músicos no interesse do engrandecimento do seu ego?

E os tiranos exploradores da criação musical continuarão a impor-nos brasileiradas, festividades musicais televisivas e anódinas, sacrossantos quão chatos concertos vitorianos? Ou certos capitalistas das editoras multinacionais continuarão a titilar o membro tumefacto da mais-valia destruindo e lançando o anátema sobre a criatividade, contra a originalidade, afogando a revolução permanente da música?

Pois o que se passa é que, mesmo para os indómitos defensores do Zeca, se vive um enorme equívoco: o de confundir música de massas com música ligeira, ou até de reivindicar a complexidade como valor único da música quando, em estética, o simples também é belo.

3. Música de Massas

Adoptando este termo como mecanismo operatório/terminológico da análise vejamos o que se passou na evolução desta música de massas portuguesas:

4. Antes do 25 de Abril

Muito logicamente a música de massas distinguia-se da música ligeira durante o fascismo: aquela era perseguida, proibida, censurada, etiquetada como revolucionária e esta era acarinhada, incentivada, exposta como sublimação da criatividade musical, retrato da corrupção cultural. Tão díspares que se chamou «canção de protesto» e uma e «nacional-cançonetismo» a outra.

5. 25 de Abril

«Grândola» é o hino da liberdade. Os músicos ligeiros passam uma crise li-

geira. Inflação de «cantores de protesto», em detrimento doutras tipologias musicais. A «intervenção» compromete-se.

6. Restauração do Sistema Capitalista

A crise política prensada por antagonismos e dialécticas dilui-se em reformismos e na ideologização social-democrata. O socialismo (a princípio marxista) passa à contemporização e a um anónimo fulcro de revisão. Os fascistas regressam camuflados em partidos e sistemas políticos de direita. Reduzem-se as formas de energia libertária, acomodam-se a colectividade a uma elite eleitoral. A RTP reorganiza-se em planos retrospectivos e saudistas do ancien regime. A RTP torna-se o centro da reacção. Todos os seus dirigentes, sem excepção, reprimem o Zeca e são cabeças de turco do mercado capitalista do disco. A «canção de protesto» disseminada no painel partidário e ideológico de esquerda eclipsa-se: surge a «música popular portuguesa», eunuca nas intenções libertadoras e na contestação.

7. Música Popular Portuguesa

Com tanta pressão da cultura brasileira, surgem certos homomorfismos e a ideologia dominante patrocina-os.

Música popular portuguesa é termo decalcado do «mpb» — mpb significa uma música de massas ou ligeira de carácter tribalizante que se desenvolve desde a cultura oral brasileira até a sua superindustrialização. Ora a mpb não provém da evolução de conceitos etnomusicais tribais, Portugal conheceu o feudalismo, a revolução burguesa, a revolução industrial, o colonialismo. Por isso esta «aculturação» da música de massas portuguesa na mpb foi de certo modo fictícia e ordenada por padrões do marketing.

Os «cantores do protesto» deixam de cumprir parcialmente o desiderato estético do Zeca. Não denunciou ele em 84, e em 85, e em 86, e em 87 que os eunucos se voltavam a baixar aos vampiros e que o seu projecto de Música era libertar os oprimidos, cantar as suas alegrias e tristezas?

Os cantores de protesto levam vida dupla: ávidos do estrelato (ideia tão vulgarmente instalada na música ligeira), dizem «sim» ao sistema musical reformista; com a mpb, não podendo obnubilar os seus ideais políticos, nomadizam a canção de protesto para zonas «quentes» (Nicarágua, 25 de Abril ideal tipus, Bangla Desh, Timor... Oteló) e nesta deambulação encontram sempre o Zeca. Os seus nomes: para quê citá-los se eles são já signos vulgarizados da música comercial?

Mas não vamos ser injustos: só eles tomaram partido da sobrevivência do Zeca como homem e como músico, e acreditamos que a morte de Zeca Afonso cumpra o seu mais vivo desejo: que a música seja a liberdade. De resto as apologias, as imolações, as cumpabilizações não são dignas desse projecto. E a música não se resolve por decretos partidários. A canção é assim uma respiração natural dum corpo social que quer ser feliz. O Zeca ensinou-nos a sermos felizes e a querermos ser livres. Tirem as gravatas, acabem os gestos despóticos, ponham termo às censuras e às perseguições, não martirizem mais o Zeca Afonso, não martirizem mais a música portuguesa.

8. Última etapa:

Pop e mass media — A vertiginosa decadência de valores e identidades



ideológicas/musicais permite que em 78 surja um movimento musical empirista da música pop/rock apodada de «rock português».

Usando os mesmos topos e canais de divulgação e entrando na mesma miscelânea estética das variedades televisivas bem como o mesmo processo de comercialização da música ligeira (a saber: um disco por ano na multinacional, corrida à rádio e à Imprensa, decoração dos concursos TV e programas pseudoculturais, promiscuamente ampliados pelo jornalismo musical subscritor dos interesses das ditas multinacionais, exposições, gratuitas e perversas para as crónicas sociais...) Ora quer o «rock» português quer a pop são émulo do tipo estrangeiro anglo-saxónico (como, aliás, «par tout le monde»). Este «rock» sofre logo uma contaminação por «overdose» da música ligeira por planificação deliberada do capitalismo discográfico; por um princípio de vasos comunicantes descambou numa interpenetração de valores musicais e espectaculares da MPP, da música pop, do «rock» e da ligeira, mesmo insinuando-se vagamente num pseudo jazz nacional (canção, balada, são também formas de jazz). Neste «complot» comercial a canção de protesto intimida-se e passa a ser música funcional: seu mister é apoiar pontualmente lutas políticas de esquerda, nacionais e especialmente estrangeiras, sempre encontrando motivo de veneração ao nome e à música de Zeca Afonso.

Os «músicos de protesto» (quando não protestam, e fazem-no cada vez menos) são parceiros do «rock» português, da pop e o que é mais grave da música ligeira cujo intercâmbio metamorfoseia a música de massas em mercadoria musical, logo mais-valia dum trabalho que se aliena nas empresas capitalistas, organizações de concertos e encontra porta-voz disponível e subserviente na TV. Alguns companhei-

ros do Zeca, e por ele acusados, tornam-se ridículas «superstars» duma constelação exangue e miserabilista e certos meios de comunicação dão-lhe um epíteto: «música moderna portuguesa» — onde todos cabem no mesmo saco. Categoria despropositada e fruto da ignorância dos vendilhões: em Musicologia «Música Moderna» tem o seu termo na queda do sistema tonal e no surto da «Música Contemporânea». Zeca falava disto tudo. Músico informado (foi a primeira pessoa a falar-me de Stockhausen) arguto observador, não menos cáustico e satírico crítico ele dizia-me (Nova Iorque, 1982): «essa história já é habitual. Tudo igual ao litro. Querem é fama e dinheiro. Não têm culpa, mas não resistem à tentação». Por estas posições Zeca Afonso é votado ao ostracismo, mas a luta continua. Cabe aos músicos e cantores de massas o papel de prosseguir a aventura do Zeca, mas sabedores de que a verdade em música não tem de modo algum de ser subserviente da ideologia. Com o Zeca, Portugal ganhou um bom punhado de excelentes cantores e músicos de massas, caso muito raro nas sociedades europeias.

A música de Zeca consiste na recuperação duma tradição melódica portuguesa ou no imaginário dessa mesma tradição, de tal forma que não se distingue o que é tradicional ou o que o Zeca inventou; ele levanta assim um folclore musical português intencionalmente contestatário da ideologia do Poder.

Os obituários, os «futricas», as carpideiras muito devem escrever sobre ele, tentando mercantilizá-lo.

Este texto (primeiro de 3)* procura situar a música de Zeca Afonso no nosso panorama, porque, acima de tudo, Zeca foi um músico português. Mestre da nossa mais verídica música, ele foi o musantropo.

Nota: Opus 2: o semântico
Opus 3: a poética.

UM JEEP EM TERCEIRA MÃO

Carlos Porto

UM JEEP EM SEGUNDA MÃO, de Fernando Dacosta.
Encenação: Adolfo Gutkin. Cenografia: José Manuel Castanheira.
Figurinista: Henrique Nunes. Música: Rui Luís Pereira.
Interpretação: Ávila Costa, Carlos Paula Vasconcelos, João Lagarto, José Lopes e Silvina Pereira. Grupo de Teatro Maizum.
Estreia: Sala do Teatro do IFICT, 12/03/1987 (13/03/1987).

Em 1978, Fernando Dacosta obteve com o seu original «Um Jeep em Segunda Mão» o Grande Prémio de Teatro RTP, «exaequo» com a peça «Um Homem é um Homem» de Hélder Costa. O júri que premiou a peça era constituído por Amélia Rey Colaço, Luís Francisco Rebelo, Jorge Listopad, Alçada Baptista, J. A. Osório Mateus, Carlos Wallenstein e Luís de Oliveira Nunes.

Só anos depois a RTP gravou a peça, gravação que até hoje não apresentou por razões que o público desconhece, tendo surgido por várias vezes a acusação de se tratar de um acto de auto-censura já que a peça tem como ponto de partida o tema da guerra colonial.

«Um Jeep em Segunda Mão» é pois uma peça pensada e escrita para a Televisão, a cuja linguagem procura obedecer. Por isso, as didascálias do autor têm a ver com a filmagem do texto, não com a sua apresentação em palco. Veja-se este exemplo: «O tempo de duração dependerá, sobretudo, do ritmo escolhido pelo realizador. Este poderá, por isso, 'trabalhar' o texto à vontade, de acordo com as exigências da adaptação. Os silêncios, as sequências visuais, os grandes planos, desempenham

um papel fundamental, bem como os elementos e os objectivos que deverão ter um 'peso' expressivo constante».

A peça foi apresentada por alguns grupos amadores, mas só agora um grupo independente, o Maizum, a estreou em palco profissional, aliás, inaugurando com este espectáculo um novo espaço teatral, do Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatrais dirigido por Adolfo Gutkin.

Começando por ser uma obra literária, tendo por objectivo ser filmada para a Televisão, a peça de Fernando Dacosta surge finalmente como obra teatral, ou seja, em terceira mão, o que, aliás, se nota excessivamente no espectáculo.

O original representado ficou naturalmente reduzido às cenas que decorrem durante o fim-de-semana que quatro amigos, antigos companheiros da tropa, combatentes da guerra colonial, vão viver a convite de um deles, que possui um terreno a sul de Lisboa.

Situado num descampado, com um rio perto, o terreno lembra-lhes o sertão africano, de que todos sentem uma insuportável nostalgia: a situação em que se encontram, o álcool, a «erva», a evocação do passado, o próprio rela-

cionamento físico, ajudam a recriar o tempo perdido, como se pudessem viajar de facto pelo passado, como se pudessem assumir de novo a guerra suja que travaram, e de que denunciavam alguns crimes, mas pela qual manifestam sentimentos ambíguos.

Um contacto passageiro com um grupo de ciganos, no original para a Televisão, mas muito menos explícito no espectáculo, permite a leitura de um subtexto racial que sublinha a recriação duma atmosfera carregada de violência em que os quatro acabam por mergulhar. O facto de um deles, precisamente o dono do terreno e também dono do «jeep» — outro sinal da guerra —, possuir ainda as armas com que combatera, leva a que essa violência expluda de novo, matando desta vez não pretos como nas ex-colónias, mas ciganos que aqui os substituem numa transferência muito bem achada.

No entanto, a peça de Fernando Dacosta, pelo menos nesta versão, repete-se, destinada à Televisão, esvaziando as tensões que o tema e as situações exigiram, sobretudo por culpa de um discurso retórico em que o psicodrama que as personagens esboçam acaba por se diluir.

Se o cenário naturalista de José Manuel Castanheira é modelar pela forma como cria o espaço evocado do acampamento militar, cenário construído com madeiras velhas, lonas, onde nem a água a correr e parada falta, esse forte realismo acaba por tornar mais evidente a debilidade das personagens cujo jogo psicológico e tensões conflituais não chegam a adquirir verdadeira energia teatral.



Uma direcção de actores insuficiente e carências dos intérpretes na criação da dinâmica de tensões ajudam a agravar os problemas de um texto excessivamente datado. Só o conhecimento da versão televisiva da obra nos permitiria verificar se esta opera ainda como obra dramática.

A encenação de Gutkin pareceu-me excessivamente convencional, incapaz de ultrapassar o que no texto é convencional, incapaz de fazer saltar as explosões que nele, apesar de tudo, são detectáveis (mas para isso não seria ne-

cessário mexer-lhe); e a interpretação que, com um ou outro lampejo demasiado raro (Ávila Costa, João Lagarto), parece ter-se deixado dominar pela retórica do texto, mostrando-se incapaz de transformar uma psicologia num comportamento como queria Elia Kazan, e aqui seria indispensável acabaram por impedir que este espectáculo comunicasse as emoções e também as razões que à primeira vista nele deveriam ser óbvias.

O resultado é francamente decepcionante.



MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO

LUGARES NO MERCADO DE FRUTAS DO CAIS DO SODRÉ

Informa-se que, no dia 18/03/87, pelas 14 h, se realizará, neste mercado, hasta pública para atribuição de 3 lugares para venda de produtos hortofrutícolas no Mercado Abastecedor de Frutas do Cais do Sodré com as seguintes áreas de licitação:

Lugar n.º 9 do sector 10 — 15 m² (base de licitação 540 000\$00)
Lugar n.º 2 do sector 11 — 22 m² (base de licitação 785 000\$00)
Lugar n.º 5 do sector 13 — 21,5 m² (base de licitação 770 000\$00)

As propostas poderão ser feitas no próprio local ou através de carta fechada, entregue no mercado até ao dia anterior ao do leilão.

Para conhecimento das condições de participação e de exploração dos lugares deverão os interessados dirigir-se à administração do mercado ou pedi-las através do telefone número 38 63 30.

O Director dos Serviços de Abastecimento
Rómulo Figueiredo

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA VEJA TEATRO ÀS 19 H — A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA
PLATH—
Quem a
matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

ALHANDRA TERRENO

Vende-se barato. Autorizado à construção.
Contacte tel. 982 67 46

A BARRACA

Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)

Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

Só até fim de Março



O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação
de Helder Costa

com
Maria do Céu Guerra

João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carretas
Luís Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

3.ª a Sábado
às 21.45 h
Sábados e domingos
às 16 h

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carretas

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

Alfas Triplex

— T. 806496

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O REI DOS GAZETEIROS

(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

FILHO DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

A VIDA É ASSIM

(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

ISTO ESTÁ A AQUECER

(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano). Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Capitôlio

— T. 372358

STAR VIRGEM

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

— T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CAES

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

A ESCOLHA DE SOFIA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A BATALHA DE MIDWAY
(n/ac. 13 anos)
24.00 h

Cinebolso

MEIAS PRETAS

(Int. m. 18 anos)
(porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões

— T. 324194

A NOITE FATAL

(Int. m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O FIO DO SUSPEITO

(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
O UIVO DA FERA
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

ENTRE O AMOR E O MEDO

(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

INVASÃO EUA

(m. 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CASTA E PURA
(m. 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A NOITE DAS FACAS LONGAS

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE

(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

2010 — O ANO DO CONTACTO

(m. 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

O MATADOR

(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

REGRESSO À ESCOLA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

OS TRÊS DIAS DE CONDOR

(int. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

OS MARGINAIS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

O SARGENTO DE FERRO

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A MOSCA

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

A MOSCA

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas

BALADA DA PRAIA DOS CAES

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O ANJO NEGRO DA NOITE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

PRISIONEIRAS DO SEXO

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

Reabre brevemente

Politeama

— T. 326305

O SARGENTO DE FERRO

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

THERESE

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
BAD BOYS
(m. 16 anos) 23.30 h

O MATADOR

(Int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A RAPARIGA DO TAMBOR

(m. 16 anos)
23.30 h

TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(m. 16 anos)
23.45 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro —
«O Campo do Inferno», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)AMADORA — Cinestúdio —
«Dois Polícias à Solta», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)AMADORA — Babilónia —
«O Sargento de Ferro», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Roma

— T. 889192

A SELVA DE JADE

(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxo

— T. 548560

A SELVA DE JADE

(maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

O REI DOS GAZETEIROS

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

A VIDA É ASSIM

(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

BALADA DA PRAIA DOS CAES

(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADA EM COMUM

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

APOCALYPS NOW

(n/ac. 18 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmanã

— T. 880808

ÁFRICA MINHA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.00

Xenon

— T. 368480

NOITE DOS ARREPIOS

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos

(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)ALMADA — Cinestúdio —
«As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)ALMADA — Incrível Almadense —
«A Grande Disputa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 —
«O Nome da Rosa», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Golpe do Génio», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense —
«Código do Silêncio», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)LINDA-A-VELHA — Cinetropical —
«Terror na Auto-Estrada», 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)ODIVELAS — Cineodível —
«Acto Selvagem», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)CRUZ DE PAU — Cinema Lord —
«As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

NO PORTO, "LUZ NA RIBEIRA"

Dando continuidade ao projecto de apresentação dos valores primordiais da arte contemporânea portuguesa, encontra-se patente na Galeria Nasoni, no Porto, uma exposição de Júlio Resende, sem dúvida um dos mestres das artes plásticas nacionais.

Autêntica homenagem à cidade do Porto, «Luz na Ribeira» - assim se chama a exposição - inclui 32 óleos e 10 aguarelas, retratando a Ribeira e as suas gentes. Esta mostra é apresentada no momento em que se iniciaram, junto à Ponte de D. Luís, os trabalhos de montagem do painel de azulejos da autoria de mestre Re-

sende, «Ribeira Negra», fase que antecedeu a obra agora exposta.

Tal como Fernando Pernes assinala no texto de apresentação da exposição da Nasoni, «nem haverá palavras para os portuenses lhe agradecerem uma pintura assim, tão sua, tão vincadamente marcada e assinada por um dos nomes maiores da actual arte portuguesa: Júlio Resende».

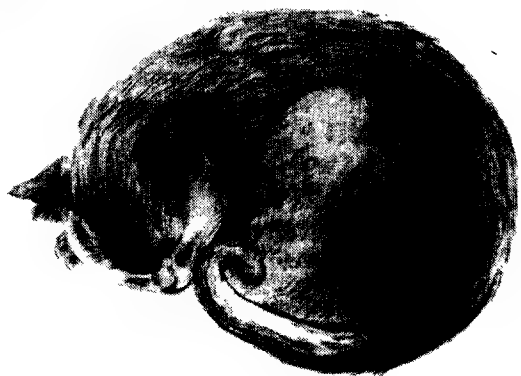
Paralelamente, e na sua Sala Atlântica, a Galeria Nasoni expõe trabalhos de Marrucho, jovem artista que nasceu em Melgaço em 1959 e que frequenta ainda o curso de Pintura da ESBAP.

«Entre os artistas das gerações mais recentes que no Porto vêm afirmando um maior senso plástico encontra-se, sem dúvida, Marrucho» - afirma o crítico de arte Joaquim Matos Chaves no texto de apresentação da exposição, inserido no catálogo que, tal como o de Júlio Resende, tem reproduzido todos os trabalhos expostos.

Estas duas exposições podem ser visitadas de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 13,30 às 19,30 e aos sábados e domingos das 15,30 às 19,30. Atenção: a Galeria Nasoni encerra às segundas e feriados.



Trabalho de Júlio Resende, na Nasoni



Desenho de Ofélia no Atrium da Imprensa

EXPOSIÇÕES

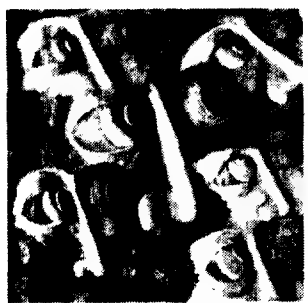
- **ATRIUM DA IMPRENSA** (R. da Horta Seca, 20): «O Gato como Motivo na Obra do Artista». Obras de Mily Possoz, Ofélia Marques, Stuart Carvalhais, Fougita, Guilherme Parente, João Oom, Ló, Luís Filipe de Abreu, Paulo Ossião, Ruth Tabela de Sousa, Estevão Soares, Henrique Mourato, Figueiredo Sobral, Isabel Mota, Ana Galvão e Mário Cesariny. Até 6 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.
- **GALERIA DE ARTE DA CERVEJARIA TRINDADE**: exposição documental sobre o raide aéreo do avião «Sagres».
- **CASA DA CULTURA** (Caldas da Rainha): exposição de arte decorativa georgiana, organizada pela Associação Portugal-URSS. Uma mostra da arte da República da Geórgia, com especial destaque para as suas formas mais significativas: cerâmica, cinzelagem, trabalhos em madeira e em pano. Patente até 30 de Março, todos os dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 15 às 18,30.
- **GALERIA ANTONIO CLARA** (Av. da República, 38): «VerNus», exposição de José João Oliveira, até 29 de Março.
- **IAM-GALERIA** (R. da Misericórdia, 92): «Faces-Fácies», pintura de D'Assis Cordeiro, até 25 de Março, de segunda a sábado das 15 às 20.

- **NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23-A): «Estampas Japonesas» de Jorge Varanda até 23 de Março, de segunda a sábado das 14 às 20.
- **GULBENKIAN** (zona de congressos): Leonor Alvim expõe «Panos Collage», de terça a domingo das 10 às 17.
- **GALERIA TEMPO** (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Álvaro Perdigão, António Carmo, Hilário e Rogério Amaral. Até 25 de Março de segunda a sábado das 16 às 20.
- **LOJA DE ARTE** (Algés): pintura de António Sena, Catarina Castro Freire, Fernando Calhau, Guilherme Parente, Jaime Silva e Miguel Yeco; escultura de Carlos Soares, Laranjeira Santos e Quintino Sebastião. Terças, sábados e domingos das 15 às 20.
- **CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO** (Almansil): novas pinturas de Manuel Baptista até 10 de Abril.
- **GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA**: pintura de Hélio Cunha até 29 de Março, diariamente das 15 às 23.
- **GALERIA MUNICIPAL DE AVEIRO**: pinturas de Zé Penicheiro com o título «Aveiro-A Ria-O Mar», até 22 de Março.
- **INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS** (Av. Luís Bivar, 91): a vida e a obra de Gustave Eiffel através de numerosas maquetas, quadros e reproduções, objectos e cartazes. Até 27 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.

- **ATELIER 15** (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição colectiva dos membros fundadores do Atelier 15, Maria Irene Ribeiro, Maria Soares, Maria Teresa Folha, Américo Silva, Luís Cruz e Vasco Folha. Patente até final de Março, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.
- **CAMARA MUNICIPAL DE ALCOCHETE** (salão nobre): exposição de pintura de Ana Maria Botelho, patente até 31 de Março, integrada nas comemorações do Dia Internacional da Mulher.
- **GALERIA NEUPERGAMA** (Torres Novas): colectiva de pintura com obras de Bual, Cargaleiro, Cesariny, Dourdil, Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal. Até 18 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 17 às 18, domingos das 17 às 18.
- **CASA DO RIBATEJO** (R. do Salitre, 136-1º): XIV Salão de Artes Plásticas de Motivos Ribatejanos - Pintura Escultura, Cerâmica e Desenho, até dia 24 de Março.
- **MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR** (Castelo Branco): «Jovens Arte Jovem», uma colectiva de pintura, desenho e escultura até 28 de Março.
- **GALERIA «JN»**: pintura de Pedro Chorão, de terça a sábado das 14,30' 19,30

- **GALERIA CAPITEL** (Leiria): exposição de pintura de Caldeira Martins até 23 de Março, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 15 das 16 às 19 (encerra domingo 22).
- **GALERIA BERTRAND DO CHIADO**: Pintura de Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela, três dos mais novos pintores portugueses.
- **BIBLIOTECA NACIONAL**: «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblico-iconográfica. Até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.
- **GALERIA QUADRUN** (R. Alberto de Oliveira, 52): escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.
- **GALERIA EMI** (R. Cruz dos Poiais, 111): pintura de Ana Jotta com o título «Eu Seja Cão» até 22 de Março, de terça a domingo das 15 às 19.
- **FUNDAÇÃO RICARDO ESPIRITO SANTO** (L. das Portas do Sol, 2): «A Arte Manual do Encadernador e do Dourador». Até 20 de Março, terça a sábado das 10 às 13 e das 14,30 às 17.
- **MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: «Bordado da Madeira 1850-1930», até 30 de Março.
- **FACULDADE DE LETRAS** (espaço de exposições): colectiva com trabalhos de Júlio Alves, Fernando Brito e Paulo Seabra.

- **LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): colectiva com pintura de Batarda, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.
- **GULBENKIAN-EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**: Pintura francesa «Hors Tendance» com obras de Martin Barré, Jean-Pierre Bertrand, Christian Bonnefoi, Daniel Buren e François Rouan, de terça a domingo das 10 às 17.



D'Assis Cordeiro, patente na IAM-Galeria

- **GALERIA DIFERENÇA** (R. de S. Filipe Neri, 42): Fotografias de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.
- **JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO** (Alfama): desenhos sobre Alfama de Fátima Teixeira Lopes. Até 21 de Março, de terça sexta das 20 às 22, sábados das 15 às 18, domingos das 11 às 13.
- **GALERIA NASONI** (R. Galeria de Paris, 80 - Porto): óleos e aguarelas de Júlio Resende, com o título «Luz na Ribeira», de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30. Na «Sala Atlântica», pintura de Marrucho.
- **OFICINA GALERIA DE ARTE** (Escadinhas do Arco da D. Rosa, 7 - Alfama): Inácio Matsinhe expõe aguarelas, desenhos, azulejos, óleos e cerâmica, das 10 às 20.
- **SNBA** (R. Barata Salgueiro, 39): pintura de João Luís, de terça domingo das 14 às 20.

- **GALERIA DE ARTE 601** (Centro Comercial S. João de Deus): pintura de Jorge Duarte, de terça a domingo das 12 às 20.
- **CENTRO DE ARTE MODERNA** (Gulbenkian): fotografias de Jorge Molder, de terça domingo das 10 às 17.
- **GALERIA HOLLY** (L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro, Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. Até 31 de Março de terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30.

MÚSICA

- **GULBENKIAN** (auditério 2): às 18,30, concerto dos solistas da Orquestra Gulbenkian, Andrew Swinnerton (oboé) e o pianista Miguel Henriques. O programa é constituído pela interpretação de obras de Schubert, Britten e Dutilleux.

CINEMAS

- **CINEMATECA PORTUGUESA**: Ciclo Norman McLaren com «Opening Speech» (1960) e «The Eye Hears, The Ear Sees» (1970), às 18,30.
- **FORUM PICOAS**: Ciclo New York, New York com «Os Três Dias de Condor» (filme de espionagem de 1975), de Sydney Pollak, com Robert Redford e Faye Dunaway. Seesões às 19 e 22.
- **INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS**: «Le Songe D'Une Nuit D'Été» de Jiri Trnka (1959). As 18,30.

LIVROS

- **BIBLIOTECA AMERICANA** (Av. Duque de Loulé, 22-B): exposição de livros sobre ensino de Inglês, destinada a professores e estudantes, com o título «TESL/TEFL 86 BOOK EXHIBIT». Até 27 de Março, de segunda a sexta das 14 às 18.



Anabela Faia expõe na FIL

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO:** Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634777); **ALVALADE:** Saneamento, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO:** Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA — PORTAS DE BENFICA:** Benfca, E. de Benfca, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE:** Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN:** Berne, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **LUMIAR:** Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MADRE DE DEUS:** Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUES DE POMBAL:** Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA:** Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELLEIRA:** Mariz, C. da Pichelera, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880777); **PRÍNCIPE REAL — SÃO LÚZIO:** Conflança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **CAE: LIDE:** Central de Carreiros, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS:** Castel. F. Vares, R. Prof. Dr. Augusto Lopes, 29-A (T. 981777); **PONTINHA:** Leão Ribeiro, A do Falcão, 3-A (T. 993777).

REFUGIO — ALAMEDA D. AFO: — HENRIQUES: Espesrança, Carlos Mardel, 101-B (T. 88468); **ALCANTARA:** Bairrao, Prior do Crato, 27 (T. 661327); **ANJOS — AO CINEM:** ROXY: Guerra, R. Andre, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA — BAIRRAO DE SÃO MIGUEL:** São Miguel, P. Francisco Morais, 1 (T. 8469); **BAIXA:** Morais, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **BELEM — ALTINHO:** Gomes Sucursal, R. da Junqueira, 36-328 (T. 638193); **CHELAS — ZONA N.º 2:** Almeida Vaz, R. Pandal Monteiro, lote 248, loja 92 (T. 855673); **ENCARNAÇÃO:** Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS:** Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA:** Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ — 2.ª:** CIRCULAR: J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **SÃO SEBASTIAO:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BUVARA — AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVIA BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 8810305); **PRIOR VELLO:** Matos, Tv. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31-I-I, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Baptista Marques, R. Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 223308). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas;

CRUZ DE PAU: Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SELXAL:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo raga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETOBAL:** Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; Costa, R. Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.**

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Fimino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OELRAS:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE:** Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS:** Amarel Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imami, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682131). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Suíça, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente; **Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; DAMAIA:** D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Pereira Dias, Monte Abraão (T. 437556). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Fátima, Fetais. Até às 19 horas; **CACÉM:** Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA:** Simões, R. Helidoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES:** Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO:** Ala, P. Dr. Joaquim M. Freitas, 5 (T. 23314). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h «FARSA VOCÊ MESMO» — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Teatro — O Bando

P. de Espanha — Tel. 726 69 10
«A VIAGEM», de Sophia de Mello Breyner. Encenação e cenografia de João Brites.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wyckley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA», Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson. Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnitzler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«MEROPE — LIBERDADE OU MORTE!», baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e encenação de Castro Guedes.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sa da Bandeira

R. Sa da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira. Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço. Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ALZIRA POWER», de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00

«MÁRIO GIN TÓNICO», sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«A VIDA É SONHO», de Calderón. Encenação: Blanco Xil.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00 «O CHOUPU ANDARILHO»
Domingos, às 16.00 «O AVESTRUZ MECÂNICO»

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04
De quinta a domingo, às 21.30

«DRÁCULOS JÚNIOR», texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advrta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

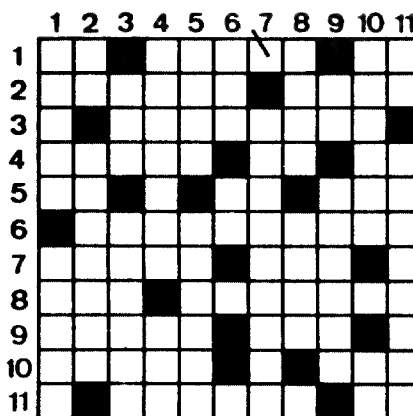
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 984

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. Prazo. Preposição.
- 2 Nome de mulher. Planalto (pl).
- 3 Encaracolaram.
- 4 Levar à toa, à sirga. Cálcio (s.q). Antes de Cristo.
- 5 Apelido. Rio de Itália. Pega.
- 6 Quebraramos.
- 7 Predestinar. Nome de homem.
- 8 Passado. Plantas cultivadas nas hortas, do género beta.
- 9 Malograr. Recusa.
- 10 Cidade do Japão. Transpire.
- 11 Embriguez (pl. e pop). Prefixo de negação.



VERTICAIS:

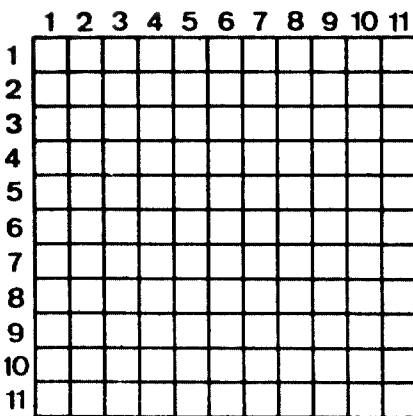
- 1 Vagueias. Nome de frutos.
- 2 Pronome pessoal. Cobertos.
- 3 Recusa. Venerar.
- 4 Cidade da Grécia. Ferro temperado.
- 5 As regiões superiores da atmosfera. Atrações.
- 6 Desgraça. Letra grega.
- 7 Encadeia.
- 8 Terra argilosa corada de amarelo, vermelho ou castanho da qual se fazem tintas empregadas em pintura. Classe.
- 9 Existe. Aliados.
- 10 Papa português nascido em Guimarães. Interjeição de dor.
- 11 Pertences. Emparelhassem.

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 813

HORIZONTAIS:

- 1 Oásis do Sara, ao Sul de Gadamés, na Líbia. Pequena porção.
- 2 Ilha do Pequeno Belt. Esvaziar.
- 3 Quarto. Oceano. Cova.
- 4 Entontecer. Justapor.
- 5 Desvairadas.
- 6 Lavrar. Sadias.
- 7 Escavada. Além.
- 8 Ave semelhante à pomba. Grande cão de fila.
- 9 Arriscaram.
- 10 Nota musical. Disfarçar (fig). Osmio (s.q).
- 11 Afrou. Pega.



VERTICAIS:

- 1 Ave de penas variegadas. Enrubescem.
- 2 Tempo do verbo haver. Reprodução gráfica.
- 3 Viração. Zomba. Para Barlavento.
- 4 Conquistara. Nojo.
- 5 Medida de superfície. Bigornade ourives.
- 6 Domicílio. Nome de mês.
- 7 Antes de Cristo. Um dos Estados do Brasil. Título honorífico na Índia.
- 8 Gandes pedaços de pão ou de qualquer coisa. Tombar.
- 9 Lavrar. Planta do pé.
- 10 Expressimos por palavras.
- 11 Desejar. Sadio. Apelido da mãe de Luís de Camões.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 983

HORIZONTAIS:

- 1 DOIS. Dáulis.
- 2 Op. BICUDOS.
- 3 Sias. Ar.
- 4 Sane. Nestas.
- 5 Aro. Cadeira.
- 6 Ibo. Ilo.
- 7 Serenatas.
- 8 Vais. Ad. Co.
- 9 Nó. Jorras.
- 10 Arnal. Eis.
- 11 Ao. Masmorras.

VERTICAIS:

- 1 Dossais NÃO.
- 2 Opár. Évora.
- 3 Anóia.
- 4 SE. BEIJAM.
- 5 Consola.
- 6 Diana.
- 7 Acreditaram.
- 8 UU. Selada.
- 9 Ld. Tios. Rer.
- 10 Idar. Cair.
- 11 SS. Sãs. Ossa.

PROVÉRBIO: Dois bicudos não se beijam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 812

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Elara. Atroa. | 1 Estar. Calar. |
| 2 Saia. Aire. | 2 Laia. Cata. |
| 3 Tília. Rimar. | 3 Lia. Ias. Sãs. |
| 4 Aa. Apare. | 4 Raiado. Acra. |
| 5 Idos. Ar. | 5 Aros. Aas. |
| 6 Caos. Fa. | 6 Sós. |
| 7 Cäs. Sr. Ni. | 7 Rã. Uri. AC. |
| 8 At. Ois. Miv. | 8 Taipa. Sabá. |
| 9 Lascas. Asas. | 9 Rimaram. Sãs. |
| 10 Ará. Abadé. | 10 Orar. Finado. |
| 11 Rosas. Casou. | 11 Aérea. Viseu. |

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Trechos de óperas, de Verdi; 16.30: Álbum musical; 17.00: Cancioneiro popular português; 17.30: Concerto sinfónico; 18.40: Orquestras de câmara; 19.00: Integrais; 19.32: Os grandes mestres do lied; 20.00: Música para flauta; 21.00: Ciência e vida; 21.30: Sonoridades; 22.00: Estes sons, esta linguagem; 22.30: Música de bailado; 23.00: Intercâmbio musical; 00.10: Orquestras de câmara; 00.50: Último andamento e resumo; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estereo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando

«O Regresso da Lampada Maravilhosa» e «Rolando vai ao Oriente»

18.50 - Show Bis
19.30 - Teletjornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

47.º Episódio: - Mário diz a Paulo que lhe apreenderam a carta porque suspeitam de contrabando e Paulo resolve falar com João a pedir-lhe conselho. Francisco diz a Joana que já não está magoado nem com o irmão, nem com Margarida. Paulo e João resolvem ir falar com Filipe, obtêm a informação de que não encontraram nenhum contrabando. Mas as buscas demoraram tempo e isso vai prejudicar o cliente e indubitavelmente alguém fez a denúncia. Francisco leva Joana a casa e depara com Margarida, ficando muito embaraçado; arranja uma desculpa e sai rapidamente. Simão recebe um telefonema no escritório dizendo que tudo correu bem, mas que Mário desconfia de qualquer coisa. João diz a Margarida que está preocupado e que resolveu que o melhor é contar tudo ao avô, por isso propõe-lhe irem ao Norte ter com ele. Pina e Lurdes preparam as coisas para irem a Paris e a filha mais uma vez aconselha a mãe a não casar com Simão. Marta e Maria Laura vão a casa de Margarida e contam-lhe o que sabem sobre o desaparecimento dela. Margarida de cabeça perdida, conta a João que foi Helena que fez com que ela fosse despedida da Agência.

20.50 - Portugal Sem Fim
«Zaire»

21.40 - Dempsey e Makepeace

19.º Episódio: - Dempsey e Makepeace são chamados para ajudar um colega, Tom Bishop, que anda a investigar as actividades de grupos de extrema direita. Os dois detectives dirigem-se ao encontro de Bishop, mas quando chegam assistem ao seu assassinio. As portas da morte, Bishop pede a Makepeace para falar a Spikings em «dez bilhões em notas» e no «homem do casaco vermelho».

No apartamento de Bishop, Dempsey e Makepeace encontram um retrato de uma rapariga, Laura, que acabam por localizar. Dempsey segue-a, convida-a para jantar e Laura leva-o a sua casa, onde se encontra Adrian Lindsay, conselheiro especial da segurança do Primeiro Ministro e superior hierárquico de Spinkings.

Lindsay planeia um golpe fascista no Reino Unido para derrubar o governo.

Realizador: - Graham Theakston

22.35 - 24 Horas

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
Resende Dias



No 1.º canal, às 21.40, o 19.º episódio de «Dempsey e Makepeace»



No 2.º canal, às 21.35, «Liza a Submissa» em «Cinema Dois»

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
Patinagem Artística e, pelas 19h 25m, Basquetebol - Final da Taça dos Vencedores das Taças.

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler

«A Mulher na Sociedade Portuguesa - Actas do Colóquio» Faculdade de Letras de Coimbra.

21.35 - CinemaDois

«Liza a Submissa»
Marcelo Mastroianni e Catherine Deneuve, nos principais papeis.
Realizador: Marco Ferreri

AMANHÃ

RTP-1

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Teletjornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.00 - Elvis Presley no Hawai
00.10 - 24 Horas
00.40 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
21.35 - Opera... Julio Cesar



AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Dempsey e Makepeace

RTP 2

CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

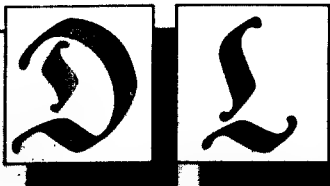
Rua da Liberdade, 11
1100-001 Lisboa
Tel. 3197570



Palavras Cruzadas



PORTE
PAGO



Fundador **João Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SOBRADO, 44 - 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 - 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço de correio (diários das 21). Porteiro: 32 11 54. Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço: **Impr. DIBOA - Tel. 12 363 LISBOA PORTUGAL**
Endereço: **INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82



Curry Cabral: três enfermeiros com SIDA?

O Conselho de Gerência do Hospital Curry Cabral desmentiu categoricamente ao nosso jornal, no fim da manhã, que três enfermeiros prestando funções no Serviço de Infectocontagiosas tenham sido contagiados pela Sida.

«A notícia não tem qualquer fundamento e ficámos alarmados com o que dizia», comentou ao «DL» um responsável daquela instituição médica, que adiantou estar a preparar-se um comunicado para esclarecimento do caso.

O Sindicato dos Enfermeiros, pelo contrário, confirmou-nos ter conhecimento de que três enfermeiros do Pavilhão C do Hospital Curry Cabral, todos eles fora dos grupos de alto risco no contágio da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, foram afectados «em serviço».

Acusa o sindicato dde naquele hospital não se tomarem medidas especiais contra as doenças de grande probabilidade de contágio, sustentando que os enfermeiros assistem doentes cujos diagnósticos não lhes são informados.

Ao que parece, os três enfermeiros, um homem e duas mulheres, tinham-se picado em agulhas já utilizadas. Uma delas apresentaria também sintomas de hepatite B. Os enfermeiros pretendiam tirar análises no hospital, o que lhes terá sido dificultado, e os resultados depois ocultados.

Filme sobre a Quarteira fez ingleses anularem viagens

Um programa transmitido pela televisão inglesa, que focava aspectos degradados da Quarteira, entre os quais o chamado «bairro dos pescadores», provocou o cancelamento de viagens de alguns turistas ingleses ao Algarve.

«Houve muita gente que depois de ver o programa telefonou a dizer que já não queria ir ao Algarve», declarou o director do Centro de Turismo de Portugal em Londres.

A mesma fonte adiantou à agência Lusa que as filmagens foram feitas por uma equipa de reportagem que, em princípio, iria retratar as facilidades de acesso das crianças às praias do Algarve. «A equipa de reportagem foi almoçar à Quarteira e ficou horrorizada», revelou Felner da Costa, sublinhando, no entanto, que o mercado «já recuperou» do efeito das filmagens transmitidas.

Também o presidente da Região de Turismo do Algarve e o Governador Civil de Faro disseram à Lusa que aquela questão se encontra resolvida e que não irá ter repercussões na próxima época alta turística.

Aqueles dois responsáveis são da opinião que «houve uma certa má vontade no programa». «É sempre fácil encontrar em qualquer local, ou região, aspectos negativos», disse o Governador Civil.

Cabrita Neto adiantou, justificando as falhas de estruturas ainda existentes, que a «Quarteira está a atravessar o que se pode chamar a crise do desenvolvimento». «Concluiu», concluiu, «a Câmara Municipal de Loulé está a fazer um esforço para que na próxima época alta muitos daqueles problemas já estejam resolvidos».

Weinberger reúne-se com autoridades açorianas

O secretário norte-americano de Defesa, Gaspar Weinberger, reúne-se, sexta-feira, nas Lajes, com as autoridades portuguesas durante uma escala de duas horas na Ilha Terceira.

Uma fonte oficial citada pela «Lusa» garante que o Weinberger se encontrará com o ministro da República para os Açores e, ainda, com Reis Leite e Mota Amaral, respectivamente, presidentes da Assembleia e Governo da Região.

Entretanto, em Lisboa, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Azevedo Soares, teve ontem em Lisboa uma audiência com o assistente do subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. Azevedo Soares e Charles Freeman «trocaram impressões sobre a situação na África Austral, em todas as suas componentes».

D/E/C/A/R/A/S/



BEJA SANTOS é o convidado do mês na Caixa Económica Operária para a série de encontros que habitualmente ali se realizam e que tomaram o nome genérico de «Encontro na Caixa». A iniciativa daquela cooperativa, no que refere ao mês corrente, foi marcada para o dia 20. Nestes encontros, que se concretizam desde Dezembro na Rua da Voz do Operário, 64, já estiveram presentes convidados como Augusto Abelaira, José Mário Branco, Carlos Pinheiro, e Luís Miguel Sintra, entre outros.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO, crítico musical e um dos jornalistas recentemente reintegrados na RTP (ainda os acontecimentos do 25 de Novembro...), iniciou um programa quinzenal na RDP-2, intitulado «Estes sons, esta linguagem». O programa de Mário Vieira de Carvalho tem lugar marcado na mesma estação emissora, às terças-feiras, às 22 horas, de quinze em quinze dias, com repetição nas segundas-feiras seguintes, às 13 e 40. O segundo programa desta série (com realização de Bernardino Pontes) será esta noite radiodifundido.

MARIA SANTOS, deputada do partido «Os Verdes», tem

programada para amanhã uma deslocação ao concelho de Loulé, para contactos com o meio estudantil e com a população, tendo em vista os problemas ambientais da região. Nesse sentido, será realizado um primeiro debate com professores, estudantes e trabalhadores em geral, na Escola Secundária de Loulé, às 15 horas; um segundo debate com a população na Casa da Cultura de Loulé, está marcado para as 21 e 30.

FRANK SINATRA desistiu do seu espectáculo marcado para 7 de junho em Oslo porque o município da capital norueguesa lhe recusou a indispensável autorização. Para tanto, os responsáveis da gestão de Oslo basearam-se numa lei municipal que proíbe a actuação de artistas que tenham dado espectáculos na África do Sul. Outro espectáculo de Sinatra previsto para Gotemburgo, na Suécia, em 9 de Junho corre os mesmos riscos pelas mesmas razões. O cantor tem actuado com frequência em Sun City, centro de diversões do bantustão do Bofutatswana, cuja independência só é reconhecida por Pretória.

ALMEIDA FARIA: o último romance do escritor. O ca-

valeiro andante» é motivo de uma crítica no suplemento literário do jornal «Le Monde», merecendo a qualificação, sumariamente, de «estranho e angustiante». «A originalidade deste romance é devida principalmente ao seu estilo: Almeida Faria encobre conscientemente o seu narrador por meio de trocas epistolares, de monólogos interiores, mesmo de sonhos», diz o articulista do diário francês. Esta é a terceira referência, na imprensa francesa e nas últimas semanas, a autores portugueses. Os outros dois foram José Saramago e Fernando Pessoa.

RUDOLF HESS, o antigo braço direito de Hitler, agora com 92 anos, já teve alta do hospital e regressou a Spandau, onde está detido desde há 40 anos, condenado a prisão perpétua por sentença do Tribunal de Nuremberga. Tinha dado entrada no Hospital militar britânico no dia 1 de Março, devido a problemas pulmonares mas já se encontra totalmente recuperado. É actualmente o único «habitante» de Spandau onde é guardado por soldados das quatro potências que se aliam para acabar com o nazismo.

ÚLTIMA HORA

O cantor pop britânico Boy George foi novamente acusado pela polícia da posse de droga, nove meses depois de uma condenação por posse de heroína. A acusação, agora de posse de marijuana, surge numa altura em que Boy George, 26 anos, tem o seu primeiro single a solo, «Everything I Own», no top de vendas. A marijuana foi apreendida no dia 20 de Dezembro depois de uma festa nocturna em que participaram também Mark Golding e Mark Batham. Golding viria a ser encontrado morto mais tarde, em consequência de uma overdose.

Biofarma dá prémio de 300 contos ao melhor trabalho sobre neuropatias

Os profissionais da Comunicação Social têm noventa dias para se candidatarem a um prémio de trezentos mil escudos que a Biofarma criou para galardoar o melhor trabalho — este ano — sobre neuropatias periféricas. O prémio foi ontem anunciado por dois dos responsáveis deste laboratório misto (capitais portugueses e helvéticos), Vidigal Mendes e Edmundo Martinho, durante um encontro com a Imprensa. Aliás, ao referido prémio, que tem o apoio do Clube e do Sindicato dos Jornalistas e da Casa da Imprensa de Lisboa (que estarão representados no respectivo júri), só podem candidatar-se jornalistas da Imprensa escrita.

Há várias «chagas» no âmbito das neuropatias periféricas, entre elas — as mais comuns — a diabetes e o alcoolismo. Todavia a actual importância das neuropatias periféricas, que abrangem várias doenças e cujo diagnóstico se conhece em todo o País, decorre do facto de representarem em todo o mundo uma das causas principais da mortalidade incapacitante.

De acordo com dados da Biofarma, havia 90 milhões de casos de neuropatias periféricas diagnosticados em treze países, em todo o mundo. Desde o Japão (41 milhões de casos) aos EUA (20 milhões), RFA (6 300 000), Espanha (3 620 000) a Portugal (1 234 000). No caso português não existem dados definitivos.

A esperança renasce nesta matéria, segundo aqueles dois responsáveis da Biofarma, que chamaram a atenção para o facto de 20 por cento dos alcoólicos sofrerem de neuropatias periféricas. Citalgia e lumbalgia são dois outros exemplos aos quais os fármacos de origem biológica tentam dar (e vão dando) resposta. O sistema nervoso periférico é constituído por uma rede densa de nervos que alcançam todo o organismo.

As neuropatias periféricas configuram um conjunto de situações clínicas, como atrás ficou dito, que têm em conta o facto das perturbações dos nervos periféricos representarem uma causa importante da patologia do sistema nervoso quer nos países em desenvolvimento quer nos países desenvolvidos.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES; CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Graciette Cruz

por Daniel Reis



Pág. 8

Águeda Sena

por Manuel Cintra



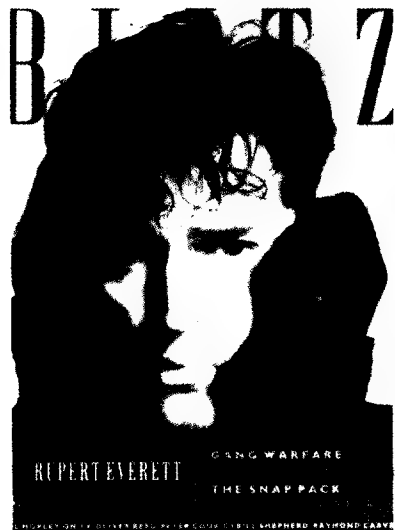
Pág. 2

Quirino de Jesus conselheiro e mentor de Salazar



Págs. 4 e 5

A revista Blitz



Rupert Everett, uma Marilyn Monroe em masculino, com todos os problemas actuais; A mulher de «que catástrofe!», inspirada na mulher-que-não-se-quis-fácil de «Dance With a Stranger»; dois exemplos de baixa costura da moda espanhola

AS supresas que as revistas britânicas põem em circulação fazem-nos acreditar que em Inglaterra se passam as coisas mais extraordinárias. E que a América, aí representada, é apenas uma extensão das qualidades mais genuínas do espírito anglo-saxónico. Mas de há um ano para cá, têm-se introduzido (muito timidamente, é certo) outras áreas humanas e geográficas.

Estamos a falar do número de Março da «Blitz» britânica e bom exemplo do que atrás se disse é a reportagem sobre «La Vida Loca» dos gangs de chicanos em Los Angeles que pouco ou nada alteraram as suas tradições de há trinta anos. Outro exemplo são as duas páginas dedicadas à Moda espanhola em que se diz que os estilistas combinam uma vanguarda ousada com as tradições mais antigas do país. Por isso, Antonio Alvarado (Madrid) traduz o punk em folclore andaluz (ou vice-versa) e chama aos resultados baixa costura. A fotografia respectiva deixa ver uma andaluza (supomos) encostada à parede muito displicente, vestida ao estilo punk mediterrânico. Ao fundo, vê-se um miúdo desganhado e próprio dos bairros típicos do Sul da Espanha.

A «Blitz» é uma revista mensal que passa a pente fino a indústria cul-

tural do mundo anglo-saxónico. Nascida na época - «The Face», copiando-a em muito mas menos arrogante e mais terrena, costuma ultrapassar o seu modelo (a revista «The Face») pela qualidade das entrevistas e dos entrevistados. So neste número temos cinco e, destas, quatro são figuras conhecidas internacionalmente: Oliver Reed a propósito da sua entrada no último filme de Nicholas Roeg «Castaway». Este actor, actualmente já na meia-idade, ficou célebre pelos escândalos públicos tornados mais famosos do que os filmes que protagonizou. A entrevista, claro está, tenta demonstrar-nos que, com «Castaway», Reed passará a ser conhecido unicamente como actor.

As outras figuras são Cybil Shepherd e Raymond Carver. Mas a entrevista realmente mais interessante é a Rupert Everett que tem fotografia na capa. Aparece este mês porque está para se tornar em breve num cantor pop depois de uma carreira brilhante e acidentada no cinema («Another Country» e «Dance With A Stranger»). Nenhum destes pormenores fariam as páginas a ele dedicadas excepcionais. O que faz deste longo artigo razão bastante para esta revista ser comprada é o facto de estarmos a assistir, linha a linha e fotografia a fotografia, à revelação de

uma personalidade esfarelada. Que a jornalista nos diga que o actor sofre de paranóis e de insegurança emocional, não nos espanta e nem é original. A estranheza vem das reacções presentes e dos «flash back» da vida do entrevistado. E lá está ele na capa, o rosto em grande plano, amedrontado consigo próprio, com as duas mãos enluvadas de preto, a segurar a cabeça. As outras três fotografias do interior limitam-se a fazer durar a mesma emoção do rosto.

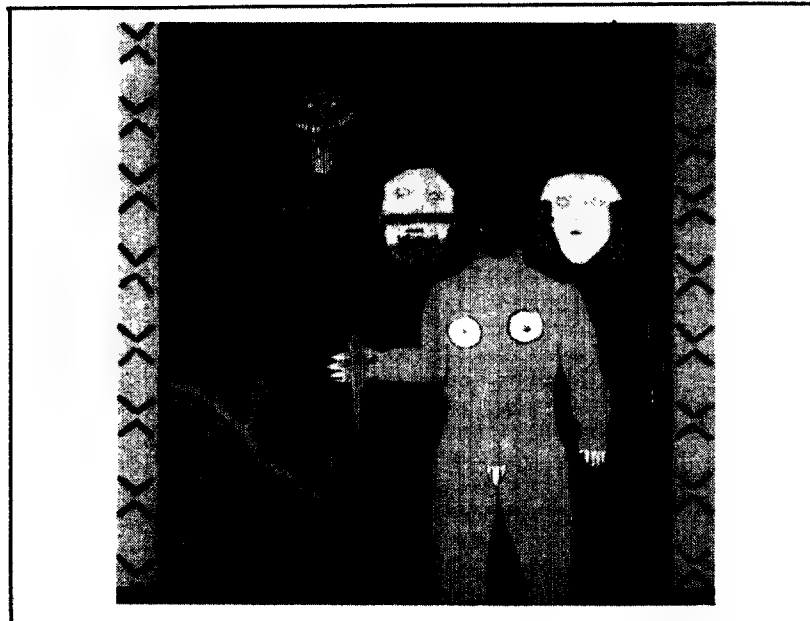
Logo à primeira pergunta que acontece ser a mais normal possível («Então, quando é que o veremos na televisão como cantor?»), ele comenta: «Você acha que eu sou uma autêntica anedota, não acha?» Trata-se da primeira volta de um longo desencontro em que Rupert se limita a dialogar com os seus medos. E com a sua falta de sorte também pois Orson foi morrer antes de ter sido capaz de realizar um filme autobiográfico em que Everett seria Welles quando jovem. Frise-se o facto de ter sido o grande monstro a escolhê-lo. A partir desse momento, seguiram-se também para Rupert, as longas trevas da morte. Porque, um pouco antes, já tinha gasto todo o dinheiro que esperava vir a receber pelo já famoso papel nesse filme. Diz-nos ele como se pode escapar a tal desastre: fazendo-

se passar por uma bela adormecida durante um ano e meio, isto é, vivendo na cama uma grande depressão emocional e física. Parece que a fada-madrinha se lembrou dele então e insistiu em transformá-lo num cantor. No entanto, os problemas não acabaram aqui para esta Marilyn Monroe em masculino: confessa sentir-se extremamente inseguro quanto à sua aparência física e afirma que as suas individuações, aquelas «pequenas coisas» de cada grande actor, não passam na câmara fotográfica. Não tem a certeza se é homossexual. Não julga ser um sex symbol. E não deixa que a jornalista oiça a música por ele cantada, a ser distribuída no mercado dentro de poucas semanas.

Para os que se querem bem informados, esta revista ainda oferece secções de livros, filmes, televisão e música. A Moda faz-se representar por duas sequências em fotografias e texto. A primeira «Que catástrofe!» tenta defender a ideia de que a Moda é ilógica. Após várias contradições a propósito do tipo masculino e feminino na moda, conclui que 87 deve ficar como o ano em que os homens pareciam duros (pós-Buffalo) e as mulheres fáceis. A outra sequência de fotografias, sem texto, tem o título sugestivo: «O Mais Romântico De Todos».

Eunice Cabral

Henrique Ruivo, anamnesis



FACE aos quadros que compõem a última exposição de Henrique Ruivo, somos levados a atribuir ao artista a célebre frase de Descartes «Larvatus prodeo» (avanço mascarado). O artista avança mascarado, mas mascarado a vários níveis. De um certo modo, qualquer tela, qualquer obra, releva sempre da máscara, na medida em que ela permite ao artista realizar os seus fantasmas sem sofrer as reprovações da sociedade, recebendo, pelo contrário, uma gratificação, a do reconhecimento. Assim, a obra de arte, como a máscara do Carnaval ou do baile, autoriza o artista a exprimir o interdito.

Aqui, Henrique Ruivo multiplica a função-máscara da obra pintando máscaras. Daí, talvez, o título da exposição: ANAMNESIS, termo médico (e litúrgico) indicando o papel catártico da obra através de uma «mise-en-scène», de uma representação dos acontecimentos passados que marcam a memória e que

podem explicitar o *pathos* presente. Remontar o curso da memória só pode levar a uma situação aporética. Amémoria fica infalivelmente atravessada por buracos, os esquecimentos, ela não pode ser verdadeiramente repetida mas só mimada, sempre dobrada numa outra língua. Neste sentido, a máscara convém à anamnesis; é ao mesmo tempo a sua figura uma vez que, como o escrevia Levi-Strauss, «uma máscara não é primeiramente o que ela representa, mas o que transforma, ou seja, escolhe não representar. Como um mito, uma máscara nega enquanto afirma; não é feita só do que ela diz, ou pensa dizer, mas do que ela exclui». A máscara assinala o esquecimento que participa necessariamente da anamnesis e mascara-o, ao mesmo tempo, para significar a impossibilidade de dizer a origem e a obrigação de representá-la, de apresentar, sempre, a sua metáfora. Se a máscara

Continua na pag. 8

Retratos no Teatro

Águeda Sena

Por MANUEL CINTRA

Falar com Águeda Sena é como tentar entrar num globo de vidro fosco: parece ver-se coisas à transparência, mas custa a perceber quais. Às vezes, os óculos de vidro levemente escuro tornam-se transparentes; então, surgem alguns contornos de uma vida inesgotável de acontecimentos. De grandes alegrias e de grandes amarguras.

ESTA senhora está sempre a fazer-se de menina. Ou então conseguiu aquilo que pretende: guardar o mais possível, ao longo da vida, toda a magia da infância. Da sua infância em especial. Foram tempos mágicos, ricos em experiências e em imaginação. Uma espécie de sonho que a faz sentir-se uma privilegiada. Filha do professor Faria de Vasconcelos, importante pedagogo a quem Portugal deve, além da sua obra escrita, inúmeras iniciativas ue tomou nesse domínio ao longo da vida, Águeda deve sobretudo ao pai a infância que teve. Fala disso repetidamente, como quem se orgulha do melhor tesouro possível, melhor que todos os dinheiros do mundo. Foi o pai que, dando a ela e ao irmão uma educação riquíssima e quase contrária à que se dava normalmente na época, lhe despertou o gosto para os vários campos do domínio artístico, enchendo essa educação de actividades apaixonantes para qualquer criança: canto, expressão dramática, música, dança...

— Lembro-me de ter aprendido a ler sem ser como habitualmente se aprende... Aos quatro anos já lia e escrevia...

Diz isto como quem diz a coisa mais natural deste mundo, mas mostra bem, ao mesmo tempo, quanto isso a enche de orgulho e alegria. Mas é uma alegria complexa. Cheia de nostalgia, cheia de amargura. Como se agora estar alegre não fosse permitido. Como se toda a vida, segundo ela conta, mais não tivesse sido desde então que uma longa batalha para conquistar essa alegria mágica que a infância lhe trouxe e que mais tarde, a seguir à morte do pai (tinha então dez anos), o mundo dos adultos lhe tentou insistentemente roubar.

Hoje, essa luta parece o mais viva possível. Encontrando-se actualmente a dirigir um jovem grupo de

teatro, o TEATRO ESPAÇO, formado há um ano como resultado de um «atelier» su, Águeda Sena mostra-se empenhada na luta do grupo pela sua existência. Chama constantemente a atenção para o facto de serem jovens, de não ser dada a devida importância aos jovens neste país. De nada ser feito, nem agora nem antes, para que tenham oportunidades de mostrar o que valem. E quando fala disso quase parece mostrar-se velha perante eles, marcando bem a diferença. Então vem-me à cabeça uma curta troca de palavras quando, minutos antes, no hall, se cruzou, ao chegar da rua, com um desses jovens actores do grupo:

— Olá, meninos!

— Olá menina!, responde ele.

Depois volta à lembrança do pai. Explica-me que viajou muito, vindo a casar com uma boliviana, que tem hoje noventa e um anos e continua a viver com ela, cá em Portugal. Talvez tenha herdado também do pai essa apetência pelo estrangeiro. São inúmeras as viagens que fez a diversos países, de maior ou menor duração, começando por ter vivido em França sete anos, a partir dos 18, onde o campo das artes mais se abriu e enraizou. Inquieta, sempre à procura de novas experiências e novos conhecimentos, conta que chegou a conhecer Picasso, num gesto de teimosia que a fez esperar três dias até poder falar com ele.

A sua vida foi sempre um ir e vir, entre Portugal e outros países, sempre à procura de novos conhecimentos, de novas atitudes e experiências, novas técnicas de expressão. Desde que tomou contacto com a metodologia de Stanislavsky, nunca mais a substituiu por nenhuma outra, tendo contactado, em varios países, com diversos encenadores que utilizavam essa metodologia, tendo, como o próprio Stanislavsky pretendia, cada um a sua



Duas experiências fortíssimas: «Ou isto ou aquilo» e «Navalha na carne»

abordagem específica. Assim, durante uma estada em Itália que coincidiu com uma das alturas em que Vittorio Gassman deu aulas de teatro, teve oportunidade de as acompanhar, tratando-se precisamente de um dos que se baseavam nessa metodologia. Várias experiências deste tipo a foram enriquecendo. Desde antes do 25 de Abril, quando da Reforma de Veiga Simão, Águeda está ligada ao Conservatório Nacional, onde é actualmente professora. Nessa época vieram cá diversos encenadores de renome, dos quais Peter Brooke, com quem, tal como outros professores e pessoas ligadas ao teatro, teve então oportunidade de contactar e trabalhar.

Agora parece que tudo isso está perto e num todo, nem presente nem passado, é parte integrante. Fala do futuro, do seu desejo de continuar a fazer experiências em que o teatro esteja intimamente ligado à dança e à expressão corporal, fala da importância de assegurar a continuidade deste grupo de jovens que agora orienta, queixa-se amargamente da velha engrenagem que sempre viu funcionar à perfeição neste país, a

engrenagem que tenta esmagar as iniciativas jovens assim que aparecem. São os eternos conflitos, movidos por aqueles que se esquecerão sempre que é aos jovens que podem dever o seu próprio futuro e que, se os esmagarem, o seu futuro também poderá ser enegrecido...

Há uma grande fragilidade nisto tudo. Não no saber nem na experiência adquirida que parecem mais sólidos que nunca, mas em toda a pessoa de Águeda Sena, sentada, a mexer no passado. Sente-se que a sua grande robustez é tecida de muitas pequenas fragilidades juntas, talvez ligadas umas às outras por um fio de magia, essa magia que vem da infância e nunca a abandonou. A qualquer momento a podia deixar, virar-lhe as costas, dizer-lhe que o mundo é só frio, só traição, só ingratidão e trabalho perdido, mas isso nunca acontece; fica no limite, à beira de um abismo tremendo que a faz lutar por um mundo melhor. Mesmo num País como este, onde às vezes não somos nós sequer a ver aquilo que melhorámos, a tal ponto é lento o processo. Mas há uma crença muito forte, mesmo que o

desconsolo venha baralhar as pistas. Não há muitas papas na língua: quando se refere àqueles que a têm prejudicado, Águeda mostra laivos de fera. É aí que a imagem de fragilidade se desvanece. Compreende-se facilmente que é por causa de pessoas assim que o teatro vai vivendo, numa guerra miúda e lenta contra a indiferença. Quando se compreende que numa turma de quarenta alunos do ensino secundário só quatro já foram uma vez ao teatro, e que isso é o pão nosso de cada dia, então não custa entender a falta de público. Ela vem de muito longe. Noutros países da Europa, há medidas que fazem com que a população, desde jovem, tome contacto com uma arte agora deformada pela televisão; há um público: uma crise, mas um público. Aqui, quase só há crise. E depois, há pessoas como esta a procurar soluções, a lutar contra a maré, a conseguir três centímetros num esforço de um quilómetro.

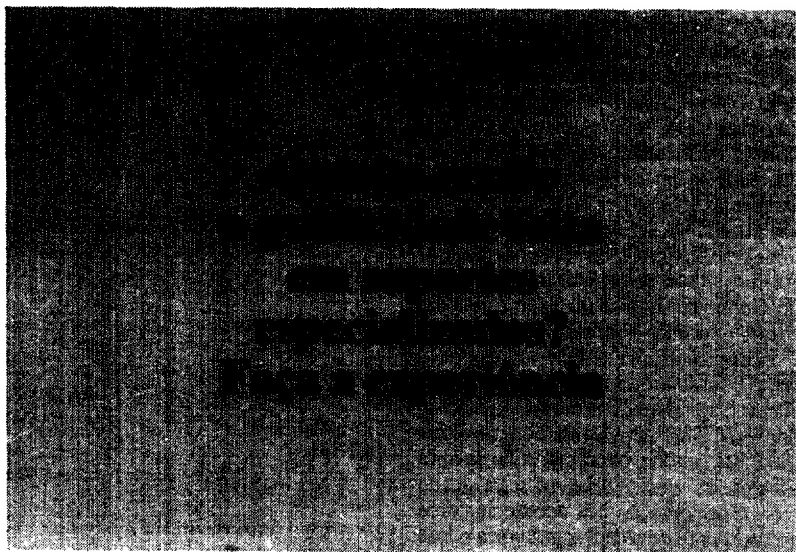
Houve, por exemplo, duas experiências fortíssimas, e com larga resposta por parte do público do País todo, quando trabalhou com José Caldas, tendo criado com ele os espectáculos «OU ISTO OU AQUILO» e «NAVALHA NA CARNE». Mas foi nos anos a seguir à revolução, e havia uma energia muito diferente da de hoje, que parece ter-se, em grande parte, desvanecido. Uma experiência mais recente, em Macau, fá-la dizer que nunca cá conseguiu ir tão longe com a metodologia de Stanislavsky como nessa circunstância. Foi então que tomou contacto com a realidade oriental e o vestígio da cultura portuguesa naquele povo complexo, que falando um idioma diferente soube utilizar a linguagem universal do teatro de maneira extremamente interessante. Com a colaboração de Carlos Avilez, várias vezes esses actores cá vieram. Também várias vezes Águeda foi, durante estes últimos anos, a Macau, estando essa experiência agora muito presente, e a influenciar directamente futuros trabalhos.

Toca o telefone. Fica uns minutos a falar. Quando volta, um peso grande veio alterar-lhe o tom. Explica-me que era um jovem actor cheio de talento, que está certa de que poderia ir muito longe, mas que ficou impressionada por o sentir tão em baixo. Fala-me disso como de um problema geral. Alguma coisa está a fazer com que os jovens, em geral, estejam desanimados e sem perspectivas, por muito valor que tenham. Isso põe em perigo a sua própria juventude, ela que a alcunha de velhice.

Lá fora chove com força. É com força que me despeço. O aparente desânimo de Águeda Sena não me engana. Esconde uma crença tão forte que só espero vir a descobrir muitos desânimos como este. Virados para o futuro. Para a força. A mesma com que a chuva cai.

Na quinta-feira

LER E ESCREVER



Monstros XIII

Chaké Matossian

A propósito do vazio de Pascal

A matéria informe de Santo Agostinho ou a *Khora* platónica, tão difícil, de definir e que só podemos apreender por meio de um raciocínio bastardo, reflectem, senão uma inquietação, pelo menos uma perplexidade face a um espaço complexo porque situado na fronteira entre o ser e o não ser. Esse espaço encontrar-se-á no centro das pesquisas de Pascal, já não de um ponto de vista hipotético ou teológico, mas de um ponto de vista físico, quer dizer, científico, ao mesmo tempo experimental e teórico. Apenas num segundo tempo a existência do vazio abrirá caminho ao pensamento religioso e moral.

A análise do papel do espaço vazio lança luz sobre toda a obra de Pascal. De resto, os seus escritos repetem, pelo seu estilo, a ambiguidade desse espaço. Pascal deixou-nos em herança uma obra desorganizada, desarticulada mas, à medida que penetramos nos seus textos, vamos tomando consciência de que essa desordem faz parte do próprio sentido da obra, que é desigual. O sinal de um dos desejos mais profundos de Pascal: o de nunca nos deixar em repouso.

De facto, desde a sua morte, os comentadores agitam-se e procuram recolocar os textos, descobrir a sua ordem: «o primeiro gesto dos 'Senhores', o de colar os papéis de Pascal em grandes papéis, é tão simbólico quanto ao gesto inverso de desmembramento e de recorte efectuado pelo autor.

Negando-se, assim, na sua função

geradora. Pascal introduzia na escrita a sua mais violenta e mais activa diferença e dava ao próprio texto a possibilidade de ser constantemente reescrito (os arranjos sucessivos das edições dos seus *Pensamentos*), de ser, na sua própria textura, o único possível produtor de sentido... (1)

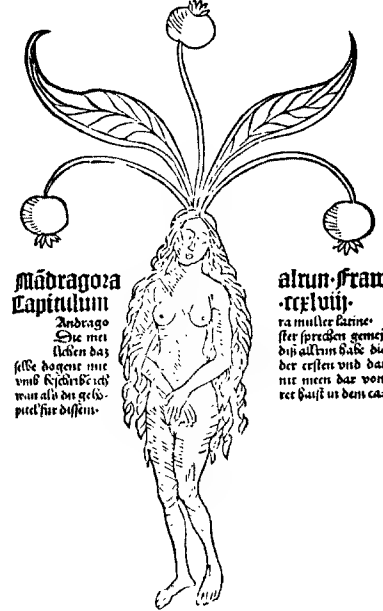
Essa desordem inultrapassável está escrita no mais profundo do nosso ser, e querer iludi-la apenas a manifestaria mais, quer suprimir as contradições testemunharia a nossa contradição máxima: a de não nos suportarmos a nós próprios.

Dar conta da desordem, admiti-la, assumi-la, pensá-la, é também dar conta da nossa essência, da nossa essência de monstros, e abrir o espírito para além do compreensível: «Se ele se gaba, eu diminuo-o; se ele se diminui, eu gabo-o; e contradigo-o sempre, até que ele compreenda que se trata de um monstro incompreensível...» (2)

A figura do monstro que é o homem será o espaço vazio. O homem foge a si mesmo no divertimento, porque o pensamento da sua própria existência o lança na angústia, lhe dá vertigens, a sensação de estar à beira do precipício, do abismo. Deste modo, para compreender o homem, necessário é começar por analisar o vazio que o assusta, tomar o vazio como objecto neutro, físico, experimentável.

Se o vazio constitui um verdadeiro problema no século XVII (e, cientificamente falando, pelo menos desde Aristóteles), é porque as suas conse-

«Placemus hunc et videri alii quod alii hic sunt gemiti gestus...»
«Dieß gedenkt man sich nicht mehr und denkt sich das
das ist...»
«Dieß gedenkt man sich nicht mehr und denkt sich das
das ist...»
«Dieß gedenkt man sich nicht mehr und denkt sich das
das ist...»
«Dieß gedenkt man sich nicht mehr und denkt sich das
das ist...»



Hortus Sanitatis, Mandragora fêmea, Johannes de Cuba

quências se manifestam não apenas físicas mas metafísicas. Aristóteles afirmava que a natureza tinha horror ao vazio, dando assim origem à longa tradição do *horror vacui*.

É, no entanto, preciso acrescentar que o julgamento de Aristóteles não é tão peremptório. O Estagirita desenvolve a sua argumentação no livro IV

da *Física*, tendo o cuidado de refutar todos os seus predecessores que punham a existência do vazio no seio do seu sistema.

Mas a rejeição aristotélica do vazio encontra-se noutros textos, em outras circunstâncias, simbolicamente relevantes.

(«Na ordem simbólica, os vazios são tão significantes quanto os cheios», escrevia Lacan.) (3) Com efeito, o vazio encontra-se ligado, de modo subtil, à questão da mulher. Neste sentido, Aristóteles é fiel a Platão, enquanto critica, por outro lado, a hipótese da *Khora*. Platão, no *Timeu*, compara a *Khora* à mãe. Aristóteles, na *Física*, refuta esse espaço intermediário, intervalar e difícil de entender, mas permanece fiel ao seguimento do *Timeu*, em que Platão explica a geração dos animais e a metempsicose. O macho tem desejos furiosos, do mesmo modo que a fêmea que se arrisca a graves doenças se não engendrar: «nas mulheres, a chamada matriz ou o útero é um animal que vive nelas com o desejo de fazer filhos. Quando fica muito tempo estéril após período de puberdade, tem dificuldade em suportá-lo, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os condutos do hálito, impede a respiração, causa um mal-estar extremo e ocasiona doenças de todas as espécies...» (91c)

No que respeita à metempsicose, Platão assinala-nos a fêmea como segunda existência de um homem menor, quer dizer, de um homem de segunda

mão, ou ainda, como primeiro escalão na hierarquia dos sub-homens (os últimos dos quais são os animais aquáticos).

Aristóteles, que recusa a *Khora* de Platão, admite no entanto esta ideia de sufocação que caracteriza a esterilidade feminina. Ele sublinha, na *Geração dos animais*, que a matriz, se ficar vazia, pode subir pelo corpo e sufocar a mulher estéril. A questão da mulher monstro, primeiro monstro, está ligada, a nosso ver, à do vazio, na medida em que este reafirma a falta inquietante, a sufocação por falta de ar ou pelo medo que representa o sexo da mulher. Inquietação manifestada por Ambroise Paré, que considerava a mulher como um homem falhado, cujos órgãos sexuais eram simétricos dos dos homens, «mas interiores». O que explicava a metamorfose possível das mulheres em homens — graças a um súbito calor que libertaria os órgãos retidos pela frieza feminina — e nunca de homens em mulheres.

Ou seja, na verdade, o ser monstro, pelo menos em potência, de toda e qualquer mulher nascida, ao contrário do homem que, uma vez nascido «normal», não pode «degenerar...» (4)

NOTAS

- (1) Louis Marin, *La critique du discours*, Paris, 1975.
- (2) Pascal, *Oeuvres Complètes, Pensées*, Pléiade, Paris, pág. 1170.
- (3) Lacan, *Écrits*, Paris, 1966.
- (4) Ambroise Paré, *Des Monstres et Prodiges*, Genève, 1971.

Kandinsky

■ A carta a Schoenberg e a resposta ao inquérito «Ein neuer Naturalismus?» como marcos de uma revolução na Pintura

1.

A famosa tela «*Impressionen II Konzert*», onde em contraponto com o negro, fulge um amarelo de vivência, de afirmação, de vitória sobre si próprio, de triunfo sobre as coisas — pintou-a Kandinsky, como se sabe, sob a impressão arrebatadora que lhe deixara a música deslumbrante pioneira de Schoenberg.

Em Munique, onde a revolução musical de Schoenberg causava o escândalo de todas as verdadeiras revoluções, Kandinsky sentia que também a pintura se abeirava de uma grande, de uma profunda revolução...

Daí que Kandinsky escreva ao renomado compositor — que, pessoalmente, então ainda mal conhecia — a sua memorável carta de 18 de Janeiro de 1911.

Schoenberg tinha encontrado já a fórmula mágica que lhe permitia levar a música a traduzir todos os estados de alma, todo o indefinido da vivência humana — para tanto subvertendo, vencendo, todos os cânones...

Era chegada a altura — sentia-o Kandinsky, e isso mesmo confidenciava-o a Schoenberg — de operar idêntica revolução na pintura. Importava encontrar caminhos que permitissem surpreender, detectar, captar toda uma «nova harmonia» que se adivinhava.

Essa «nova harmonia» — pressentia-o, vivia-o Kandinsky — não se

deixaria alcançar através, apenas, do jogo das formas geométricas. Não. Haveria que procurar outros caminhos — caminhos sobretudo mais directos, ainda que anti-geométricos, ainda que anti-lógicos.

Kandinsky tinha, assim, perfeita consciência — e disso dá conta na sua carta — de que não lhe restaria outra solução que não fosse a de enveredar pelo caminho do contrastivo, do dissonante, seguro como estava, na firmeza rebelde do seu pioneirismo, de que a dissonância de hoje será a consonância de amanhã...

«O período do futuro realismo a que eu chamei o primeiro verdadeiro realismo é chamado a prestar importantes serviços — a libertação do homem do convencional, do limitado e do odioso, o enriquecimento da sua capacidade de sensibilidade e de vida».

E acentua: «Este período estará por outro lado ao serviço da última separação da Arte em relação à Natureza. E em consequência o realismo estará ao serviço da abstracção».

2.

Que pretendia Kandinsky, ao defender, na pintura, uma «*neue Harmonie*» em paralelo — se assim se pode dizer — com a «*neue Harmonie*» encontrada por Schoenberg na música?

Inferre-se das suas palavras que ele busca unir, conjugar, o que, até aí, tem andado separado, o que até aí

tem sido mantido em, compartimentos estanques, por a sua consideração simultânea não ser considerada lógica, se encontrar afastada pelas leis, pelos cânones da geometria...

Acontece, porém, que Kandinsky se encontra apostado em trilhar um caminho directo, um caminho que o leve a contactar a verdadeira realidade, pouco lhe importando que esse caminho possa ser apodado de «*antigomietrisch*», de «*antilogisch*»...

A captação dessa realidade última, ínsita nas coisas, é que conduz à verdadeira liberdade — e Kandinsky lembra que são ainda muito poucos os que vivem, os que podem viver, intimamente livres: «São raros ainda aqueles que conseguem viver intimamente livres».

3.

Como, por outro lado, compreender — situando e interpretando — todo este pioneirismo (extraordinariamente determinante) de Kandinsky?

Vejamos:

Kandinsky procede do Leste, donde tantas vezes, ao longo da mult milenária aventura humana, o Homem se tem assumido e afirmado: do aparecimento da própria espécie à definição das primeiras religiões monoteístas, do difundir do Cristianismo ao arranque de profundas revoluções políticas e culturais...

No que tange à sua evolução como

artista, podemos dizer que Kandinsky procede do concreto, e busca — mais do que (não muito rigorosamente designado) o abstracto —, busca, dizíamos, o absoluto. Com efeito, Kandinsky afasta-se do real, com vista a encontrar — ousemos afirmá-lo, sem temer a contradição — o real. Isto é: Kandinsky afasta-se do exterior das coisas e pessoas, com vista a detectar, a encontrar o interior dessas mesmas coisas e pessoas — interior que, esse sim, será o verdadeiro real.

A aproximação sobre essa realidade interior importava a Kandinsky, que entendia residir nela o verdadeiro conteúdo da arte. O que implicava, como escrevia, que «(...) as pessoas abrissem bem os olhos, apurassem o ouvido, libertassem e desenvolvessem todos os sentidos (...)», o que tudo, também, tinha a ver com a liberdade, liberdade do artista e do homem.

Trazida à luz da sensibilidade essa realidade profunda, esse conteúdo, a forma surgiria, então, como natural, como uma reprodução desse mesmo conteúdo, o que havia justamente levado Kandinsky a escrever que, em rigor, não existia questão alguma da forma («*Keine Formfrage*»).

Assinala-se, porém, que o real interior que Kandinsky busca nada tem a ver com a aparência exterior que, primeira, toma os sentidos. Na verdade, Kandinsky não se satisfaz com o que vê. Procura, antes, o que não se vê — esse invisível que anima e en-

forma a matéria. E, ao fazê-lo, assiste-lhe a convicção de que está buscando o mais importante. Daí que Kandinsky se vá libertando progressivamente da referida aparência exterior, até a ignorar por completo.

Para Kandinsky, o interior das coisas, das pessoas, das paisagens irá ser traduzido — porque essa será a única possibilidade de tradução — pela mais livre, intuitiva e emocional (mas, também, mais penetrantemente reflexiva e indagadora) manipulação das cores, das linhas e das formas — manipulação que, como que em paralelo com a das notas na música, permitirá realizar, como arte absoluta que a pintura deve ser, a verdadeira pintura.

4.

Do concreto para o abstracto, do relativo para o absoluto, do contingente para o incontingente — tal o percurso que, desde logo na carta a Schoenberg, Kandinsky, rumo à verdadeira pintura, se mostra apostado em trilhar. Daí que a sua carta se haja tornado na «carta» de uma revolução — de uma revolução não só pictórica, como de toda uma sensibilidade... Daí que, após uma década de corajoso pioneirismo, Kandinsky viesse referir-se a «portas invisíveis», e a «portas lentamente mais visíveis» que ele, com a sua audácia inovadora, terá conseguido franquear.

Manuel Alexandre Alvim

Quirino de Jesus, conselheiro e mentor de Salazar

Conha Leal apresentou-o como «mestre» de um Salazar «que não vê um palmo à frente do nariz em matéria de política económica». Rolão Preto disse-o «o verdadeiro mentor de Salazar». Carlos Ferrão apresentou-o como «eminência parda». O próprio Quirino de Jesus, homem 35 anos mais velho que Salazar, e que chegaria ao 28 de Maio com 71 anos, não escondeu a sua cooperação «em

diplomas e outros documentos básicos da ditadura», revelando-a no seu livro *Nacionalismo Português*, publicado em 1932. Entre esses documentos e diplomas estão o Manifesto da União Nacional (1930), o Acto Colonial (1930), os Estatutos da União Nacional (1932) e o Projecto de Constituição (1932). Na colecção de cartas a Salazar que a «Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista» agora

publicou, e que devem situar-se entre 1930 e 1935, Quirino de Jesus surge também como relação íntima do jovem político cujos passos orienta, como conselheiro indispensável e como precioso manobrador de bastidores, além de redactor de discursos do homem que viria a corporizar o regime então nascente. Os exemplos que aqui transcrevemos são suficientemente expressivos: trata-se de cartas

relativas à efervescência em torno da constituição do primeiro governo de Salazar, e do rascunho de um discurso que este proferiu no Conselho de Estado, agradecendo as insígnias da «Torre e Espada» com que fora agraciado pelas forças armadas, em 28/5/1932.

Inimigo das ribaltas políticas este homem da sombra manteve-se

desconhecido da opinião pública portuguesa durante décadas. O livro agora editado não é o primeiro contributo para um seu melhor conhecimento, mas é um documento de primeira importância, que lança luz sobre a posição em que ele se encontrava face a Salazar, e sobre o carácter fundamental do seu apoio e movimentação na estabilização do poder deste último.

Em torno do primeiro governo de Salazar

Meu presado amigo!

Quis hoje telefonar-lhe. A Maria² respondeu-me que estava de cama. Lamento isso profundamente e faço votos pelas suas rápidas melhoras. Falei hoje pelo telefone com aquela pessoa com quem costumo falar quando as cousas estão complicadas. Disse-me em resumo o seguinte:

1. Que há impaciência de certos elementos no sentido de se fazer imediatamente a transformação;
2. Que alguns voltam a lançar o nome do Armindo³;
3. Que há uma corrente a favor da ideia de ser um militar;
4. Que para isso é lembrado o nome do Garcia Rosado⁴;
5. Que é urgentíssima uma solução.

Disse-me que a sua falta é lá muito sentida neste momento. Ponderei que estava doente. Recomendei-lhe que aguentassem tudo até meados da próxima semana pelo menos, a ver se era possível ir daí lá quando as cousas apertassem, e dizendo-lhe que então iria eu igualmente. Respondeu-me que faria esforço para tal efeito.

Falei antes com o Armindo. Deu-me a entender que parecia haver tentativas de lançamento do nome do João⁵. A outra pessoa de que acima falei não vê nenhum perigo desse lado, e julga segura a situação; achando apenas urgentíssima a transformação pela melhor forma possível.

Foi pena que não pudesse vir aqui, porque alguma coisa se podia passar por cá em preparação de colaboradores de acção económica e diplomática. Nem sequer pelo telefone lhe posso falar por estar de cama. Oxalá seja possível falarmos pelo telefone já amanhã. Vejo que tenho de precipitar o meu regresso, indo talvez por aí.

Desejando-lhe pronto restabelecimento, creia-me sinceramente.

*am. ob. af. do
Quirino de Jesus*

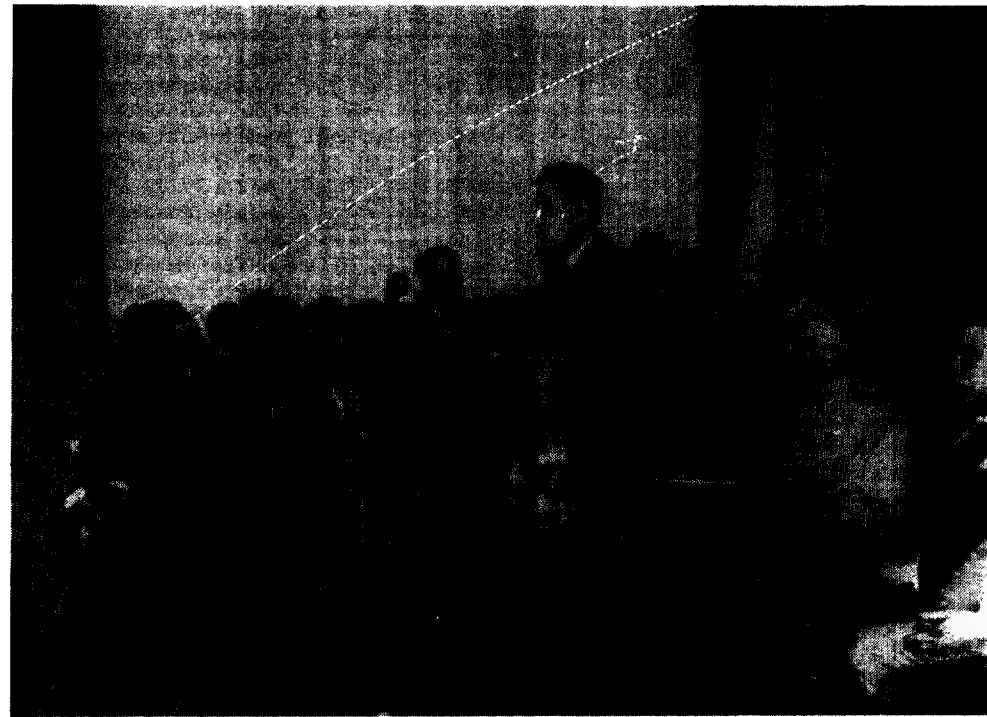
Notas

¹ Carta não datada. No entanto, a presente epístola e as seguintes devem ser dos primeiros meses de 1932, respeitando às movimentações que precederam a demissão do ministro do general Domingos de Oliveira (em Junho de 1932) e a formação do primeiro Governo presidido por Oliveira alazar (em 5 de Julho de 1932).

² Deve referir-se a Maria de Jesus, governanta de Salazar desde os tempos de Coimbra até à sua morte.

³ Deve referir-se a Armindo Monteiro (Armindo Rodrigues de Sítio Monteiro) (1896-1955) — advogado, professor de Direito e diplomata. Colaborador chegado de Oliveira Salazar, foi subsecretário de Estado das Finanças (1930-31), ministro das Colónias (1931-35) e ministro dos Negócios Estrangeiros (1935-36). Nesta data foi ocupar o posto fulcral de embaixador de Portugal em Londres onde a sua anglofilia o levou a chocar-se com a orientação impressa por Salazar para a política externa, muito especialmente após a eclosão da II Guerra Mundial. Foi demitido desse cargo em 1943 não regressando à vida política pública.

⁴ General Garcia Rosado (1864-1937) — oficial do Exército apoiante do sidonismo foi o comandante do Corpo Expedicionário Português em França na última fase da I Guerra Mundial. Republicano, é ele que põe termo à sedição monárquica encabeçada pelo coronel João de Almeida na guarnição de Monsanto em 23 de Dezembro de 1918 (não confundir com a revolta restauracionista aí desencadeada em Janeiro de 1919). Oficial prestigiado, recebe votos para a eleição do Presidente da República na sessão parlamentar de 16/12/1918 que ele-



Salazar lê o discurso adaptado do rascunho de Quirino de Jesus depois de ter sido condecorado com as insígnias da Torre e Espada, em 28/5/1932. À direita, a única fotografia conhecida do mestre e mentor do então jovem político



ge o almirante Canto e Castro para aquelas funções. Apoiará o movimento militar de 28/5/1926.

⁵ Poderá referir-se ao então brigadeiro e depois general João de Almeida (1873-1953), cujo nome terá sido falado na altura por parte da extrema direita militar para chefiar o Governo. Oficial integralista participante das incursões monárquicas de 1912, sidonista, o «herói dos Dembos» pertenceu à Junta Governativa da Monarquia do Norte em Janeiro de 1919 (apesar de não ter participado na tentativa restauracionista no Porto), tendo sido por isso demitido. Após o «28 de Maio» de 1926 apoia a facção Gomes da Costa de quem é ministro das Colónias durante 3 dias. Tornou-se a figura emblemática — o «Messias» — da direita radical portuguesa, encabeçando tentativas de golpe militar em Outubro de 1926 e em Julho de 1930, o que lhe valeu ser preso. Aproxima-se em 1932 e 1933 dos nacional-sindicalistas de Rolão Preto em cujas manifestações públicas participou.

Discutindo a distribuição das pastas ministeriais

Meu presado amigo

QUE adversidade, de tantos modos, a sua doença! Para nada faltar, tive esfrimento, que me retem no quarto desde ontem. Resta-me cumprir o meu doloroso dever por carta.

Os factos positivos são os que venho propor à sua consideração. A situação do Ministro do Interior² é infelizmente insustentável. O presidente do Ministério³ e o Ministro da Guerra⁴ estão de acordo em se fazer a reconstituição do Governo sob a presidência do primeiro. O Esteves⁵, que ouviu também o governador militar⁶, expoz tudo ao Presidente da República⁷, e este, sem manifestar desconfiança em nenhum ministro, disse que, a ser feita, devia ser com o perfeito entendimento com o sr. dr. Salazar e no próprio dia em que o Domingos de Oliveira⁸ pedisse a demissão colectiva. Para tudo isto não dei um passo e nada promovi ou sugeri.

Há só dois caminhos diante do sr. dr. Salazar. O primeiro seria o da identificação absoluta com o destino do Mario⁹, ou por uma resistência difícil contra as circunstâncias, ou pelo abandono da

Governança, sendo sempre o resultado a liquidação da ditadura e a desgraça do País. O segundo seria ter uma conferência com o Domingos de Oliveira para o efeito de este dizer ao Conselho de Ministros, que, tendo-se reconhecido necessária a recomposição do Governo desde a revolta das Ilhas¹⁰ e mais desde a de 26 de Agosto¹¹ e considerando o mais que se tem passado, é julgado indispensável apresentar a demissão total. Na sobredita conferência ficaria logo combinada a lista dos que ficariam e dos que entrariam de novo.

Para os Estrangeiros não conheço ninguém. Como tem confiança no Cezar Mendes¹², poderia ser esse, apesar de convir obedecer é regra de que devemos recolher pessoas que estejam domiciliadas em Lisboa.

Para a Justiça talvez convenha o Carlos Moreira¹³, que está nesse caso, é seguidor do sr. dr. Salazar, tem prática de advogado, regeu bem um liceu, tem boas ideias e disposição para a luta política. Dará um homem público digno de ser auxiliado para bem da causa nacional.

Sei que o Presidente da República desejaria aguentar o da Agricultura¹⁴. Considero-o sem apoio na opinião dominante dos lavradores, não ponde nem pode já fazer nenhuma obra sólida. Julgo absolutamente necessário um ministro capaz de enfrentar com superioridade e a nosso conselho os problemas fundamentais. O agrônomo Candido Duarte¹⁵, que ajudou o Gustavo Ramos¹⁶ na reforma do ensino, parece-me aproveitável. Tem boa figura, fisionomia inteligente e simpática é assistente do Instituto de Agronomia, nunca esteve em política é admirador do sr. dr. Salazar, vive entregue aos seus livros e trabalhos, mostrou reconhecer na conversa comigo que os agrónomos não tem preparação para a actividade necessária, deixou-me a impressão de que pode dar um homem de governo razoável.

Para o Comércio a melhor solução seria o sr. dr. Salazar como interino durante uns meses ocupando-se apenas de tudo o que é fundamental nos dois ministerios, contando com o auxilio do Ezequiel¹⁷. O engenheiro civil Adelino Pais Clemente¹⁸, que também, tem o curso de artilharia (é maior com cerca de 40 anos) e a formatura em matemática,

daria um bom subsecretário de Estado, porque até serviria para ministro com os nossos conselhos. Deve tudo a si próprio, é muito activo, vive entregue aos seus trabalhos, já no Instituto Cadastral, já nos estudos praticos da hidraulica agricola, de que me apresentou um projecto revelador de espirito executivo. É estranho à politica, admira o sr. dr. Salazar, tem inteligencia, conhecimentos gerais, energia e boa presença dará um homem de Governo.

A pasta do Interior é mais delicada. O Esteves julga que para não haver um salto o sucessor poderia ser o Sousa Gomes¹⁹, tendo acerteza de que o nome seria bem aceite. A não ser esse, talvez o Manso Preto²⁰, ligando-se bem a nós para a politica de União Nacional e da Constituição.

Sem duvida nenhuma com esta reconstituição ministerial passava-se o barranco e teriamos unidade suficiente para desalentar ou vencer o verdadeiro inimigo, desfazendo-se tambem a intriga de certos elementos.

No seu aniversario ministerial diante do Exército e do País o sr. dr. Salazar definiria mais uma vez o programa da União Nacional e esclareceria com toda a prudencia e firmeza a maneira como se aceita a cooperação de homens de boa vontade que hajam pertencido a partidos²¹.

O Conselho de Ministros de hoje conviria que fosse adiado para terça feira. Pelo menos, deve ser admitido nele qualquer incidente politico.

Em todos os momentos criticos exprimi ao sr. dr. Salazar as ideias que me pareciam melhores pelo conhecimento de toda a historia portuguesa o que faço agora, com muitas magoas na alma.

O Esteves desejaria conversar com o sr. dr. Salazar logo que fosse possível. Seria bom. Não lhe falei, nem a ninguém, de nenhum dos nomes acima indicados. Só ele falou no Sousa Gomes. Tambem ele nada promoveu. Quando procurou o Mateus²², já este e o Domingos²³ estavam de accordo, e depois viu a necessidade de falar ao Carmo²⁴, tão melindroso lhe parece o lance.

Creia-me sinceramente

*am. ob. af. do
Quirino de Jesus*

Continua na pag. 5

Notas

¹ Carta não datada.

² Era então ministro do Interior Mário Pais de Sousa (1891-1949), irmão de Albano Pais de Sousa, cunhado de Salazar. Exerceu aquelas funções de 21/10/1931 a 5/7/1932 (primeiro governo presidido por Oliveira Salazar. O então ministro do Interior era fortemente contestado pelo sector mais à direita do regime que o acusava de preconizar um entendimento com os «velhos políticos» conservadores da I República, n. linha da ala militar republicana que lidera a Ditadura até 1930. Mário Pais de Sousa era advogado, natural de St.^a Comba Dão, e fora aluno de Salazar em Coimbra, tendo desempenhado, até ir sobraçar a pasta do Interior, o cargo de governador civil daquela cidade. Homem da confiança do novo presidente do Conselho (obrigado a «sacrificá-lo» no seu primeiro ministério) volta a ser chamado para ministro do Interior em 15/1/1936 mantendo-se nesse cargo até 5/9/1944.

³ Era então presidente do ministério o general Domingos de Oliveira (1873-1957) — oficial destacado do núcleo militar dirigente da situação política posterior ao «28 de Maio» de 1926, ocupa o lugar fulcral de governador militar de Lisboa. Após a queda do governo Ivens Ferraz é chamado à chefia do ministério em 21 de Janeiro de 1930, funções que desempenha até à tomada de posse de Salazar como primeiro-ministro, em 5/7/1932. A sua passagem pela chefia nominal de um governo em que a figura preponderante era já Salazar é normalmente considerada como um mero interlúdio preparador da transmissão de poderes para este. Afastado da governação, regressa durante algum tempo ao governo militar de Lisboa, vindo ainda a ocupar elevados cargos na hierarquia militar.

⁴ Era então ministro da Guerra o coronel António Lopes Mateus (1877-1955) que desempenhou tais funções de 21/1/1931 a 5/7/1932, altura em que passa a comandar a Polícia de Lisboa. Em 1934 é nomeado governador geral de Angola, onde permanece até 1939. Próximo da ala direita mais radical da oficialidade, o coronel Mateus foi ministro do Interior desde 21/1/1930 no governo Domingos de Oliveira. Era adepto da continuação e reforço da «Ditadura Nacional» e resistiu à política de constitucionalização do regime empreendida por Salazar.

⁵ Deve referir-se ao general Raul Esteves (1878-1955) — oficial de Sapadores de Caminhos-de-Ferro com participação destacada no Corpo Expedicionário Português durante a Primeira Grande Guerra. Salienta-se na repressão às greves ferroviárias no pós-guerra sendo em 1920 eleito administrador dos C. Ferro do Sul e Sueste. Dirigente com Sinel de Cordes e Filomeno da Câmara do «putsch» que em 18 de Abril de 1925 tentou derrubar a I República, tem destacada intervenção nas operações militares de 28 de Maio de 1926, especialmente na arregimentação das unidades do Sul do País. Distingue-se igualmente no combate, em Lisboa, à revolta de 7/2/1927, contra a Ditadura Militar. É, no início dos anos trinta, um activo interveniente na intriga político-militar, atribuindo-se-lhe então o propósito nunca alcançado, de vir a ser chefe do governo. Integra, em 1933, a primeira Comissão Central e União Nacional. Durante a guerra civil de Espanha chefia a Missão Militar Portuguesa de Observação naquele país.

⁶ Refere-se ao governador militar de Lisboa, na altura o brigadeiro Silva Bastos.

⁷ Era então Presidente da República o general Óscar Fragoso Carmona (1869-1951). Antigo ministro da I República e apoiante algo tardio de 28 de Maio de 1926, o general Carmona virá juntar-se ao general Sinel de Cordes no contra-golpe militar que a 9/7/1926 derruba o general Gomes da Costa, de cujo ministério acabava de ser afastado. Nomeado naquela data presidente do ministério, assume ainda as funções de chefe do Estado em 29/11/1926 e é eleito Presidente da República em 25/3/1928, deixando no mês seguinte de acumular esse cargo com a chefia do governo. Carmona desempenha inicialmente um papel arbitral de relevo entre as diversas forças apoiantes do novo regime. Depois, secunda crescentemente a ascensão de Salazar afastando-se progressivamente dos sectores republicanos conservadores de que inicialmente estava próximo. A partir de 1934, consolidada a hegemonia salazarista no Estado Novo, o seu papel na vida política apaga-se quase totalmente em favor de funções presidenciais essencialmente decorativas. Já próximo do fim da vida, entre 1945 e 1947, na crise do pós-guerra, parece ter apoiado discretamente uma conspiração civil e militar que visava a

demissão de Salazar de chefe do governo. Neutralizada esta, e atribuído o bastão de marechal a Carmona em 1947, volta a candidatar-se pela União Nacional à Presidência da República contra o general Norton de Matos, candidato da Oposição, em Fevereiro de 1949. Reeito em condições que a Oposição reputará de fraudulentas e após a desistência de Norton de Matos, Óscar Carmona não chega, porém, a terminar o seu quarto septenato consecutivo.

⁸ Ver nota 3 ao presente Doc.

⁹ Ver nota 1 ao presente Doc.

¹⁰ Refere-se às revoltas contra a Ditadura Militar que eclodiram na ilha da Madeira (4/4/1931) e nas ilhas açorianas de S. Miguel e Terceira (8/4/1931). No seguimento delas registou-se também uma revolta em Bolama, Guiné (17/4/1931).

¹¹ Refere-se à revolta civil e militar contra o regime que, como eco etardado dos acontecimentos na Madeira e Açores, eclodiu em Lisboa e nos seus arredores a 26/8/1931.

¹² César de Sousa Mendes do Amaral (1885-1955) — Diplomata de carreira foi efectivamente ministro dos Negócios Estrangeiros do primeiro governo de Salazar entre 5/7/1932 e 11/6/1933. Foi posteriormente ministro plenipotenciário no México (1945) e em Berna (1946).

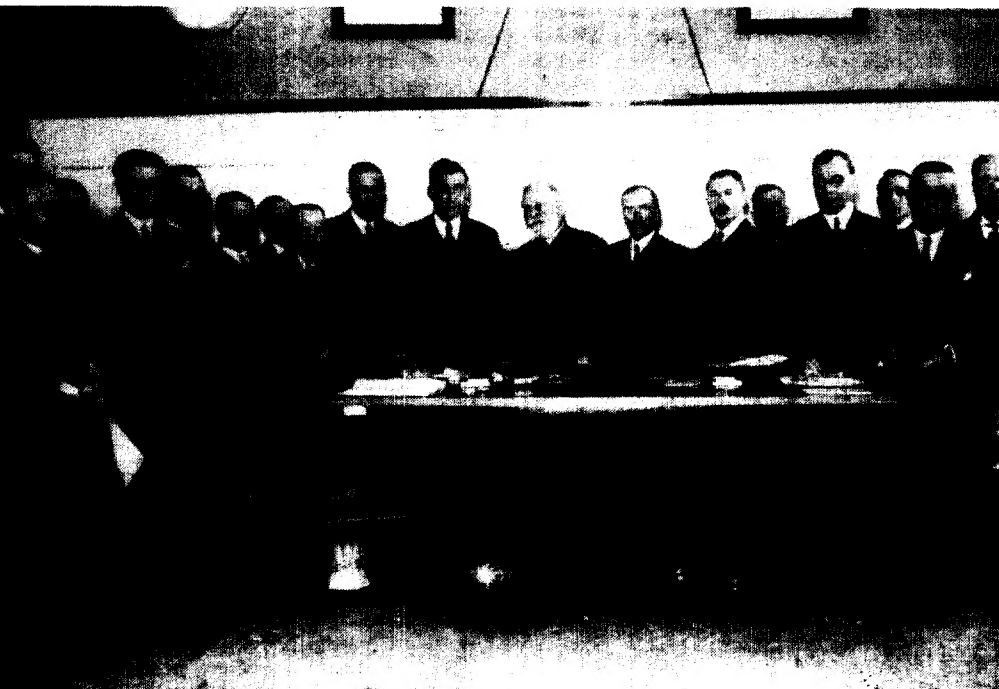
¹³ Deve referir-se a Carlos Alberto Lopes Moreira (m. 1970) — Adogado e professor liceal. Foi presidente da Câmara de Chaves, reitor do liceu da mesma cidade, governador civil de Viseu e membro do Conselho de Governo de Moçambique.

¹⁴ Era então ministro o tenente-coronel Henrique Linhares de Lima (1876-1953) que desempenhava

à Assembleia Nacional Constituinte em 1911. Defensor de uma estratégia de desenvolvimento assente na agricultura através dos aproveitamentos hidroeléctricos, da irrigação agrícola, da reestruturação fundiária do Alentejo e da colonização agrícola daquela região, a estes temas dedicou diversos estudos e obras. Membro fundador da revista Seara Nova, integra em 1924 o Governo de Esquerda Democrática de José Domingues dos Santos como ministro da Agricultura. É, porém, um apoiante do 28 de Maio de 1926 sendo chamado ao Governo então formado por Mendes Cabeçadas para a pasta de Agricultura e Comércio (de 3 a 6/6/1926). Amigo de Quirino de Jesus (também seareiro no começo dos anos 20) através dele inicia uma colaboração nos domínios da sua especialidade com o Estado Novo. Foi procurador à Câmara Corporativa de 1935 a 1943.

¹⁵ Adelino Pais Clemente (n. 1891) — engenheiro civil, matemático e major de artilharia foi nomeado em 1940 director-geral do Instituto Geográfico Cadastrol onde trabalhava desde 1919. Autor de diversos estudos e projectos no domínio da política hidráulica, do saneamento público e do cadastro da propriedade rústica.

¹⁶ António Alberto Bressane Leite Perry de Sousa Gomes (1895-1947) — Médico militar. Chefiou a repressão do «7 de Fevereiro» de 1927 em Setúbal, tendo sido posteriormente o primeiro Governador Civil do distrito quando ele foi autonomizado do de Lisboa. Governador Civil de Coimbra em seguida, é nomeado secretário de Oliveira Salazar quando este sobraça a pasta das Finanças (28/4/1928). Em 21/10/1931 ocupa o cargo de chefe de Gabinete do novo ministro do Interior, Mário Pais de Sousa (ver nota 2 ao presente Doc.), transitando para idêntica função no gabinete de Salazar já chefe do Governo (5/7/1932). Foi director do Diário da Manhã, órgão oficial da União Nacional de 26/2/1932 a 24/1/1934.



Salazar durante a posse das comissões técnicas do 1.º Congresso da União Nacional

o cargo desde o governo de Ivens Ferraz (8/7/1929) tendo então sido o impulsor da Campanha do Trigo. Vem a ser afastado daquela pasta pela remodelação que leva Salazar à chefia do governo em 5/7/1932. Após uma passagem pela presidência da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa (1932-1934) é novamente chamado ao Governo, à pasta do Interior, para organizar as primeiras eleições legislativas na vigência da Constituição de 1933, em 16 de Dezembro de 1934. Abandona o governo em 1936.

¹⁵ Cândido Pedro da Silva Duarte (1897-1970) — engenheiro agrônomo e docente do Instituto Superior de Agronomia, pertenceu a várias comissões ligadas às actividades e ensino agrícolas. Foi deputado na I Legislatura da Assembleia Nacional (1934-1938).

¹⁶ Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974) — Professor Catedrático da Faculdade de Letras. Político da confiança de Oliveira Salazar, foi ministro da Instrução nos governos de Vicente de Freitas (de 10/11/1928 a 7/7/1929), de Domingos de Oliveira (21/1/1930) e do primeiro governo de Salazar (de 5/7/1932 a 24/7/1933). Simpatizante declarado do fascismo italiano, a ele se devem as primeiras tentativas de reforma de certos sectores do ensino num sentido «nacionalista» e o projecto inicial de formação de uma organização miliciana de enquadramento juvenil (ver nota 4 ao Doc. 7). Foi procurador à Câmara Corporativa.

¹⁷ Deve referir-se a Ezequiel de Campos (1874-1965) — engenheiro, Professor Catedrático na Faculdade de Engenharia do Porto e publicista. Deputado

²⁰ Raul de Antas Manso Preto Mendes Cruz (1893-1945) — Major de artilharia e médico. Participante na revolta sidonista de 5/12/1917 integra no ano seguinte o Corpo Expedicionário Português em França durante a I Guerra Mundial. Governador Civil de Évora em 1933 é, em Maio desse ano, nomeado Governador de Timor.

²¹ Apesar de não ter discursado no dia 28/4/1932, 4.º aniversário da sua entrada para o ministério, Salazar profere a 28/5/1932, na Sala do Conselho de Estado, ainda como ministro das Finanças, uma alocução de agradecimento ao Exército pela oferta das insígnias da grã-cruz da Torre e Espada onde se abordam os tópicos apontados por Quirino de Jesus (Ver Doc. 6 e 6 a).

²² Deve referir-se ao coronel António Lopes Mateus — ver nota 4 ao presente Doc.

²³ Deve referir-se ao general Domingos de Oliveira — ver nota 3 ao presente Doc.

²⁴ General Óscar Carmona — ver nota 17 ao presente Doc.

Rascunho do discurso de Salazar em 28/5/32

O confronto com o texto oficial do discurso proferido por Oliveira Salazar em 28/5/1932 na Sala do Conselho de Estado para agradecer ao Exército a oferta das insígnias da grã-cruz da Torre e Espada, permite verificar que estamos perante o rascunho dessa alocução preparado por Quirino de Jesus, e que aqui deixamos:

A S gentilezas e manifestações de que sou alvo neste momento pela ilustre oficialidade do Exército impressionam profundamente o

meu espírito. Os sentimentos que elas revelam para comigo neste lance da vida nacional servem de conforto e dão-me ainda mais ânimo para continuar até ao fim a obra que venho realizando por amor da nossa pátria. Dirijo do coração a V. Ex.^a e a todos os seus camaradas e subordinados os mais sinceros agradecimentos.

A ocasião prestava-se altamente a que eu fizesse a V. Ex.^a, a todo o Exército e ao país uma larga exposição de ideias e factos com o intuito de definir bem a situação de Portugal e os caminhos que ela exige em meu entender. As condições da minha saúde impedem-me tanto de satisfazer esse desejo como de aumentar desde já a actividade que novamente venho dedicando à administração pública. Nem por isso podia deixar de dizer algumas palavras sugeridas pela própria demonstração que me é feita em tal dia pela família militar portuguesa.

Os vícios do partidarismo e do parlamento haviam dado a maior instabilidade à presidência da República e aos governos, estabelecido a desordem na função legislativa e na administração geral e local, desorganizado e arruinado as finanças e a economia nacional, tornado endémicas as revoltas armadas para substituição do domínio de umas facções pelas dos outros, desprestigiado todos os órgãos do Estado, abalado profundamente a confiança e o crédito, multiplicado os perigos e as apreensões. Todos estes males, crescendo cada vez mais, iam provocando na maioria dos cidadãos um desgaste indizível, uma condenação geral do sistema da vida política, uma opinião radicada de que era indispensável substituí-lo e fazer grandes reformas no corpo do Estado e da Nação. Aqueles mesmos que viam e sentiam estagnação pública também compreendiam que nada se poderia fazer em tal sentido sem haver n.º ponto de partida a intervenção do Exército, que numa sociedade entregue à anarquia governativa, ao infortúnio e ao abatimento moral e material é o elemento que por sua natureza pode ser a garantia de um esforço patriótico de carácter extraordinário. O Exército pela sua própria constituição vive afastado da política, numa hierarquia de obediência regulamentada, firme, e serena, como penhor da ordem pública e da segurança nacional. Essa mesma superioridade de disciplina existente na força organizada em nome da honra e destino da Pátria era o maior agente capaz de remover então as engrenagens e confusões perigosas e constituir e apoiar um poder novo para a obra da salvação e do renascimento.

O Exército de terra e mar, ceendo ao império das circunstâncias delicadas, ao mandamento grave da razão e ao voto da consciência geral fez o glorioso movimento de 28 de Maio de 1926 sem ter derramado o sangue de camaradas e de cidadãos. Este facto notável da história de Portugal não seria possível sem uma conjuntura que o tornasse realmente inevitável pelo bem-público. Nem seria admissível pelo direito natural senão como resolução animosa de se empreender e se realizar no meio das dificuldades herdadas ou supervenientes uma verdadeira transformação da Pátria no cumprimento da sua missão histórica.

O Exército de terra e mar não fez o 28 de Maio para substituir uma situação partidária por outra do mesmo género, o governo de uma facção pelo de outra facção, o que seria impossível com tal unanimidade de acordo, injustificável pelos seus deveres e fins e incompatível com o seu prestígio. O Movimento de 28 de Maio apenas se podia fazer, e se fez com brilho, para se obter, dentro do regime vigente, o estabelecimento de condições políticas, administrativas, económicas e sociais susceptíveis de garantir a redenção, a ordem e o progresso da Pátria Portuguesa por uma verdadeira revolução governativa. Se não houvesse necessariamente para estes efeitos, todos os esforços possíveis, com a maior tenacidade, vencendo as adversidades e resistências, a situação do Exército e a da Pátria viriam sem demora a ser gravíssimas.

O desempenho da missão da ditadura constituída e mantida transitoriamente pelo patriotismo reflectido do Exército de terra e mar não era fácil. A desorganização geral existente, o estado ruinoso a que tudo chegara, as reacções e revoltas dos que tinham sido afastados do poder, a marcha catastrófica da crise universal, a escassez de homens formados completamente para a nova organização, tudo iria apresentando as maiores contrariedades e até às vezes obstáculos e exigindo muita reflexão, firmeza e persistência. (Excerto. O rascunho continua). □

Este «dossier» refere-se ao espectáculo da Companhia de Teatro Taganka, de Moscovo com a peça de Tchekhov *O Cerejal*, que esteve recentemente em Paris, no Théâtre en Europe 90deón), a convite de Giorgio Strehler. O «dossier» justifica-se por si só, mas justifica-se também por estar

neste momento em cena em Lisboa um notável e polémico espectáculo com a peça de Tchekhov a que foi dado, justamente, o título *O Jardim das Cerejas*, encenação de João Lourenço, no Teatro Aberto — (querem destruí-lo como ao Cerejal!).

Além de uma entrevista com a principal actriz da Taganka, aliás entrevista de grande classe, publicamos uma crítica ao espectáculo da autoria de um dos críticos do «Libération», e uma entrevista, inacabada, do encenador Anatoli Efros, feita em Moscovo por um jornalista da Novosti.

Anatoli Efros morreu nas vésperas da companhia viajar para Paris. Com problemas na Taganka, que desejavam como é natural o regresso de Lubiomov, seu fundador e director, vivendo o turbilhão das alterações introduzidas por Gorbachev no quotidiano soviético (que a actriz Alla Demidova refere com

clareza), nas vésperas de uma viagem de grande responsabilidade — o coração de Efros não aguentou. A União Soviética e a Europa perderam um dos grandes artistas do teatro do nosso tempo.

Carlos Porto

O Jardim das Cerejas ou O Cerejal de Tchekov

— entre Moscovo e Lisboa com passagem por Paris

«Há o armário (centenário), as cerejeiras (em flor) e os actores (vestidos de branco). Elementos suficientes para que identifiquemos a peça que se vai representar para nós na língua em que foi escrita: *O Cerejal*, de Tchekhov, encenação de Anatoli Efros, oitenta ans depois da sua criação por Stanislavski».

UM espectáculo representado a toque de caixa, um turbilhão bastante desconcertante quando pensamos no ritmo tchekhoviano que nos foi proposto pelos encenadores das nossas províncias (e não dos menores), Peter Brook ou Giorgior Strehler, por exemplo.

Efros, simplesmente, não se esqueceu dos conselhos de Tchekhov: «Sejam mais leves, mais sensíveis, menos fatalistas, menos dramáticos, sejam também mais alegres, como na vida — vida transporta mas vida sempre. E a energia vital dos actores da Taganka no palco do Teatro da Europa é impressionante de simplicidade, de generosidade e duma alegria que, para além da dramaturgia da peça, testemunha a qualidade do trabalho dos actores duplamente órfãos pela ausência de Liubimov e pela morte de Efros.

O mais desconcertante para um espectador «estrangeiro», além do prazer de ouvir Tchekhov em russo — música e sonoridade espantosas — é a relação que a Taganka estabelece entre o palco e a sala. Os intérpretes de *O Cerejal* começam por tomar conta da sala. Todas as falas são ditas para o público para o qual se vira ostensivamente o conjunto dos comediantes como se o que se passasse em cena não fosse possível sem as respostas (risos, atenção) da sala: para os actores da Taganka, sente-se, os espectadores fazem parte das suas preocupações, tanto como o texto ou as indicações do encenador. A própria composição do espectáculo tem o público em consideração: os que estão ali não pretendem apenas que os distraiamos, o teatro é uma necessidade calorosamente partilhada por aqueles que o fazem e aqueles que o

vêem.

O palco está quase totalmente ocupado por uma espécie de enorme almofada com franjas na qual os actores se sentam, assim como trepam por ela, atravessam-na velozmente. É como se fosse uma espécie de tapete de Peter Pan, instrumento de sonho e fantasia, mas no decorrer do espectáculo, as suas funções alteram-se; carrossel, objecto demasiado grande que lembra que o quarto do início é um antigo quarto de crianças que cresceram, depois um cemitério onde vêm encalhar esses mesmos adultos antes de morrer.

Dos bastidores saem grandes véus brancos que palpitam, agitados por um vento primaveril. Acariciam os actores sempre perturbados nos seus movimentos pela almofada como se, nos seus últimos sobressaltos antes duma nova existência hipotética, as almas em perigo de *O Cerejal* não pudessem debater-se em liberdade. São pressionados pelo espaço tanto como pelo tempo: o cerejal não deve ser vendido, obrigando cada um a inventar outra vida? O próprio Tchekhov não travava uma corrida contra a morte quando escrevia a peça?

A primeira cena revela as personagens apertadas umas contra as outras e salpicadas de branco, efeito de luz que evoca a neve mas também as pontas de m velho espelho que reflecte os actores antes destes se movimentarem. Vistas por Efros, as personagens de *O Cerejal* falam sozinhas, incapazes de esquecer as suas angústias para escutar as dos outros. Andam à volta, esbarram-se num palco deliberadamente impraticável. Exibem os seus sentimentos até ao ridículo, a todo o transe. Mas estes gestos exagerados, estes olhares que Eisenstein não recusaria, surgem estilizados, totalmente controlados — e por isso mesmo desconcertantes. Não foi desejo de eficácia que levou Efros a dirigir assim os seus comediantes, mas por necessidade de coerência. Só Lopakhine, filho de mujiques, comerciante suficientemente rico para poder comprar o cerejal à família cheia de dívidas, suspende os seus gestos mal esboçados, como uma espécie de Cristo dilacerado.

Os actores revelam, em todos os momentos, o que uma trupe, apenas pela harmonia que nela reina, dá de energia ao teatro. No papel de Liubov,

Alla Demidova, a actriz predilecta de Lubiomov, é vertiginosa de presença e de inteligência. Ela representa a unidade desta peça fragmentada, o laço permanente entre a vida e a morte, o eixo entre a vitalidade dos actores e a morte, omnipotente: revolver, almofada-cemitério. Representando na cortina de fundo, Liubov agarrando com a mão um rapazinho, torna a morte do filho tangível, morte apenas mencionada no texto e nunca representada.

Na criação deste *O Cerejal* revista por Efros, em 1975, Lopakhine era interpretado pelo célebre actor-cantor Vyssotski. Depois da sua morte, a Taganka tinha suprimido a peça do seu repertório e só a retomou em 1985 com Boris Diatchenko. A morte de Anatoli Efros, em Janeiro, conferiu um sentido ainda mais profundo às últimas cenas da peça de Tchekhov. O enquadramento da cena obscurece as personagens, apertadas umas contra as outras, desaparecem pouco a pouco, na obscuridade, enquanto a seus pés o velho Firs agoniza.

Marion Scali
Libération

O notável encenador soviético Anatoli Efros concedeu uma entrevista ao correspondente da Novosti, Valeri Golujtsov, em vésperas da «tournée» parisiense do Teatro de Drama e Comédia de Taganka (Moscovo) que dirigiu desde 1984.

No ambiente de frenesi provocado pela preparação para as digressões e os ensaios de novos espectáculos, Efros não teve tempo para responder exhaustivamente a todas as perguntas e fixou um outro encontro para o dia seguinte. A sua morte súbita impediu que esse encontro se realizasse...

Valeri Golujtsov — De quem partiu o convite para a Taganka ir a Paris? Com que critérios foram escolhidos os espectáculos a apresentar?

Anatoli Efros — Fomos convidados por Giorgio Strehler, director do Teatro da Europa. Os seus colegas e assessores — críticos, encenadores e administradores — deslocaram-se a Moscovo para ver os nossos espectáculos e escolheram três que nos pareceram, também a nós, apropriados. São encenações recentes — duas peças clássicas — *O cerejal*, de Tchekhov, e *O Albergue Nocturno*, de Gorki, e uma moderna que se chama *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, da autoria de S. Aleksievitch.

VG — O público considera que todas as encenações de Efros, de Shakespeare a Tchekhov, são modernas e mesmo actuais. Tem princípios especiais de acordo com os quais divide as peças em «clássicas» e «modernas»?

AE — Os meus espectáculos clássicos conciliam, espero que duma maneira natural, aspectos modernos e clássicos. Para mim, o que mais importa é a fusão dessas características. É frequente ver, na arte teatral contemporânea, as peças modernas e as clássicas a terem vidas absolutamente independentes. As obras clássicas

interpretam-se sempre do mesmo modo banal, enquanto as peças modernas parecem não ter biografia nem um devido lugar histórico. São montadas no vazio sem que sejam consideradas as riquezas culturais acumuladas pela humanidade. Quanto a mim, sempre procuro conciliar a visão e os sentimentos modernos, a arte, a estética, a psicologia e a vida social do homem moderno com uma atitude atenta e respeitosa para com as obras clássicas. É a minha maneira de ser, dentro da qual já encenei muitas peças de Shakespeare, Molière, Tchekhov, Gogol, Turguev, e adaptei ao teatro vários romances de Dostoievski. Para mim, é uma «fusão maravilhosa» da estética clássica e moderna, uma encarnação da continuidade da história e da cultura que, nas minhas interpretações, se juntam à psicologia moderna.

VG — Gostaria que falasse do *Cerejal* de Tchekhov. Porque voltou a montar este espectáculo já encenado por si no mesmo teatro em 1974?

AE — Não o fiz durante algum tempo por considerações de tacto. Esse espectáculo, muito querido para mim, parecia-me impossível sem Vladimir Vissotski. Tive que dar tempo ao tempo. Depois, voltei a



Efros — o coração não aguentou

trabalhar com essa peça que prefiro às outras obras de Tchekhov. Os actores não tinham esquecido os seus papéis e penso que gostam do nosso espectáculo. Embora reencenado, *O Cerejal* é, de certo modo, um novo espectáculo. No papel de Lopakhine aparece o jovem actor Boris Diatchenko que antes trabalhou no Teatro de Arte de Moscovo. Claro que a sua maneira é um pouco diferente da de Vissotski, mas o sentido da interpretação é o mesmo.

O sentido do Cerejal

VG — E o sentido do espectáculo?

AE — Penso que no *Cerejal*, Tchekhov queria mostrar que a vida é muito impetuosa. Nessa agitação, as pessoas não se dão conta de que acontecem coisas trágicas. Falam, tagarelam, andam e giram como se estivessem num carrossel. Um carrossel absurdo: o perigo aproxima-se cada vez mais e as pessoas estão absolutamente indefesas. Essa ideia é próxima das concepções de muitas pessoas sobre o evoluir do mundo...

VG — Para mim, essas palavras convêm mais para a peça *O Albergue Nocturno* de Gorki.

O Cerejal de Efros

Entrevista inacabada com o encenador do Teatro da Taganka

AE — Na nossa interpretação, essa peça de Gorki está longe de ser uma monótona obra filosófica, imagem que se criou nas mentes de quase todos os encenadores do mundo: os vagabundos reunidos num albergue nocturno a raciocinarem. Para nós, o ambiente dessa peça é uma encarnação da guerra permanente que decorre na camada inferior da sociedade. É um vulcão, um explosivo sobre o qual caminhamos. É algo perigoso, resistente, mutável e capaz de provocar consequências horrorosas. A vida das pessoas é um jogo perigoso como a própria vida.

VG — Será que esses perigos existem também em nós, pessoas modernas?

AE — Sim, é a baixaza do mundo contemporâneo. Traduz-se no facto de sermos hostis e isolados uns dos outros num mundo tão pequeno e frágil como o nosso. Todos têm, porém, no seu foro íntimo a fraca esperança de que a unificação seja possível. Sou a favor dessa esperança. O nosso espectáculo não se debruça sobre a nossa passividade ou a dos outros, mas sobre aquilo que não devemos ignorar. Por isso, temos uma cenografia diferente da habitual. E também os nossos episódios são mais

dinâmicos do que é normal. As nossas personagens são um tanto belicosas e têm sonhos trágicos duma felicidade inatingível. Entretanto, a esperança da unificação e luz existe no nosso espectáculo sob a forma da canção que os heróis cantam no fim, mas que acaba no momento em que recebem a notícia de que um deles se enforcara.

VG — Sei que o espectáculo *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher* resulta duma encenação de uma peça baseada em documentos...

AE — Fiz este trabalho em colaboração com Boris Glagoline que é autor de muitos espectáculos do nosso teatro. Penso que o novo trabalho está próximo do estilo do velho teatro da Taganka. A peça é mais jornalismo do que literatura. Um jornalista pede entrevistas às velhas que sofreram a guerra. Tem que merecer a sua confiança persuadindo-as de que são alvo de profundo respeito e interesse por parte da jovem geração. As velhas acreditam e contam-lhe histórias muito íntimas pelas quais passaram durante a guerra. Este espectáculo apresenta uma fusão de documentos e do espírito teatral, de um conteúdo profundo existente nas his-

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

tórias das mulheres e da estética e dinamismo modernos. Vimos, durante digressões por países estrangeiros, que o público percebe as subtilezas psicológicas graças à maneira como as nossas atrizes se comportam em cena, às expressões dos seus rostos.

A lanterna de Liubimov

VG — *Pode comentar o actual reportório do Teatro da Taganka para refutar as invenções de que teria cancelado os espectáculos antigos?*

AE — Catorze espectáculos encenados por Iuri Liubimov continuam a fazer parte do reportório. Outros porém foram retirados. Isso porque Liubimov tinha um método muito especial de trabalhar durante o espectáculo, colocando o ênfase no ritmo. Eram muitos os casos em que se colocava nos bastidores com uma lanterna na mão acendendo uma luz vermelha para que os actores actuassem mais vivamente ou uma luz verde quando julgava que deviam retardar a acção. Esse método pode parecer ridículo a quem não esteja acostumado, mas não aos actores.

Há já três anos que ninguém dirige os espectáculos com a ajuda da lanterna e por isso estes tornaram-se diferentes. Represento uma outra escola estética, mas muitos espectáculos de Liubimov permanecerão enquanto suscitarem o interesse do público. Há pouco tempo, voltámos a

pôr em cena *Uma Casa na Avenida Marginal*, um dos melhores espectáculos da companhia que sempre obteve grande êxito.

VG — *Lembrei-me por acaso daquilo que escreveu no seu livro «A Minha Profissão de Encenador»: «A arte teatral progredirá se dois artistas de orientações estéticas diversas trabalharem no mesmo teatro. Dois encenadores de diferentes escolas teatrais.» Pode repeti-lo hoje?*

AE — Escrevi-o na altura em que encenava *O Cerejal* no Teatro da Taganka. Parecia-me então que cada um de nós, eu e Liubimov, exagerávamos as nossas maneiras. Surgiu-me, por isso, a ideia de que a colaboração seria útil para os dois. Um poderia aprender com o outro. Ele, a sensibilidade psicológica. Eu, as técnicas formais. Com ele, de facto, *O Cerejal* combinou o espírito da Taganka e o meu estilo. De resto, no entanto, essa ideia é contestável. Para realizá-la, não só é necessário compreendermos bem a nós próprios como também ter uma atitude tolerante para com a maneira do outro. Não me parece que o tenhamos conseguido naquela altura. Continua a ser um sonho meu. Gostaria de trabalhar com um encenador que fizesse espectáculos absolutamente diferentes. Seria para mim uma competição interessante.

VG — *Não sentiu, porventura, inveja por aquilo que o seu colega fizera, sobretudo nos casos em que fora*

mais bem sucedido?

A.E. — Fizemos concorrência criadora. O que mais importa é o próprio espírito de criação e não a inveja ou ciúmes. Para mim, os espectáculos de Liubimov sempre foram um acontecimento considerável. Vi-os todos e gostei de muitos. Depois do espectáculo, ia ter com ele, estava quase sempre entre os primeiros espectadores e participava em todas as discussões sobre a sua obra. As suas criações eram, para mim, uma espécie de «doping». «Ele alcançou cumes artísticos dentro da sua maneira e o que posso opor-lhe, de acordo com a minha?», pensava eu então. Muitos dos meus espectáculos eram resultado da concorrência artística e criadora. Tinha a impressão que ele fazia o mesmo em relação a mim. Quero dizer que ele se dava conta de que as suas buscas de encenador que não se preocupa com os actores, iam por vezes longe de mais. As invenções são poucas e repetem-se. Por isso, Liubimov procurava algo noutras áreas. Tinha pelo menos esta impressão e chegava a pensar que foi, talvez, porque viu alguns dos meus espectáculos e queria assimilar qualquer coisa deles. Mesmo que não o fizéssemos, só pensar assim seria muito útil. Infelizmente, tracei um quadro ideal. Na realidade, era tudo um pouco diferente.

Novos encenadores

V.G. — *Há outros encenadores no seu teatro? Jovens?*

A.E. — Claro que sim. Alguns traba-

ham com êxito. E, por exemplo, o caso de Sarkisov que acabou de encenar o *Coriolano* de Shakespeare. Outro encenador, Artsibachev, que trabalha nesta companhia desde há bastante tempo, está a encenar a peça *Lições de Música*, de Liudmila Petruchevskaia.

V.G. — *Como responsável pela encenação até que ponto se imiscui no trabalho dos seus colegas?*

A.E. — Não me imiscuo de modo algum. A única coisa que me permito são conselhos. Não admito voluntarismo nenhum. Só dou a minha opinião. Não se deve interferir no trabalho que não se conhece bem, sobretudo quando se está ocupado noutra coisa.

Prefiro que o espectáculo tenha lacunas, nesse caso o encenador poderá tirar lições adequadas. Essa mesma atitude, sempre a tive em relação a mim próprio. Nunca permitia a ninguém, quando comecei, que se imiscuisse no meu trabalho e sempre me senti ofendido quando o tentavam fazer.

VG — *Há no seu livro alguns trechos que me surpreendem. Por isso, quero perguntar-lhe: quais as suas relações com o tempo, seu concorrente que animou com a ajuda do teatro?*

AE — *Sabe, tenho medo do tempo. Corre muito depressa e não parece trazer nada de bom. Por isso, tenho pressa e muitos planos para cumprir.*

VG — *Diz que o tempo não lhe traz nada de bom. É pessimista?*

AE — Sim, sou. E porque ser op-

timista? O tempo passa, as doenças aparecem, as decepções e as mágoas persistem.

VG — *Leva tudo muito a peito...*

AE — Sou assim e sofro por isso.

VG — *E nem por isso deixa de ler as críticas...*

AE — Encaro a crítica como uma espécie de desgraça. Entre os críticos, há quem não saiba nem queira saber do nosso trabalho. São arrogantes de mais. Teriam sido ridículos se não fossem tão perigosos. Há porém muitos de quem gosto. Turovskaia, Solovieva, por exemplo, e outros também. Quer isto dizer que tenho confiança neles. Se me criticam a mim, sinto-me magoado. Essas críticas não me irritam. Só me levam a reflectir.

VG — *Mudanças revolucionárias estão a operar-se no teatro soviético. Muitos colectivos participam na «experiência teatral». É a sua companhia?*

AE — Não temos pressa. Tem que passar algum tempo para saber os aspectos positivos e negativos da experiência. Na minha opinião, esta tem que fornecer determinada liberdade artística ao teatro. Mas que liberdade? Para já não o posso dizer com certeza absoluta. Penso também que só por si a experiência não vale nada. Deve assegurar às pessoas de talento condições propícias à criação, só que são necessários talentos autênticos. A experiência ajudará, talvez, a identificar esses talentos.

Encontro com Alla Demidova: As Gaivotas do Luxemburgo

All Sergeenna Demidova, principal actriz do Teatro da Taganka, foi a intérprete do papel de Liobov Andreevna Ranievskaia no *Cerejal* de Tchekhov, encenação de Anatoli Efros. Eis o que ela nos disse, horas antes da estreia.

«O ensaio terminara, era meio-dia. Saí do teatro pela porta dos actores. E ali estava, à minha frente, ainda aberto, o portão do jardim. Do jardim de Luxemburgo.

Duzentos passos mais longe fiquei imobilizada. Sobre um pequeno lago um bando de gaivotas voava baixo. Um velho homem com uma capa cinzenta lançava-lhes pedaços de pão. As gaivotas mergulhavam, batiam as asas velozmente, subiam de novo. Planavam às voltas. Como são belas, as gaivotas.

Com a cabeça erguida, olhava esta roda tão branca, e imediatamente evi *O Cerejal*, tal como a representámos pela primeira vez com Efros, em 1976.

Liubimov e Efros eram amigos. Liubimov teve a gentileza de convidar Efros que queria encenar a peça de Tchekhov na Taganka. Maravilhosa recordação. De repente, nas paredes do teatro, houve um ar de novidade, um ar de festa. É que Liubimov usava mão firme connosco, e aos comediantes, por vezes, falta-lhes o pé. E por isso com Efros, sob o olhar sorridente de Liubimov, era um vento que se levantava, um clima de recreio. E, para nós, uma grande vaga de amor.

Foi um *Cerejal* muito belo. Vissotski interpretava Lopakhine. Foi um *Cerejal* quase aéreo, que rodava, e dançava, e as personagens que Tchekhov inventou não pesavam sobre a terra, havia nelas uma dúvida, uma hesitação impalpável. E o negro, o negro das suas vidas, era visível, só que um pouco mais longe, como que uma aparição que não ousava passar a porta.

As duas gaivotas de Tchekhov

Foi por isso que o «ballet» dessas gaivotas do Luxemburgo me lembrou o nosso *Cerejal* de 1976. Porque essas gaivotas tão belas, tão elegantes, são pássaros cruéis: matam, dilaceram a carne crua e soltam um grito selvagem, gutural, pavoroso.

É a mesma gaivota, mas são também duas gaivotas. E interpretar Tchekhov é tocar o fio finíssimo que separa estas duas gaivotas, mas deixando ver a primeira porque o teatro é muito belo e procurando com exactidão adivinhar a segunda. Sim, Tchekhov representa-se sobre um fio.

Foi próprio Tchekhov a dizê-lo, precisamente a propósito do *Cerejal*, mas infelizmente trata-se de um problema de subtileza de pronúncia que não é traduzível em francês.

As duas cerejeiras de Tchekhov

Vejamos. Ele dizia: É um sonho, uma cerejeira quando está em flor, uma «fé-rie» de espuma branca, e se uma rapariguinha encantadora corre na manhã sob essas nuvens de flores e regressa a casa, pronuncia «a cerejeira» com uma voz especial, pondo o acento numa certa sílaba.

Mais tarde, por altura das colheitas ou quando as árvores estão negras e torcidas pelo Inverno, um administrador ou um comerciante, ao falar da venda das cerejas, pronuncia essa palavra «cerejeira» duma maneira completamente diferente, pondo o acento noutra sílaba. E a cerejeira, ela inteira, está nisso, entre esses dois acentos tónicos: ouço, muito perto, a voz da rapariguinha, e ao mesmo tempo, atrás e mais longe, a voz do comerciante.

Sim, representávamos este *O Cerejal* em 1976, e depois Vissotski morreu. Houve então duas peças que não quisemos nunca mais representar sem ele: *Hamlet* e *O Cerejal*.

E depois foi o segundo golpe duro: Liubimov partiu. Sentimo-nos perdidos. Não tínhamos coragem para nada.

Esta confusão tinha a ver com coisas muito profundas, como o nosso teatro, claro, a Taganka de Liubimov, coisas que eram também a vida inteira, na União Soviética. Nos anos 60 houvera sobretudo duas mudanças, duas espe-



O Jardim das Cerejas em Lisboa, ou o toque de João Lourenço

ranças: uma revista literária, *Novi Mir*, e a Taganka.

Dois pólos de evasão que diziam ao público: estais doentes. É preciso que saibais que estais todos doentes. E que cada um deve tratar-se, tentar curar-se. E isso resultou. Foram anos de consciencialização. E a alma da Taganka, o seu nervo, era Liubimov que não largava nunca o freio. E eis que já não o tínhamos.

E, nesses dias de sofrimento, impuseram-nos Efros em seu lugar. Obrigaram-nos a aceitá-lo.

Oh! Talvez nós próprios, um dia, o tivéssemos chamado, antes ele que qualquer outro. Mas com o desgosto, é preciso ter cuidado. Impuseram-nos Efros sem o intervalo necessário. Demasiado cedo. E demasiado brutalmente.

Há também Gorbachev

E, cumprido o luto de Vissotski, embora a sua ausência continua a pesar, retomámos *O Cerejal*, que vamos apresentar. Passou-se uma coisa muito estranha: é a mesma encenação, os mesmos cenários, os mesmo fatos, os mesmos actores em mais de um papel — mas não é a mesma peça. De maneira nenhuma. A dança das gaivotas desapareceu. O fantasma negro de detrás da

port aproximou-se. Há uma amargura, perdeu-se a subtileza. A morte de Vissotski, a ausência de Liubimov, não são os únicos responsáveis por esta mudança. Há também Gorbachev.

Ele suscitou uma perturbação que muitos ainda não dominaram. Porque, se assim o podemos dizer, hoje tudo está aberto para nós. Tudo nos é permitido. E não sabemos o que fazer.

Em primeiro lugar por causa da linguagem, por causa das palavras. Porque as palavras, desde há muito tempo, tinham servido, muito, para mentir, para travestir. De tal maneira, que para viver de outra maneira, agora, precisaríamos de outras palavras.

Nas últimas reuniões de escritores, de artistas, o ministro apareceu. Anunciou, claramente, as novas perspectivas. Foi assobiado. Depois dele, uma actriz muito conhecida, estimada, falou para confirmar esta libertação. Foi assobiada. Porquê? Não era a liberdade, o ministro, a actriz que eram assobiados. Eram as palavras que utilizavam para anunciar as novidades, as velhas palavras.

Esquecer as palavras da mentira

Também sinto isto no teatro em Moscovo, todas as noites, quando represento. Duas peças que represento há

vinte anos, de que o público gosta muito, agora os espectadores tosseem, estamos à beira da ruptura, de incidentes.

Mesmo com esta peça, *O Cerejal* Ranievskaia, é um grande papel, mas sou capaz de o interpretar, mais ou menos, não é uma coisa impossível. Nas últimas semanas fui obrigado a esquecer tudo, a transitar outra coisa. De levar ao esquecimento das palavras. De dar a apreender, apenas, muito para lá das palavras, uma pureza, a ausência da mentira. O passado de Ranievskaia, a morte do filho, Paris, os seus amores, os seus projectos? Não. Não é isso que eles querem. Só querem ouvir uma coisa que seja completamente nova: a verdadeira ausência da mentira. E é isso que poderão ver, aqui em Paris, e eu tenho o medo que não seja isso que aqui se espera.

Mas, ao mesmo tempo, não devemos trair Tchekhov: não devemos representar apenas a cerejeira branca da rapariguinha, nem apenas a cerejeira negra do comerciante.

— *Como representá-la então?*

— Como Efros nos ensinou em 1976.

— *Mas Efros acaba de morrer.*

— Não posso falar nisto, é demasiado recente.

Entrevista de Michel Cournot
(Le Monde)

MULHERES DO MEU TEMPO

Ela é uma das raras mulheres colocadas pelos seus pares, homens e mulheres, no topo da hierarquia sindical. Chama-se Graciette Cruz, tem 32 anos de idade e é Presidenta do Sindicato dos Tabacos. A vida na fábrica e as lutas sindicais dos últimos anos radicalizaram nela uma antiga convicção:

enquanto continuarem a ser cometidos atentados contra os direitos mais gerais dos trabalhadores, como o de receber o salário justo em tempo devido, não é possível alcançar a emancipação plena da mulher.

Graciette Cruz

por Daniel Reis

Filha de uma família operária do Barreiro, Maria Graciette Cruz trabalha desde os 19 anos na Tabaqueira. Faz, aliás, jus à casa, fumando como o mais nervoso dos reporteres, que saiu a fumar da Redacção para a entrevista e continuará envolto em núvens de fumo até descansar, com o jornal sacado à boca da rotativa.

Casou aos 21. Um ano depois nasceu-lhe o filho João.

Na Tabaqueira, os plenários e reuniões de trabalhadores contribuíram fortemente para o despertar de Graciette. A sua garra de lutadora foi calçada no envolvimento participativo das mulheres, em contraste com o deixa andar dos homens que, sendo a maioria, se bem que não muito acentuada, ocupavam na empresa os lugares melhor remunerados.

«Fiz parte do grupo eleito para alterar os Estatutos da Comissão de Trabalhadores, em 78/79», conta. «Tudo começa aí. A maior parte eram mulheres. Homens apareciam um ou dois. Por isso, ainda não era o envolvimento activo nas questões sindicais. Tratava-se mais de uma fuga aos tachos e às panelas. O Sindicato só vem depois. No Sindicato dos Tabacos vivia-se, antes, quase exclusivamente para a negociação de contratos colectivos. Negociado e assinado um contrato, dava-se uma natural rotação de quadros».

Em Junho de 79, de uma Direcção inteira, ficara apenas uma mulher em funções. Foi ela quem propôs o nome de Graciette Cruz para a nova Direcção.

Desde então, a Presidenta (ou Coordenadora, como ela gosta que lhe chamem) tem sido sempre reeleita. Embora se trate de um quadro sindical competente-são os colegas quem o diz-tanta reeleição não terá sido ajudada também pela simpatia pessoal, visivelmente contagiante? Ou, dito sem pruridos falsos, por se tratar de uma mulher, de facto, muito bonita, felinamente convincente?

Provocatória, talvez, a pergunta. Mas Graciette Cruz responde-lhe com uma fuga lateral que admite serem ainda avaliados, muitas ve-



Graciette Cruz vista por Amílcar Teixeira

A Presidenta do Sindicato

zes, os quadros «mesmo sindicais, pelo seu aspecto físico». Só que ela não acredita ter sido isso determinante:

«Julgo que os trabalhadores me aceitam e confiam em mim, independentemente da minha simpatia e do meu aspecto físico, pelas minhas qualidades de trabalho. Aliás, o marialvismo e o machismo já foram apagados pela roda da história e não passam de manifestações de carácter provinciano».

«As mulheres, sendo diferentes, insiste-têm as mesmas capacidades que os homens. E quando há mulheres a participar em qualquer tarefa, elas vão até ao fim, são mais activas e menos volúveis. É por isso que as mulheres neste Sindicato levaram, geralmente, o seu mandato até ao fim, enquanto os homens...».

Sentados frente e frente, no seu gabinete, não há tempo a perder em amabilidades. Graciette Cruz, como sindicalista experiente que é, aceita a conversa, que o repórter provocara, como ocasião para repisar, as vezes necessárias, as principais questões que se colocam às mulheres trabalhadoras, e não como montra para luzir os méritos e

vaiedades pessoais.

Ela foge, felinamente, mas com a naturalidade de quem tocou as realidades na prática, às questões pessoais. Pessoal, sim, é o modo como evita alguns dos chavões dominantes na corrente maioritária do sector.

Advertiu que «não é por acaso que se volta a falar dos subsídios às donas de casa» e apontou duas situações concretas de discriminação. Uma é a perda do direito ao subsídio de assiduidade pelas mulheres, após os três meses de baixa de parto; a outra acontece na Tabaqueira, que fornece o grosso dos filiados no Sindicato dos Tabacos, e onde, segundo esta «compradora» (tal era a função da Presidenta dentro da empresa, antes da requisição), «quando abrem concurso para comprador, se concorrem mulheres, depois nem as chamam».

«Não se deve premiar uma mulher pelo facto de o ser, mas o contrário também não», sintetizou, apontando como exemplo significativo outro sindicato, onde «há treze mulheres na Direcção e um só homem e é este quem exerce as funções de Presidente».

«O trabalho sindical é parte da

minha respiração», confessou Graciette Cruz, ao abrir-se uma brecha no seu discurso funcional e, quase diríamos, oficial. «Não suportaria mais o ramerrame do emprego das nove às seis, nem a guerra diária com os tachos e as panelas».

Claro que tendo um filho adolescente e sendo Graciette Cruz divorciada, há alguns anos, há outra mulher, discretamente, por trás desta mulher, a apoiá-la. É a própria mãe, que cuida do neto João.

«Não é fácil ser mãe-trabalhadora e, ainda por cima, dirigente sindical», comenta. «Mas qualquer mudança, para se aprofundar, lança sempre o velho contra o novo. É a nossa geração, a geração do 25 de Abril, tem de assumir os custos da mudança. É isso que tento fazer perceber ao meu filho de 10 anos de idade. Julgo que ele, inteligente como é, fica orgulhoso por ver como a mãe participa nesse esforço».

No discurso fluente e seguro de Graciette Cruz notam-se, de raro em raro, algumas fissuras onde correm veios emocionais. Nota-se isso, nomeadamente, quando fala de outras mulheres, como as do Alentejo («As heroínas que eu elegeria, por lutarem pelo direito ao trabalho e contra a fome») e como a sua própria mãe:

«Foi por pressão dela que eu estudei e completei o quinto ano. A minha tendência ia toda para modista e foi a minha mãe, que nunca trabalhou fora de casa, quem me motivou a estudar. Naquele tempo, tão diferente dos dias de hoje, a minha mãe já estava bem atenta aos sinais de mudança e inquieta quanto ao futuro. Nunca lho agradecei suficientemente. E se o meu dia a dia se envolve, hoje, na fraternidade dos sindicalistas e dos trabalhadores, devo isso em grande parte à minha mãe».

Uma chapelada do repórter para a Presidenta, ainda que este encontro com uma mulher do seu tempo tenha resultado em prosa algo impessoal. Não é de rosas o chão que as mulheres pisam, mesmo que delas emane a magia e a força que só fugidamente eu soube captar nesta conversa com Graciette Cruz.

Henrique Ruivo

Continuação da pag. 1

tribal visa contar uma origem lendária, a máscara do pintor representa por sua vez a origem como lendário. Por conseguinte, a obra reenvia a uma «incógnita» fundamental, a uma despersonalização do artista. De resto, o «incógnito» era, em Veneza, uma máscara, o «grau zero» da máscara, como o diz Hubert Damisch, uma máscara que não substitui a identidade mas a aula. (Lembremos aliás que «persona» em latim, significa máscara.)

A despersonalização, ou a dissociação entre Eu e Mim sobre a qual insiste a máscara, surge nas telas de Henrique Ruivo que afirma: «cada um de nós está

em todas as coisas, ora como espectador ora, em simultâneo, como autor e observador de si próprio». Daí, a presença, na tela, dos corpos fragmentados que deixam entre os seus elementos espaços vazios que figuram os esquecimentos e tornam impossível a apreensão de um Eu único e unificado. O artista encontra então, através desta fragmentação, os fantasmas angustiantes da infância, fantasmas ligados à pulsão de morte e a todo o poder castrador dos animais ferozes, dos diabos, das facas, que nos transmitem também os contos.

Infância do artista, mas infância também da Humanidade, com as figuras que pertencem à mitologia, como o an-

drógino ou o fauno. Como pintar a angústia? Como exorcizá-la? Pintar a máscara, pintar-se mascarado, equivale a pintar-se angustiado e angustiante, a representar o medo visceral da infância: «masca», em baixo latim, significava máscara e bruxa, e a famosa máscara veneziana, a «bauta» devia o seu nome ao grito «bau, bau», com o qual se assustavam as crianças. O medo de perder o Eu, medo de ver a identidade devorada fazem apelo ao mimo catártico que é a representação. Mas este medo contagioso, medo pânico, não tem cura, como o indica esta outra forma da máscara pintada por Henrique Ruivo, o ornamento, o friso que tenta circunscrever

o quadro e se deia, porém, devorar numa parte; o interior devora exterior, o conteúdo invade o continente. Impossível, portanto, assinar uma identidade definitiva ao sujeito, ele explode, transborda, de si próprio, contaminando e contaminado pela angústia. A representação transborda num real impossível, a memória transporta o fantasma do acontecimento, como o leproso mascarado veicula a sua doença.

Henrique RUIVO, Anamnesis, Galeria ANA ISABEL, Março-Abril 1987, Rua da Emenda, 111-1.º — 1200 LISBOA.

Chaké Matossian

Mensagens Pessoais

Vende-se por 40 000\$00

Guitarra portuguesa como nova. Bom fabrico em madeira exótica. Inclui estojo. Tels: 043/23700 — 27 594. Apartado 173. 2002 Santarém. Co-dex.

Editor para livro de anedotas

Preciso editor para livro de anedotas, com mais de noventa páginas garantidas, tendo a sua maioria já sido publicada no Concurso de Anedotas do jornal «Diário Popular», em que três das quais venceram o certame. Todas as propostas nesse sentido devem ser remetidas para o seu autor: José Feiteira de Bessa, Rua do Garrido, 48-1.º, 1900 LISBOA.

ACP — Autogrupos

Cedo posição ACP — Autogrupos — 27 prestações pagas. Nissan Micra — faço 10% desconto. Tel. 983 54 66 depois das 20 horas.

Matsinhe — oficina, galeria

Exposições de: pintura, desenho, gravura, molduras, pintura e restauro de azulejos século XVII feito e pintado à mão 14x14. Escadinhas do Arco da Dona Rosa, 7 Alfama (entrada pelo Pátio dos Remédios — Rua dos Remédios Alfama). Aberto das 10 às 22 horas.

Vivenda zona Sintra

Vende-se em zona residencial de Mem-Martins, 7 assoalhadas (5 quartos, sala e salão c/lareira), 3 WC, garagem, terreno c/1000 m², jardim e água própria (furo c/ 65 m). Tel. 921 26 52 depois 19 h ou fins semana.

Guarda-fato

Vendo guarda-fato grande, 3 portas com bom espelho, impecavelmente bem conservado. Uma cama de pessoa só, como nova, em madeira de castanho clara. Seis cadeiras em madeira de castanho (não foram estreadas) clara. Um secador de roupa não eléctrico. Tudo barato.

Selos

Vendo colecções nacionais, estrangeiras, pagelas, colecções repetidas e Ultramar (1934-1986). Vendo tudo em conjunto (particular). Contactar pelo Tel. 664508. Das 14 às 19 h

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, às suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.